FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 21 DE JANEIRO DE 1961

ANO 40.º — NÚMERO 13 688

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MÁRIO NEVES

TELEFS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: L I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O discurso de Kennedy recebido com entusiasmo em todo o Mundo

LONDRES, 21. — Num comentário feito na noite passada sobre o acto de posse do presidente John Kennedy, a Rádio Moscovo afirmou que a Russia faria todo o possível «para que as sementes de amizade produzam resultado benéfico».

«Existe muita esperança no discurso de posse do novo presidente. Quando deram os seus votos a John Kennedy, milhões de Americanos pediram uma nova política, uma nova orientação nas relações internacionais.

«Muitos países acolheram com agrado a eleição de Kennedy e esperaram por uma atitude construtiva no que respeita a questões mundiais importantes. O povo soviético julga que, juntando os seus esforços, os nossos dois países podem conseguir uma melhoria na situação internacional, acabando com a suspeita e chegando a um entendimento».

Por seu turno, o embaixador da Russia, Miguel Mechilkov, entrevistado por um repórter da TV durante o grande baile inaugural no National Guard Armory, em Washington, declarou que, na sua opinião, o discurso de Kennedy marca «um ponto de viragem nas relações» entre os Estados Unidos e a Russia.

Como se sabe o chefe do Governo russo, Kruchtchev, enviou de Moscovo uma mensagem de felicitações ao novo presidente. — (A. N. I. e R.).

MENSAGEM DO PAPA A KENNEDY E A EISENHOWER

CIDADE DO VATICANO, 21.—O Papa João XXIII enviou uma mensagem ao presidente John Kennedy na qual pede bênçãos para o chefe de Estado americano nas suas funções oficiais.

Os Russos estão dispostos a colaborar

O pontifice enviou também uma mensagem ao antigo presidente Eisenhower.—(Reuter).

A VENEZUELA CONGRATULA-SE COM AS PALAVRAS DE KENNEDY SOBRE A AMERICA LATINA

CARACAS, 21. — «O Governo e o povo venezuelano estão certos de que o seu Governo saberá promover uma política nova e activa para com os povos da América Latina que só aspiram a uma mais estreita cooperação, condição essencial para uma autêntica solidariedade continental», declara o presidente Romulo Betancourt na mensagem de felicitações que enviou ao presidente Kennedy.

Depois de formular os seus melhores votos para o êxito da missão do presidente Kennedy «nestes momentos decisivos para o fu-

(Continua na ultima página)

Eisenhower, o presidente cessante, fala de lado para o presidente Kennedy, que lhe sucede na Casa Branca. Chapéu alto, das boas maneiras e das grandes ocasiões, e a boa disposição evidente de Kennedy, com a sua juventude, são um bom prenuncio para os quatro anos que se seguem. A fotografia foi tirada ontem á saída da Casa Branca para a cerimónia do juramento

Nota do dia

O PODER DAS PALAVRAS

Os comentadores de política internacional já o disseram. Com a subida do Partido Democrático ao Poder volta-se uma página na história dos Estados Unidos. As mesmas preocupações, porventura agravadas, e novas responsabilidades aguardam o Presidente que ontem tomou posse no meio de uma transbordante alegria popular. Nos Estados Unidos, o povo toma uma parte activa na vida pública e os dirigentes têm de se subordinar às regras do jogo que os obrigam mùtuamente. É esta a lição proveitosa a tirar dos métodos democráticos, que noutros países não se mostram tão eficientes, mas que na grande confederação norte-americana, pelo menos até prova em contrário, continuam a afirmar as suas virtudes. O povo americano orgulha-se justamente das suas instituições políticas e da liberdade de que goza e nenhum presidente se atreveria a restringi-la, fosse sob que pretexto fosse, sem correr o risco de abrir um abismo profundo entre ele e a opinião pública. Tal como aconteceu em 1933, quando Franklin Roosevelt iniciou o seu primeiro mandato, a actual situação económica — para não falar das sombrias perspectivas internacionais — dá lugar a algumas preocupações. Para restabelecer a confiança do povo americano nos seus destinos, Kennedy faria bem em repetir a frase memorável de Roosevelt em face do receio manifestado pela população quanto ao futuro: «A única coisa de que devemos ter medo é do próprio medo». As palavras têm, por vezes, um poder mágico. E a exortação de Roosevelt teve uma influência decisiva na recuperação económica que se operou durante o seu mandato. Oxalá que, em idênticas circunstâncias, palavras semelhantes produzissem os mesmos efeitos — nos Estados Unidos como noutros países a braços com dificuldades económicas e políticas que não deixam de ensombrar o futuro.

KRUCHTCHEV ENCONTROU-SE com o embaixador dos Estados Unidos em Moscovo

MOSCOVO, 21. — O Chefe do Governo russo, Kruchtchev, conferenciou durante duas horas com o embaixador dos Estados Unidos, Llewellyn Thompson, acerca das «relações russo-norte-americanas» — anunciou a embaixada norte-americana.

A entrevista realizou-se, hoje, a pedido de Kruchtchev. A embaixada recusou-se a prestar pormenores sobre o encontro. Porém, julga-se que o dirigente russo estava ansioso por entrar em comunicação com o novo Governo norte-americano, depois do discurso inaugural do presidente Kennedy. — (A. N. I.).

Visado pela Comissão de Censura

Também o Mali pede uma reunião do Conselho de Segurança por causa da situação de Lumumba

NOVA YORK, 21 — O presidente do Mali enviou um telegrama á O. N. U. pedindo a convocação do Conselho de Segurança a fim deste examinar, com a participação dos Estados que tomaram parte na Conferência de Casablanca, a situação actual no Congo. O presidente Modibo Keita queixa-se do tratamento dado a Patrice Lumumba e

(Continua na ultima página)

O subsecretário do Exército, o segundo a contar da direita, assistiu ao juramento de bandeira dos recrutas de Infantaria 1. (Ler notícia na página central)

* Magazine * Juvenil *

Diario de Lisbôa de hoje é de 32 páginas e inclui

Magazine

A sede de prazer no tempo de Napoleão * Os selvagens da Jamaica dominados por Colombo que os ameaçou com um eclipse * Lollobrigida toda nua * Para os mais pequenos * Para bem da saude * Duas guerras latentes nos meandros da O. N. U. * Conheça a sua estrela (Horoscopo) * A época de Carlos II na Exposição de Inverno no Royal Academy de Londres * O ciclo do «Rock and Roll» está prestes a terminar * A delinquência juvenil é agora menos grave * O riso da semana * Xadrez para todos * No mundo dos discos * Panorama Internacional

Juvenil

Uma tarde * Pasteur, grande exemplo para os novos * Cada qual sabe o que sabe * Os meus problemas * Mais e menos * Um helicóptero sem motor * O meu professor tal * O poema dos meus poemas * Maldito destino * Palhaço boneco

* Magazine * Juvenil *

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

C. LDAS DA RAINHA AGRADECE

Vieram das Caldas da Rainha a Lisboa, elementos grados da vida dessa linda e operosa cidade. Vinham em força. Representantes do Município, com o presidente á frente, da industria e do comércio, do professorado secundário e primário, dos organismos corporativos, do jornalismo e dos empregados. Em Lisboa se lhe juntaram deputados pelo círculo eleitoral. Essa numerosa e valiosa comissão, com o governador civil do distrito, subiu ao Campo de Santana. Objectivo da vinda e da ida á colina de onde se orienta a educação portuguesa: manifestar ao sr. ministro da Educação o reconhecimento das Caldas da Rainha pela solução dada ao problema da criação de uma Escola Comercial e Industrial e construção do respectivo edifício. E' que o nucleo populacional das Caldas é hoje em dia um centro de primeiro plano na vida portuguesa e a sua região, rica de produtos agrícolas e de fábricas de onde saem os artigos mais variados. A Escola Comercial e Industrial das Caldas da Rainha a sua condigna instalação era uma necessidade. Solucionou-a o sr. eng. Leite Pinto. As Caldas agradece-lhe. Foram depois os Caldenses agradecer ao sr. eng. Quartim Graça o ter cedido o terreno para a edificação da escola. Eram terrenos da IX Região Agrícola. São reconhecidas as gentes das Caldas.

POÇO DA MORTE

Num poço de Vila Franca, concelho de Ervedal da Beira, lavava roupa a sr.ª Albertina dos Reis, casada, mãe de três filhos já homens e comerciantes na terra onde nasceram e vivem. Demorou muito no lavadouro e, em casa, a filha Josina dos Reis estranhou. Foi á procura da mãe e deu com o cadáver a boiar á tona de água. Gritou com o desespero da dor profunda. Vieram vizinhos e retiraram a sr.ª Albertina do poço, mas nada havia a fazer.

*

VIDA POLÍTICA

Com o sr. Presidente do Conselho trabalhou ontem o sr. ministro da Defesa.

VENENO

Morava na Rua Fr. Amador Arrais, 4, 4.º, Dto., a sr.ª D. Graziela Reich de Almeida, viuva, tradutora. Não se sabe como, ingeriu por engano uma poção venenosa. Foi encontrada inanimada por um filho seu que a conduziu a S. José onde os médicos apenas se limitaram a verificar o óbito.

*

ARMA DE FOGO

O sr. Jerónimo Costa, de 34 anos, de Vila Franca do Rosário, em Torres Vedras, foi atingido com um tiro da arma que empunhava. Veio logo para S. José, mas o tiro fora mortal e, quando deu entrada, o sr. Costa era cadáver. Recolheu ao Instituto de Medicina Legal.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência, no Palácio de Belém, os componentes da direcção do Orfeão Universitário do Porto, que lhe foram entregar o diploma de sócio honorário daquele agrupamento. Estiveram a inscrever-se no livro de cumprimentos ao sr. Presidente da Republica, os srs. capitão-de-mar-e-guerra Luís de Arriaga Sá Linhares; dr. Delfim Linhares de Andrade, presidente da direcção do Grémio dos Armadores da Pesca do Atum; eng. Carlos Alberto de Carvalho Klut de Andrade; e João da Silva Neto, vogais da mesma direcção.

Diario de OUTRA BANDA

Visita de engenheiros

às fábricas da C. U. F.

no Barreiro

Um grupo de 160 engenheiros visitou hoje as instalações fabris da Companhia União Fabril no Barreiro. Foram ali recebidos pelos srs. engs. Teixeira Lopo e Almeida Cabral, chefe das relações públicas. Os visitantes, que percorreram demoradamente todas as instalações, tiveram oportunidade de apreciar o desenvolvimento técnico daqueles serviços e, ainda, as instalações sociais dos funcionários e operários. Com esta visita sobe a 600 o numero de engenheiros que recentemente ali se deslocaram.

AVARIA

numa automotora na Baixa da Banheira

A automotora de Vila Real para o Barreiro que faz a ligação com o barco das 12 e 5 para Lisboa, ao passar pela Baixa da Banheira foi forçada a parar ali durante um quarto de hora, por se lhe ter partido o veio de transmissão. Foi imediatamente reparada e não houve quaisquer outros prejuizos.

Uma esquadra alemã

vai fundear em Setúbal

No próximo dia 30 do corrente, em visita de cortesia, entrará no porto de Setubal uma força naval alemã composta de sete navios, a qual ali se demorará até três de Fevereiro. As guarnições dos draga-minas e corvetas que constituem essa formação totalizam 31 oficiais e 615 cadetes, sargentos e praças.

As entidades competentes estão elaborando o programa da visita.

Cinemas

ALMADA — *Incrível Almadense* — A's 21 e 15: «A 3.ª chave» — (17 anos).

AMORA — *Cine-Teatro* — A's 20 e 45: «O desconhecido» — (12 anos).

MONTIJO — Cine-Teatro — A's 21 e 15: «Feitiço andaluz» e «D. Juan» — (12 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Gameiro* — L. António Santos Jorge, 15 — (T. 034100).

ALMADA — *Nuno Alvares* — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 39-C—(T. 070504).

BARREIRO — *Higiénica* — R. Miguel Bombarda, 176—(T.023217).

COVA DA PIEDADE — *Cerqueira Afonso* — P. 5 de Outubro, 18 — (T. 070254).

MOITA — *União Moitense* — Av. Dr. Teófilo Braga — (T. 039025).

MONTIJO — *Higiene* — R. José Joaquim Marques.

SETUBAL — *Higiene* — R. Frei Agostinho da Cruz, 5-7—(T. 22408). — *Portugal* — R. Camilo Castelo Branco, 34-38 — (T. 23211).

Nas localidades onde há uma só farmácia, esta encontra-se de serviço permanente).

«KARTING»

— um novo espectáculo pela primeira vez em Lisboa

Lisboa vai conhecer finalmente o magnífico espectáculo que, hoje em dia, empolga as multidões, principalmente nas grandes capitais. Trata-se do «Karting» — competição automobilística que provoca extraordinária emoção.

Os minúsculos carros, normalmente conduzidos por volantes de grande categoria, conseguem, na pista, fazer médias interessantíssimas e as competições dos «Karts» arrastam milhares e milhares de pessoas, entusiasmadas pela luta constante que se trava entre os seus condutores.

Pois é esse o espectáculo sensacional que o publico de Lisboa, principalmente o afecto ao automobilismo, vai ter ocasião de apreciar, no próximo dia 5 de Fevereiro, numa organização da Firestone Portuguesa, com a colaboração técnica do Clube «100 á Hora», clube onde os interessados podem, desde já, fazer as suas inscrições e conhecer todas as condições das provas.

A CIDADE

Pela Polícia

ROUBO DE MALAS — De uma residência, na Rua Marquês da Fronteira, foram roubados, em 7 ou 8 do corrente, vários artigos, entre os quais duas malas. São de fibra inglesa, com «beige», uma no valor de mil escudos e a outra de setecentos.

O gatuno, que já foi preso, confessou que uma dessas malas a abandonara em terrenos do Campo Grande, talvez no Mercado Geral de Gados. Sendo assim, pede-se á pessoa que ali a achou a entregue na P. J., a fim de ser dada ao seu dono. Igualmente se pede que se alguém tiver conhecimento de tal mala na posse de outra pessoa o comunique também á Polícia, 5.ª Secção.

A QUEM PERTENCEM OS OBJECTOS ROUBADOS? — Em Novembro ultimo foi furtado de um automóvel, estacionado á porta dos quartos particulares do Hospital de S. José, um sobretudo. O agente Tavares, da 5.ª secção da Polícia Judiciária procura identificar o dono desse automóvel.

Procura o mesmo agente identificar os proprietários de diversos anéis, alianças, pulseiras, broches e fios que se julgam ter sido furtados em diversas ourivesarias pelo processo de troca por outros iguais mas de alumínio.

Todos os artigos indicados se encontram apreendidos e serão entregues a quem provar pertencer-lhes.

Pelos hospitais

DEPENDURADO NO ELÉCTRICO — Ia dependurado num eléctrico o trabalhador, sr. Francisco da Conceição Pereira. Tem 26 anos e mora no Paço do Lumiar, á Azinhaga do Porto, 11. Caiu e foi conduzido a S. José onde ficou internado com contusões várias e suspeita de fractura.

ATROPELADO POR AUTOMÓVEL — Foi atropelado por um automóvel em Ramada, Odivelas, o sr. Agostinho Duarte Silva, de 38 anos, jornaleiro, morador no lugar de Camarões, Almargem do Bispo.

Ficou internado na sala de observações de S. José.

QUEDA DE BICICLETA — O sr. José Manuel da Costa, de 33 anos, pedreiro, mora no lugar de D. Maria, em Sintra. Andava de bicicleta naquela localidade. Caiu e contuso na cabeça recolheu á sala de observações do Hospital de S. José.

QUEDA FATAL NA RESIDÊNCIA — Vítima de queda na sua residência, morreu em S. José, para onde entrara em 24 de Outubro ultimo, a sr.ª Ana de Jesus Alves, de 87 anos. Morava na Azinhaga do Louro, Malveira.

Festas associativas

Abrilhantadas por orquestras, e dedicadas aos seus associados e respectivas famílias, realizam-se festas associativas, amanhã, de tarde, na Casa do Alentejo, Casa da Covilhã, Ateneu Ferroviário, Casa dos Tabuenses, Clube Estefania, Belém Clube e Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul; e, á noite, na Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo e Casa do Minho.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma pequena pulseira de ouro, um livro, um colar de pérolas de fantasia, um porta-moedas, um saco de lona, um estojo de cabedal, uma corrente de ferro, três tampões para rodas de automóveis, um tampão para depósitos de gasolina, uma chapa de vendedor de jogo de lotaria, um bilhete de identidade, uma caderneta militar, diversas luvas desirmanadas, um porta-chaves com chaes e diversas argolas com chaves.

O MAU TEMPO

impediu que prosseguisse a batida aos lobos em Bragança

BRAGANÇA, 21. (Pelo telefone). — Devido á chuva torrencial que está a cair nesta cidade e região, não foi possível continuar hoje a batida aos lobos e raposas principiada ontem com grande êxito no perímetro florestal da Serra de Montesinho, em que deviam tomar parte, nesta segunda jornada, cerca de 80 oficiais portugueses e 20 oficiais superiores americanos, em serviço nas bases das Lajes, nos Açores.

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____ TELEF. _____

N.º DA LICENÇA DA TELEVISÃO _____

☐ Ciências Naturais	☐ Tauromaquia
☐ Geografia	☐ Aeronáutica
☐ História	☐ Fig. contemporâneas
☐ Desporto	☐ Ultramar
☐ Arte	☐ Mitologia
☐ Cinema	☐ Assuntos Náuticos
☐ Televisão	☐ Música
☐ Automobilismo	☐ Frases célebres
☐ Cidades e paisagens portuguesas	☐ Cidades e paisagens estrangeiras

Foi presa uma quadrilha

que actuava nos cemitérios dos Prazeres e Alto de S. João

O povo para exprimir os baixos sentimentos de alguém diz que «é capaz de roubar a Cristo». E há pessoas assim. Ora se não vejam.

A Polícia Judiciária recebeu queixa de que de um jazigo no cemitério do Alto de S. João, fora roubado um Cristo, formosa imagem em marfim, no valor de 4 mil escudos.

Não foi difícil descobrir o Cristo numa casa de antiguidades onde fora vendido dias antes. Foi trabalho da Secção Central da Polícia.

Depois entraram em campo as brigadas móveis para identificar e descobrir o vendedor do Cristo. Era António Luís, vendedor de antiguidades.

Detido este e desenvolvendo-se as diligências policiais, verificou-se que havia mais roubos praticados nas mesmas condições, tanto no Alto de S. João como nos Prazeres. Os roubos eram praticados por Armindo da Cruz Pinto «O Parréu» e Feliciano Nunes, os quais trabalhavam na limpeza dos jazigos.

Logo que furtavam qualquer objecto, entregavam-no a António Luís e a Faustino de Jesus, que se encarregavam de os vender, repartindo as importancias assim obtidas.

Depois de localizados o Armindo, o Feliciano e o Faustino foram detidos e explicaram na sede da Polícia Judiciária, como realizavam os furtos e onde transaccionavam os objectos.

A brigada de fiscalização da Secção Central conseguiu apreender em vários estabelecimentos onde haviam sido transaccionados, três pares de castiçais em prata, oito imagens de Cristo em marfim, uma imagem de Cristo em madeira, uma ceição em marfim, e uma valiosa jarra em louça.

Prosseguem as diligências para descobrir os proprietários dos jazigos assaltados, e se haverá outros furtos da mesma quadrilha, tudo levando a crer que sim.

Novos núcleos fabris

contribuirão poderosamente para o progresso futuro da vila do Entroncamento

ENTRONCAMENTO, 21. — Esta florescente vila — que só pelo que conseguiu até hoje, já é, por si, um símbolo do progresso, visto ter conseguido em três escassas décadas o que até agora nenhuma outra terra portuguesa ainda o conseguira nesse lapso de tempo, ou seja, de passar de simples aldeola que era, a freguesia, pouco depois a vila, e a seguir, a sede de concelho! — vai dentro em breve ser valorizada com dois nucleos industriais de grande importancia, que muito se reflectirão no progresso futuro desta vila, independentemente do seu aumento populacional, que deverá ser considerável. Um desses nucleos é o das novas oficinas da C. P., a que já nos referimos, recentemente, quando do início dos trabalhos de construção; e o outro é uma importante fábrica de objectos metálicos, que vai ser também aqui edificada e que empregará grande numero de operários e técnicos especializados. A referida fábrica, que ocupará uma vasta área, será erguida num pinhal e eucaliptal situado á entrada desta vila (próximo do prolongamento da Rua 28 de Maio), onde se está já a proceder ao derrube das árvores.

Segundo informações que colhemos, os capitais a empregar na aludida fábrica serão portugueses e espanhois, pertencendo estes ultimos a uma importante organização industrial similar, de Bilbau.

Vida artística

Manuel Monterroso expõe na S. N. B. A.

O dr. Manuel Monterroso, desenhador humorístico, que há largos anos colabora no «Comércio do Porto», expõe, a partir de hoje, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, dezenas de desenhos.

Pinturas de Manuel Baptista na galeria do «Diário de Notícias»

Na galeria do «Diário de Notícias» esta tarde, é inaugurada uma exposição de pintura do jovem artista Manuel Baptista.

Quadros de Félix Rodrigues

Encerra-se amanhã, pelas 23 horas, a exposição, mantida há duas semanas, na Galeria de Arte Luso-Espanhola Yela, pelo pintor Félix Rodrigues com os seus quadros a óleo, de paisagem e harmonia pictórica.

Aguarelas de Belas Tavares nas Belas-Artes

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes, ao fim da tarde de hoje é inaugurada uma exposição de aguarelas de Artur Belas Tavares.

Linha de SINTRA

Sintra vai evocar o almirante Gago Coutinho

No dia 17 de Fevereiro próximo completaria 92 anos de idade essa figura de saudosa memória que foi Gago Coutinho. Para comemorar esse facto, o «Jornal de Sintra» promoverá, com o alto patrocínio da Camara Municipal e da Comissão Municipal de Turismo, no antigo casino da Estefania, uma homenagem póstuma que constará duma conferência, proferida pelo ilustre colaborador do referido periódico, sr. Krusse Aflallo, subordinada ao tema «O mestre», bem como de uma exposição relativa á obra daquele notável geógrafo e navegador, a qual englobará: trabalhos geodésicos, topográficos e de delimitação das fronteiras das províncias ultramarinas de que foi grande pioneiro, cartas inéditas, cartografia de trabalhos que eloquentemente levou a cabo assim como diversos estudos sobre descobrimentos e as rotas utilizadas para o efeito.

Foi o seu espírito empreendedor e investigador que o levou a dedicar-se aos estudos da navegação aérea, ainda incipientes nessa época, ligando-se para isso a Sacadura Cabral, cujo objectivo seria a célebre travessia do Atlantico, em 1922 (Março-Junho) no modesto hidroavião «Lusitania».

Depois de incessantes tentativas, pôde, finalmente, substituir o velho processo da agulha de que o piloto se servia, sem grandes resultados práticos, e utilizar tábuas de navegação, especialmente adaptadas por ele para essa viagem, bem como um sextante do seu invento, que igualmente figurará nesta exposição.

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — Ás 15 e 30: «A pecadora do deserto» e «Luar em Las Vegas» (12 anos).

QUELUZ — *Queluz-Cine* — Ás 21 e 15: «Quanto mais quente melhor» e «Rodan» (17 anos).

CACÉM — *Cinema S. João* — Ás 21: «A contra-espionagem ataca» (17 anos).

MEM MARTINS — *Cine-Chaby* Ás 21 e 30: «Heroica aventura» (6 anos).

ERICEIRA — *Cine-Portugal* — Ás 21 e 15: «Operação cofre forte» e «A Terra em perigo» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Cavaco* — R. Elias Garcia, 209-211. Tel. 930019. — *Flama* — R. Elias Garcia, 78-B. Tel. 932485.

QUELUZ — *Zeller* — Avenida da Republica, 83. Tel. 950045.

SINTRA — *Simões* — R. Heliodoro Salgado, 26. Tel. 980832.

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim.

FALECEU na residência em condições estranhas

FORNOS DE ALGODRES, 21. — Na sua residência, no sítio denominado Carreira Velha, nos suburbios desta vila, faleceu em circunstancias estranhas o sr. Ilídio Gomes de Albuquerque, de 50 anos, casado, natural de Fornos de Algodres.

O cadáver foi depositado na capela do hospital desta vila, para ser autopsiado, a fim de se verificarem as causas da morte.

EM 3 LINHAS

Foram aprovados os uniformes do pessoal de vigilancia dos serviços prisionais.

///

Foi prorrogado por 30 dias o prazo de inscrição no concurso para médicos internos das Maternidades Dr. Alfredo da Costa (Lisboa), Julio Dinis (Porto) e Bissaia Barreto (Coimbra).

///

O sr. Eduardo José Raposo foi reconduzido no cargo de presidente da Camara Municipal de Mértola.

///

O «Diário do Governo» publicou, em 2.º Suplemento, as contas de gerência, relativas ao ano de 1959, da Administração-Geral dos Correios, Telegrafos e Telefones.

///

Foi publicada, na folha oficial, a lista de antiguidades dos funcionários da Direcção-Geral de Saude e suas dependências.

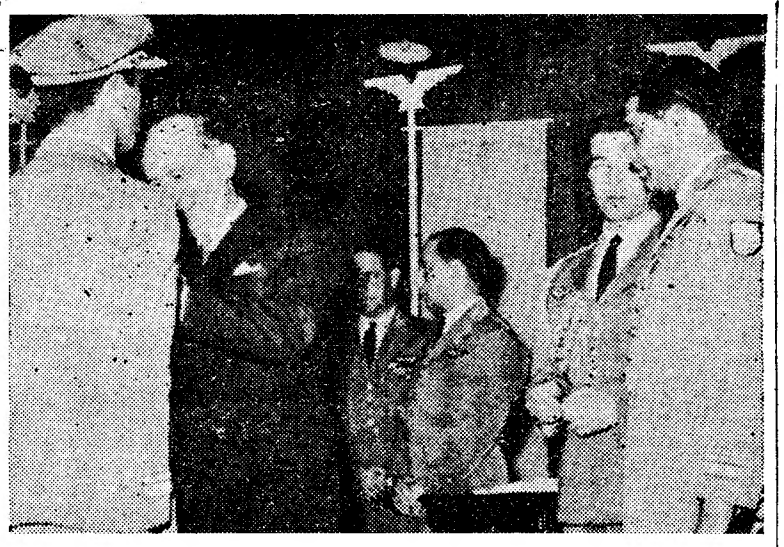
Ciclista colhido pelo taipal de uma camioneta

VILA REAL, 21. — Deu entrada no Hospital da Misericórdia desta cidade, com contusões multiplas pelo corpo, Manuel João da Santa Ribeiro, casado, de 36 anos, residente no lugar e freguesia da Campeã, deste concelho, em virtude de ter sido apanhado pelo taipal de uma camioneta quando seguia montado na sua bicicleta na E. N., que liga Vila Real ao Porto. Devido ao pavimento estar escorregadio, a camioneta guinou para o lado onde seguia o ciclista, ao passar por ele.

O veículo pesado, pertencente a Aníbal dos Santos Padrão, era guiado pelo motorista Constantino Carlos Afonso, natural de Bragança.

CAIXA SINDICAL de Previdência dos Empregados e Operários dos Açores

Um despacho do sr. ministro das Corporações e Previdência Social determina o alargamento do ambito da Caixa Sindical de Previdência dos Empregados e Operários do Arquipélago dos Açores, nas modalidades de previdência e abono de família, ás empresas comerciais e industriais do distrito de Ponta Delgada, com pessoal que esteja ou deva estar representado pelo Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros daquele distrito. Este despacho entra em vigor em Janeiro de 1961.



O subsecretário da Aeronáutica procede á entrega das condecorações

Foram condecorados oficiais e praças do Aeródromo da Base 1

No Aerodromo da Base 1, na Portela, o sr. subsecretário da Aeronáutica procedeu esta manhã á entrega de condecorações e louvores a oficiais, sargentos e cabos dos transportes aéreos militares, em serviço naquela base.

Pelas 11 e 30, chegou ali o sr. tenente-coronel Kaulza de Arriaga. Foi recebido pelos srs. chefe do Estado-Maior das Forças Aéreas, general Albuquerque de Freitas e subchefes, general Mira Delgado e brigadeiro Francisco Chagas; comandante da 1.ª Região Aérea, brigadeiro Machado Barros e pelos 1.º e 2.º comandantes do Aerodromo da Base 1, tenentes-coroneis Ivo Ferreira e Bento Rocha Peixoto Rodrigues, respectivamente.

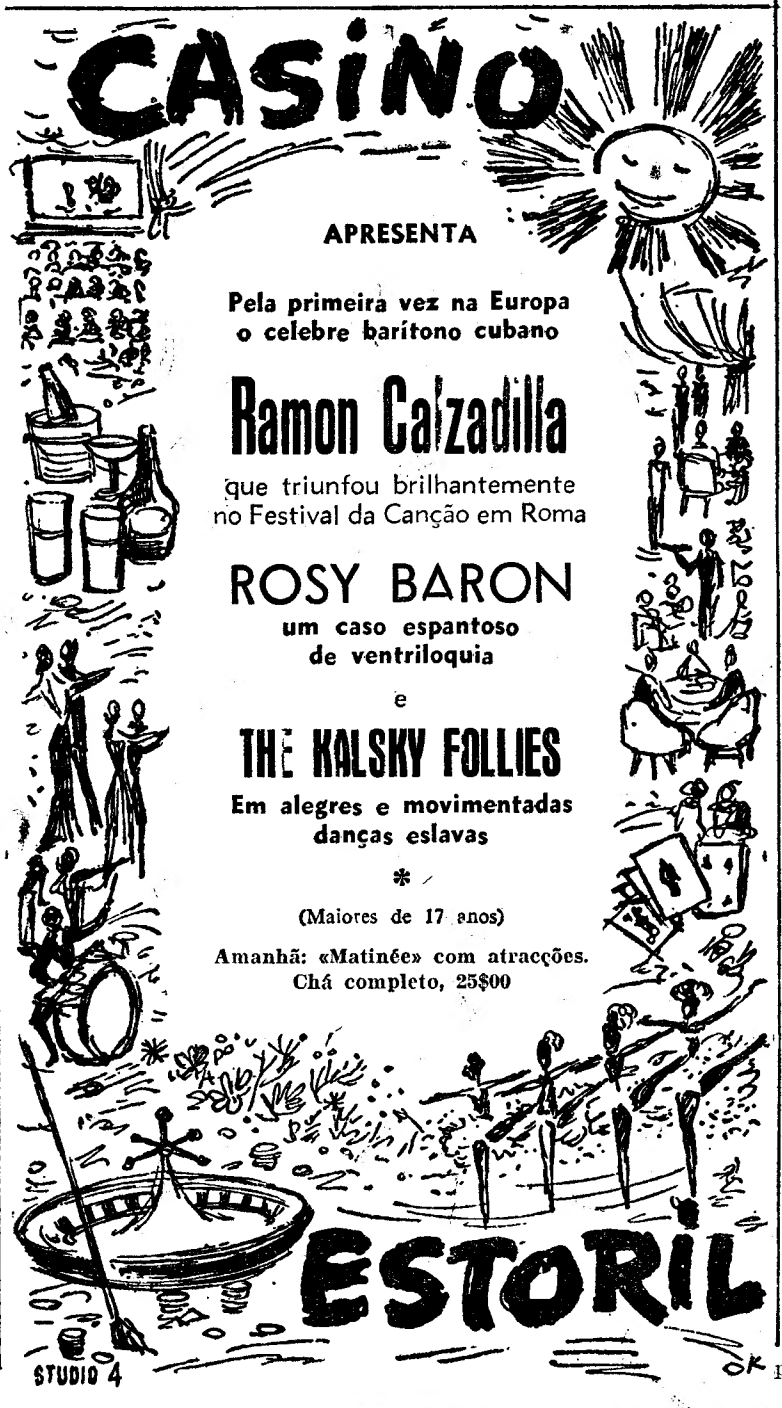
Num dos hangares, o subsecretário presidiu á cerimónia, que principiou com as palavras do comandante da unidade, o qual afirmou que todo o pessoal do seu comando estará sempre pronto a dar á Força Armada o melhor do seu esforço.

O sr. tenente-coronel Troni, chefe do gabinete do subsecretário de Estado da Aeronáutica, fez depois a chamada dos oficiais, sargentos e cabos que iam ser condecorados e receber louvores. O sr. subsecretário de Estado procedeu á colocação das medalhas de Mérito Militar de 2.ª classe nos peitos dos srs. tenente-coronel piloto aviador Manuel Bento da Rocha Peixoto e majores pilotos aviadores Francisco José Rosa, Manuel Angelo Barata da Costa Cabral e Joaquim José Correia, todos com mais de seis mil horas de voo; e de 4.ª classe, ao 1.º sargento mecanico de material aéreo Joaquim António e 1.º cabo mecanico de material aéreo José Campaniço, ambos com cinco horas de voo.

Seguidamente foram entregues louvores aos srs. capitães piloto aviador António Quintino dos Santos e piloto navegador Francisco Fernandes de Carvalho; 1.ºs sargentos de material aéreo José Ventura de Azevedo e Manuel Dias Pereira; 2.º sargento mecanico de material aéreo António José Abrantes Benido e 1.º cabo mecanico de material aéreo Carlos Alberto dos Santos Rocha.

AVISO À FAMÍLIA do prof. Fernandes Rodrigues

Agradecia-se á família do professor de ciências físicas sr. Fernandes Rodrigues, nascido em 26 de Outubro de 1895 e que residia em Viena de Austria, em 1947, que se dirigisse á Repartição Política do Ministério dos Negócios Estrangeiros.



Linha de CASCAIS

INCENDIOU-SE uma automotora na estação de Santo Amaro de Oeiras

Hoje, cerca das 14 e 30, quando uma automotora que rebocava seis carruagens, saía da estação de Santo Amaro de Oeiras para Lisboa, registou-se um curto-circuito que provocou um incêndio na automotora. Os passageiros sairam precipitadamente da carruagem incendiada, manifestando alguns, sinais evidentes de grande susto. Chamados os bombeiros voluntários de Oeiras, estes logo localizaram o fogo com agulhetas de espuma, conseguindo que as chamas não se propagassem ás restantes carruagens. Meia hora depois, era restabelecido o transito normal na linha de Cascais.

Baile de máscaras nos Bombeiros de Oeiras

A comissão de festas dos Bombeiros Voluntários de Oeiras promove esta noite, no salão da sede da associação, o primeiro baile de máscaras da quadra carnavalesca, com a colaboração do conjunto «Primavera». A receita da festa reverte para os cofres daquela associação humanitária.

Comissão municipal de assistência de Oeiras

O eng.º sr. Alvaro Roquete foi exonerado, a seu pedido, do cargo de presidente da comissão municipal de assistência de Oeiras e foi nomeado, em sua substituição, o sr. dr. Vítor Manuel Pinto Correia.

Cinemas

ALGÉS — *Stadium* Às 21 h.: «Intriga internacional» (12 anos).

OEIRAS — *Oeiras-Cine* — Às 21: «O ultimo combate» (17 anos).

PAREDE — *Royal Cine* — Às 21: «Furia do poder» (12 anos).

ESTORIL — *Casino* — Às 17 e ás 21 e 30: «Com jeito vai... mestre!» (17 anos).

CASCAIS — *S. José* — Às 21 e 30: «Arquimedes, o vagabundo» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Branco* — Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 29 — (T. 012081).

CAXIAS — *Nova* — Rua Bernardim Ribeiro — (T. 042839).

PAÇO DE ARCOS — *Godinho* Silva — Avenida Patrão Lopes, 4 — (T. 042039).

OEIRAS — *Godinho* — Rua Candido dos Reis, 98 — (T. 043090).

PAREDE — *Brandão* — Avenida da Republica, 77-C — (T. 047054).

ESTORIL — *Suiiça* — Cruzeiro — (T. 060087).

CASCAIS — *Misericórdia* — Rua do Regimento 19, 41 — (T. 080141).

Condenados os automobilistas responsáveis por um desastre na Avenida da India

Sob a presidência do juiz sr. dr. Bernardo Perloiro reuniu-se o 7.º Juizo Correccional da Boa Hora, para concluir o julgamento dos srs. José Ferreira da Silva, de 45 anos, de Cabeçudos, Serpa, e Jorge Nobre Teixeira, de 39, de Lisboa, considerados responsáveis por um choque de automóveis que conduziam ocorrido na noite de 19 de Agosto de 1958, na Avenida da India, do que resultou a morte de João António Carlos Dinis, de 56 anos, operário do Arsenal do Alfeite, e terem ficado gravemente feridos o condutor de um dos veículos, sua esposa, sr.ª D. Iva Amélia Dinis Teixeira, e a filha do Casal, D. Iva Amélia Pereira Dinis. No processo figuravam pedidos de indemnização no montante de 456 contos. Terminados os debates, foi proferida a sentença que condenou os dois automobilistas em 6 meses de prisão correccional e igual tempo de multa. Os meses de prisão são remíveis, para o sr. José Nobre Teixeira, á razão de 20$00 por dia, e para o sr. José Ferreira da Silva, a 30$00.

A ambos foi retirada a carta de condução, que lhes será devolvida daqui a seis meses. Pagaram ainda imposto de Justiça, respectivamente de 800$00 e 600$00.

O sr. José Ferreira da Silva foi condenado na indemnização de 200 contos como reparação de todos os prejuizos e danos materiais e morais.

A pena do sr. Jorge Nobre Teixeira ficou suspensa por três anos. O tribunal deu como provada a concorrência de culpas dos dois automobilistas.

III Ciclo de Lições no Sindicato dos Farmacêuticos

Realiza-se na próxima quarta-feira, pelas 21 e 30, a IV lição integrada no III Ciclo de Conferências e lições promovido pelo Sindicato Nacional dos Farmacêuticos. Será proferida pela sr.ª Dr.ª D. Marília Graça d'Oliveira, assistente dos Serviços Farmacêuticos dos Hospitais Civis de Lisboa. A lição versa o tema «Colírios».

«Queima das Fitas» na Universidade de Coimbra

COIMBRA, 21. — A comissão do parque para as festas da «Queima das Fitas» desta Universidade abriu concurso para a elaboração de um projecto de entrada do Parque da Cidade. O prazo de entrega das propostas termina no dia 10 de Março. Os esclarecimentos necessários devem ser dirigidos á comissão do parque.

VIDA MUSICAL

«O rapto do serralho», de Mozart, em S. Carlos

A respeito desta jocosa e sentimental partitura do autor do «D. João», das «Bodas de Fígaro» e da «Flauta Mágica», só saberiamos repetir o que escrevemos há quase 8 anos (em Fevereiro de 1953). Resumindo, é musica de geniais delícias, e de um perfeito cunho teatral, se bem que as situações teatrais permitidas pelo libreto não são mais do que pretextos. É também de proverbiais dificuldades de execução, de interpretação, de estilo, a orquestra tem sobre si responsabilidades constantes; e as dificuldades culminam, vocalmente, nos papeis de «Constança» e de «Osmin». E, como há 8 anos, o desempenho geral de ontem esteve á altura da obra; foi só relativamente, mas suficientemente, homogénea.

Começaremos por Colette Lorand, estreanté no palco de S. Carlos. O seu nome indica mais nacionalidade francesa do que alemã; mas seja como for, tem no papel de «Constança» um muito seguro e muito bem delineado trabalho, de ritmo sempre exacto com a orquestra e, consequentemente, com a batuta do maestro-director Arthur Appelt. A discrição de Colette Lorand no 1.º acto já não se podia considerar acanhamento, e á medida que as dificuldades se amontoavam, na ária virtuosística que se segue no 2.º acto á maravilhosa ária expressiva, conquista-nos por completo a sua técnica desenvolvida, a naturalidade com que atinge os agudos, a firmeza e igualdade de toda a extensão vocal, e suprindo com a inteligência das inflexões uma não muito grande calidez de timbre. (Só nos desagradam os seus trilhos).

O tenor Arnst Haefliger e o baixo Fritz Linke repartiram-se na importancia dos papeis de «Belmonte» e do cómico «Osmin», porventura a mais célebre e celebrizada figura da farsa. As provas já prestadas no mesmo palco em musica de concerto por Arnst Haefliger foram confirmadas ontem, mas em características diametralmente opostas. Julgamos que o mais verdadeiro, o mais completo lugar da arte de Arnst Haeflinger estaria no meio termo, em desempenho de personagens como o «André Chénier», por exemplo. E, no entanto, foram perfeitas ontem a sua pureza de recorte vocal, a sua correcção interpretativa que desenhou com sóbria emoção, tanto as lindas melodias de Mozart como o recorte da figura, contracenando com harmonioso equilibrio com a «Constança» de Colette Lorand, e competindo com ela, nas proporções inerentes ao papel, episódicamente, num fôlego que chegou a ser impressionante em Colette Lorand.

Outro tipo de paixão animou, é claro, Fritz Linke — e, nele, paixão totalitária, integração de vibrante constancia na grotesca personagem que se desdobra numa musica de carácter perfeito. Mas, talvez as exigências vocais do papel exorbitem um pouco as verdadeiras capacidades de Fritz Linke, e talvez o histrionismo de Fritz Linke exorbite um pouco o recorte e a movimentação da personagem...

No papel ainda bastante importante de «Blondina» fazia uma nova aparição a soprano portuguesa Ledmana de Medeiros — que poderia tão bem ser uma das «estrelas» de uma verdadeira companhia portuguesa de ópera! — A sua figurinha certa, o seu bom conhecimento da lingua alemã, a sua animação inteligente, permitiram-lhe uma honrosa integração no conjunto, e a simpatia musical que Mozart prodigalizou ao papel foi melhorando de cena para cena. E não foi inferior, pelo contrário, ao «Pedrillo» de Georg Koch.

Diziamos nós que achamos o conjunto da representação bastante homogénio, juntando-lhe o acertado desempenho só falado de George Fichtner no «Pachá». Mas não vamos ao ponto de achar que a representação no seu conjunto fosse uma aproximação da perfeição. Nem nada que se pareça! Não nos insurgimos contra o cenário unico, mas podia ser de melhor gosto. E não reclamamos que a meia-noite seja de breu (no 3.º acto), até admitimos um luar de brilho excepcional, mas achamos inaceitável que as lanternas estejam acesas como acontece nesta Lisboa por um descuido ou uma avaria da iluminação publica, em plena luz do dia. E o artificialismo de teatro cómico do século VIII não é incompatível com uma encenação de movimentação ordenada em função de harmonia visual — em vez de uma montagem realizada á toa, quando as situações se complicam e não dependem unicamente do cantor solista.

Mas voltamos a congratular-nos porque a partitura foi respeitada, nos seus lindos conjuntos de camara também — mais pobre nos pequenos conjuntos corais. A direcção do maestro Arthur Appelt foi eficiente, sem duvida — não sempre inteiramente maleável. A orquestra não nos privou de tantas preciosidades de finura, de justo carácter, de funda emoção, que Mozart lhe intregou, num equilíbrio nunca ultrapassado na colaboração dos instrumentistas com os cantores. Não deixam Arthur Appelt ter, ou não tem ele, por natureza, a integração passional a que nos referimos a respeito de Fritz Linke, por exemplo? Não temos elementos para pronunciar-nos definitivamente. Mas tal como foi, a musica de Mozart, ela própria, resultou já o que ela é — virtualmente sublime.

FRANCINE BENOIT

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

- A distribuição das figuras da peça «Fantasmas», em ensaios no Trindade é a seguinte: «Arminda», Alma Flora; «Maria», Mariana Vilar; «Carmélia», Luísa Neto; «Alfredo», Alvaro Benamor; «Rafael», Alves da Costa; «Pascoal», Augusto Figueiredo; «Gastão», Carlos José Teixeira.
- Em meados de Fevereiro, segue para o Rio de Janeiro onde vai actuar na rádio, a artista Milu, que partirá depois para os Estados Unidos.
- A comédia musicada «Tia de Carlos», que Vasco Morgado vai apresentar no Monumental, no sábado de Aleluia, é uma adaptação da comédia «A madrinha de Charley».
- Vicky Lagos é a vedeta estrangeira que o empresário José Miguel vai apresentar na revista «Arrebita, arrebita, arrebita».
- E' provável que na temporada da Primavera, a companhia do Capitólio, ensaie uma ou mais comédias.
- Encontra-se no Porto a «equipe» do programa «Meia Noite», que foi realizar transmissões daquela cidade e estudar a possibilidade de prolongar a sua emissão. Armando Marques Ferreira e António Miguel têm recebido do publico portuense manifestações de simpatia.

Na Província

- Depois de amanhã, no Teatro-Circo de Braga, a companhia do Variedades, vai representar a comédia «Cucurucucu».

No Maria Vitória

Hoje e amanhã, últimas representações da revista «Chá-Chá-Chá»

Aproveite quem não viu e quem de novo queira voltar a aplaudir um dos ultimos grandes êxitos de revista desta temporada. Sòmente hoje, e amanhã, em duas sessões, ás 20 e 30 e 22 e 45, no popular teatro Maria Vitória, Salvador apresentará a grande revista popular «Chá-Chá-Chá», original de Amadeu do Vale, Aníbal Nazaré e Paulo da Fonseca, com musica de Fernando de Carvalho, Carlos Dias e Tavares Belo, que sai de cena em pleno triunfo. Espectáculo brilhantíssimo, cheio de comicidade, alegria e bom gosto, tem uma notável montagem, superiormente dirigida por Hernani e Rui Martins, novo e luxuoso guarda-roupa dos afamados «Ateliers Paiva», executado sob figurinos de Pinto de Campos e moderna coreografia de Carlos Alberto. Como principais intérpretes, «Chá-Chá-Chá» tem: a grande vedeta internacional Xiomara Alfaro, os queridos e grandes actores cómicos António Silva e Costinha, Maria Domingas, Barroso Lopes, Anita Guerreiro, Luísa Durão, Ausenda Miranda, Lucinda Amaral, Octávio de Matos (Filho); a colaboração de Leónia Mendes, a graciosa fantasista italiana Rita Truzi e o «Conjunto Sem Nome». Amanhã, ás 16 horas, ultimo espectáculo á tarde. Á noite, despedida da companhia.

No Monumental

Últimos dias do maior êxito cinematográfico de todos os tempos: «Ben-Hur»

Ben-Hur» está a atingir os ultimos dias da sua primeira exibição em Lisboa, no Monumental. 13 semanas de êxito permanente. 182 sessões repletas de publico entusiástico que não cessa de elogiar e aplaudir o maior prodígio da técnica cinematográfica, o filme que marca uma época e que nos mostra todas as possibilidades extraordinárias do cinema.

Nunca em Portugal um filme alcançou um êxito tão clamoroso. Nunca um grande cinema esgotou por 13 semanas as suas lotações com o mesmo espectáculo. 185 000 pessoas já viram «Ben-Hur». E os poucos milhares de cinéfilos que ainda não tiveram o previlégio de assistir a esta extraordinária superprodução da M. G. M. têm ainda alguns dias para verem «Ben-Hur», o campeão dos campeões, o filme que detem todos os «records» de publico e bilheteira.

Primeiras exibições

«Gorila, agente secreto», no Condes

Com a sala repleta, a comprovar o interesse do publico por este género de filmes, estreou-se ontem no Condes a película «Gorila, agente secreto», que nos relata a luta feroz travada entre vários grupos de espiões que querem apoderar-se de segredos atómicos. O enredo não tem nada de misterioso: a luta trava-se ás claras, com os punhos e a tiro. Muito curiosa a solidariedade profissional manifestada entre espiões de países rivais, que vai ao ponto de exigir o sacrifício da própria vida.

Sem outro objectivo que não seja distrair o publico (embora o argumento seja baseado num episódio real), o filme satisfaz e dispõe bem o espectador, pela acção trepidante e violenta.

O actor Roger Hanin é o «Gorila» possante que abate com os punhos e audácia todos os rivais. O seu poder atlético deveras formidável e só encontra opositor do respeito no «Urso» — o granítico espião-chefe da U. R. S. S. Outro espião que impressiona é o norte-americano, «O Gaucho», personagem desempenhada por Jess Hahn. Charles Vanel e Wolfang Preiss evidenciam-se nos seus papeis.

Com o «Gorila, agente secreto» exibe-se o filme curto «O mistério do comboio fantasma», da famosa série retirada dos arquivos da Scotland Yard. — *Visor 55.*

MONUMENTAL

210.ª REPRESENTAÇÃO
Hoje 2 SESSÕES
A's 20.30 e 23 h.
Amanhã á tarde ás 16 h.
(Adultos M/17 anos)

NOVA história da CAROCHINHA

VÁ COM SEUS FILHOS HOJE e AMANHÃ
A' TARDE, A'S 18,30 H.
AO
TEATRO INFANTIL
VER A MAIS ENCANTADORA PEÇA PARA CRIANÇAS
DE PEDRO BOM
Dir. art. António M. Coutó Viana
ELENCO DO GERIFALTO
Subs. pelo Fundo de Teatro
PARA MAIORES 4 ANOS
ATENÇÃO: Todas as crianças têm de ser portadoras da cédula pessoal
PREÇOS: Plateia, 15$00; 2.º Balcão, 10$00; 3.º Balcão, frente, 5$00

PIANOS
Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTODIO CARDOSO PEREIRA & C.ª
Rua do Carmo, 11

EM BORBA o «DIARIO DE LISBOA» encontra-se á venda na agência do SR. MANUEL GONÇALVES MACHADO.

HOJE
MAXIME
BAILE DE MASCARAS
COM O
SENSACIONAL SHOW
MANAHATTAM NIGTHS
CONTY GIRLS
12 espectaculares bailarinas 12
EDITH CONTY
EXTRAORDINARIA CONTORCIONISTA
THE PHILIPPINO ROCKETS
OS PLATTER'S DO ORIENTE
MAIORES DE 21 ANOS
TEL. 35366/7

Senhoras
O SEU ENCANTO ESTÁ NA SUA CABELEIRA

Representante para Portugal: M. Marçal Mendonça Jr. — Rua do Alecrim, 43 — LISBOA-2 — Telef. 30669 e 35862 — Apartado 2844

TEATROS DO PARQUE MAYER

CAPITOLIO
Emp.ª «Figueira de Gouveia»
A's 20.30 e 23 horas
(Ad. M/17 anos)
HUMBERTO MADEIRA, RAUL SOLNADO e CARLOS COELHO
APRESENTAM
UM ESPECTÁCULO MUSICADO CHEIO DE GRAÇA E LINDAS CANÇÕES!
Camoinos, Mulheres e Fado
Amanhã esp.ª á tarde, ás 16 horas

NO MARIA VITORIA
A's 20.30 e 22.45 horas
Ad. M/17 anos
EMP.ª E. SALVADOR E RUI MARTINS, LDA.
Telef. 31740
EM ULTIMAS E DEFINITIVAS REPRESENTAÇÕES SALVADOR
apresenta a sua melhor revista
CHÁ - CHÁ - CHÁ
pela sua maior companhia!
AMANHÃ — ÀS 16 H. ULTIMO ESPECTACULO À TARDE
À NOITE DESPEDIDA
4.ª-FEIRA, 25 — ESTREIA NO TEATRO SÁ DA BANDEIRA DO PORTO.

NO ABC
JOSÉ MIGUEL
APRESENTA
Emp. Teatral ABC, Ld.ª
Brevemente
a grande revista popular
Arrebita ■ Arrebita ■ Arrebita
original de ANIBAL NAZARÉ, ANTÓNIO CRUZ, CESAR DE OLIVEIRA e JOSÉ AUGUSTO RAMOS com musica de CARLOS DIAS e FERRER TRINDADE
(ADULTOS)
A BILHETEIRA ABRE 2.ª-FEIRA

VARIEDADES
RIBEIRINHO e HENRIQUE SANTANA APRESENTAM
6.ª-FEIRA ÀS 21.45 (12 ANOS)
E S T R E I A
DO GRANDE ÊXITO MUNDIAL de ROBERT THOMAS
ARMADILHA PARA UM HOMEM SÓ
Não é teatro só parar rir mas teatro também para rir

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

HOJE, AS 21 e 45 (17 anos)
A PEÇA DE ARTHUR MILLER

DO ALTO DA PONTE

com AMÉLIA REY COLAÇO, MARIANA REY MONTEIRO, RAUL DE CARVALHO

Coliseu

O êxito do momento na casa das multidões! A Companhia do ano, com os fabulosos Alizées, em espectáculos triunfais! Hoje, ás 21 e 30

O triunfo da 1.ª Grande Companhia de Circo de 1961 é inegável. Fê-lo o publico, que consagrou este espectáculo portentoso com aplausos calorosos, numa atmosfera de apoteose! Os assombrosos voadores Alisées! Divertidos chimpanzés! Palhaços hilariantes! O fausto da «troupe» chinesa! Hoje, ás 21 e 30, espectáculo para maiores de 6 anos. Amanhã, ás 16 horas e ás 21 e 30.

LUSO

— Adultos —
Direcção de MODESTO MAIA

Fados e Canções com MARIA A. PROENÇA — CONSTANÇA NUNES — JULIETA ESTRELA — JOAQUIM GERALDES — NATALINO DUARTE — VÍTOR MOREIRA e o «ás» do riso MANUEL BOGALHO — Adelino Santos e Amadeu Rami.

AMANHÃ — «Matinée» com

8 ARTISTAS 8

TRINDADE

Hoje, ás 21.45 **(M. 17 anos)**

A CASA DOS VIVOS

Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro

com **Brunilde Judice, Luís Tito, Lígia Teles, Alma Flora e Alvaro Benamor**

O chefe NUNES apresenta:
TATACHÃ c/ SALADAS — PREGADO COZIDO c/ MOLHO HOLANDÊS — PATO À LARANJA
e outras especialidades internacionais

Restaurante GALEOTA

Cozinha francesa — (Nova gerência)
Av. Sidónio Pais, 28, cave — (ao Parque Eduardo VII)
Tel. Bar 51281 — Restaurante 732939

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE (ADULTOS—M. 21 ANOS)

HOJE: NOITE DE ESTREIA EXTRAORDINARIA

UMA GRANDE ATRACÇÃO NACIONAL

ATENÇÃO

Conscio da sua missão de servir, sempre bem, o seu estimado publico, sem nunca renunciar a pesados sacrifícios para fazer do «RITZ CLUB» o ponto de reunião favorito de todas as camadas sociais e continuar a ser digno do alto apreço dispensado ás suas iniciativas para elevar cada vez mais o nível dos seus elencos de «music-hall», o empresário ANTÓNIO ARAUJO sente orgulho em apresentar hoje «ZÉ ROSA E O SEU CONJUNTO», com o notável cantor ANTÓNIO ALVARINHO, por se tratar de uma grande atracção nacional que merece ser distinguida pelo mais carinhoso acolhimento de quantos sabem fazer justiça com o calor dos seus aplausos

E, ainda, todo o elenco de ouro do «RITZ», com **Mário Lopes e sua orquestra**

O ÊXITO DE QUE LISBOA INTEIRA FALA É O DO

TEATRO **AVENIDA** Telef. 27273
Soc. Lusa de Exp. Teatrais, Lda.

O RETUMBANTE TRIUNFO DE ALEGRIA DA MAGNIFICA E TREPIDANTE COMPANHIA BRASILEIRA DE REVISTAS NA REVISTA COLOSSO

GAROTAS DO REBOLADO

EVA

EM QUE TRIUNFA **EVA TODOR** A VEDETA QUE PORTUGAL ADORA E QUE SE REPRESENTA TODAS AS NOITES EM 2 SESSÕES ÀS 20.30 e 22.45 HORAS

AD. M/ 17 ANOS

Amanhã domingo, ás 16 h., espectáculo á tarde!

UMA PEGA 6$50

DOÇARIA CASEIRA

só no BAR RIBATEJO — Pr. do Areeiro, 11-D
Fecha às 3,30 — Abre às 7 horas — Telf. 724111

Em Algés, o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na tabacaria do Café Caravela d'Ouro.

BELCANTO

RESTAURANTE — BAR — BOITE DE NUIT
RUA ANCHIETA, 8 — LARGO DE S. CARLOS, 10
TEL. 20607 — Maiores de 17 anos

TODOS OS DIAS CHÁS-DANÇANTES ATÉ ÀS 21 H.

CONJUNTO **JORGE MACHADO** COM O VOCALISTA *TINO*

CARNAVAL

HOJE

1.º BAILE DE MÁSCARAS

HENRY TONY
1.º PRÉMIO PORTUGUÊS DE ILUSIONISMO

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ
Telefone 27172

Festival de Teatro Parisiense
Às 5 da tarde
Às 9.45 da noite

LEOCÁDIA
com **Dany Robin — Georges Marchal**
(Adultos)

EDEN
Telefone 20768

15.30, 18.30 e 21.45
(M. 12 anos)
Realização de Perdigão Queiroga
EM 2.ª SEMANA

AS PUPILAS DO SR. REITOR
Marisa Prado, Anselmo Duarte, Isabel de Castro e Américo Coimbra á frente dum elenco notável

ALVALADE
Telefone 763089

A's 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.45
em Cinemascope e Metrocolor
2.ª SEMANA
(M. 17 anos)

O MISTÉRIO DO NAVIO ABANDONADO
com **Gary Cooper, Charlton Heston e Virginia Mckenna**

ROMA
Telefone 727778

A's 15.30, 18.15 e 21.45 (M. 12 anos)
2.ª SEMANA
Uma realização de Perdigão Queiroga

AS PUPILAS DO SR. REITOR
com **Anselmo Duarte e Maria Prado**

AVIS
Telefone 47163

A's 15.30, 18.15 e 21.45 (M. 6 anos)
EM 4.ª SEMANA
prossegue a triunfal carreira da extraordinária pequena actriz MARISOL em

UM RAIO DE LUZ

TERRASSE
Telefone 20917

21.00 (M. 17 anos)
OS MILIONÁRIOS DE FILADÉLFIA
UMA RAPARIGA EM FUGA

TIVOLI
Telefone 50595

A's 3, 6.15 da tarde e 9.30 da noite
(17 anos)
3.ª SEMANA
Em cinemascope-Eastmancolor

UM ESTRANHO NA MINHA VIDA
Uma notável comédia dramática com um elenco monumental: com **Kirk Douglas e Kim Novak**

POLITEAMA
Telefone 26305

A's 15.15, 18.15 e ás 21.30
2.ª SEMANA
Um êxito em cheio

DRAGÕES DA VIOLÊNCIA
com **Alan Ladd e Jeanne Crain**
TECNICOLOR — M. 12 anos
Um conflito entre almas bravias, vivido com realismo bárbaro.

CONDES
Telefone 22523

A's 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 17 anos)
Pânico nos serviços secretos

GORILA, AGENTE SECRETO
com **Roger Hanin e Ursula Herwig**

MONUMENTAL
Telefone 55131

A's 15 e 21 horas
(M. 12 anos)
13.ª SEMANA
ULTIMOS DIAS
Uma história dos tempos de Cristo

BEN-HUR
com **Charlton Heston — Jack Hawkins**
Após o início do filme, e durante os primeiros 7 minutos de projecção não é permitida a entrada na sala.

ROYAL
Telefone 865037
(M. 12 anos)

A's 21 horas
O CORCUNDA
com Jean Marais
CAMILLA

CINEMA IDEAL
Telefone 24184

Hoje ás 21 h.
(M. 17 anos)
ALVORADA VERMELHA
A MÁSCARA DO DESEJO

IMPÉRIO
Telefone 55134/5

A's 18.15 e 21.30 h.
(Adultos)
Alberto Sordi, Michéle Morgan e Vittória de Sica
na comédia

FÉRIAS DE INVERNO
Lindas mulheres e homens endinheirados vivendo aventuras sentimentais.
CARNAVAL
Bilhetes á venda — Peçam programas nas bilheteiras

SÃO JORGE
BALCÃO 54154
PLATEIA 54153

A's 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA
Bob Hope Rhonda Fleming
em

«VALENTÃO É APELIDO»
Uma «terrível» aventura do West de fazer estremecer de loucura hilariante. Cor de Luxe.

ODEON
Telefone 262823

A's 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 17 anos)
Um vibrante filme de mistério e de «suspense»

O HOMEM QUE NÃO FALARA
com **Zsa Zsa Gabor, Anna Neagle e Anthony Quayle**
A um passo da pena de morte... Que terrível segredo o impedia de dizer a verdade...

RESTELO
Telefone 610375

A's 21.15
(M. 17 anos)
Uma obra-prima de «suspense»
A LUZ DO SOL
com Alain Delon
Em Eastmancolor

LIZ
Telefone 48560

A's 21 (M. 17 anos)
SONHO DE AMOR
Em Cinemascope com Dirk Bogarde

CASINO ESTORIL

A's 21.30
(M. 17 anos)
COM JEITO VAI... MESTRE
Agora num colégio que mais parece... um manicómio

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA I DIVISÃO

Ardua tarefa do Benfica em Guimarães

O Sporting, 2.º classificado recebe o «onze» da Académica

Amanhã, o «Nacional» da 1.ª Divisão tem a sua 16.ª jornada, 3.ª da 2.ª volta, e, mais uma vez, em dois domingos consecutivos, o 1.º e 2.º classificados, Benfica e Sporting jogam fora e em casa, respectivamente, sinal de que a ansiedade ainda não deparou com a desejada solução de continuidade. São muitas as emoções. Como num rosário...

O calendário estipula os seguintes encontros:

V. Guimarães (19)-Benfica (29)
Sporting (25)-Académica (13)
Atlético (12)-Sp. Covilhã (11)
C. U. F. (16)-Sp. Braga (8)
Leixões (14)-Belenenses (19)
Lusitano (13)-F. C. Porto (20)
Salgueiros (9)-Barreirense (3)

As pontuações, de cada um, apontam-se entre parêntesis e servem, em certa medida, para se avaliar o maior ou menor grau de possibilidades dos contendores.

*

A Amorosa desperta a atenção geral. O «leader», ainda invicto, sabe que o aguarda uma árdua tarefa e o seu antagonista também sabe que está ao seu alcance a honra de conseguir a primeira vitória sobre tão qualificado adversário.

Prevê-se um jogo altamente emotivo, e uma réplica eivada de predicados especiais, condizentes, afinal, com a perspectiva que se proporciona ao Benfica: ou um travão na sua notável carreira ou mais um obstáculo vencido, gloriosamente.

Mais uma vez, os avançados da Luz vão ser chamados a uma acção de intensa observação. Mast a defesa dos minhotos estará á altura de anular a capacidade (terrível) dos dianteiros de Lisboa?

Esta é uma das grandes interrogações que a partida sugere, contando-se, evidentemente, com o próprio resultado — uma incógnita plena de atractivos.

Finalizando, parece que os «encarnados» regressarão de Guimarães sem serem derrotados.

*

Em Alvalade e na Tapadinha travam-se dois jogos de inegável interesse. Os «leões», com o pensamento na Amorosa, não obstante a hesitação, que pode assumir uma catástrofe, dos seus avançados no capítulo da concretização, estão á altura de averbarem um triunfo. Os estudantes não se afiguram capazes de suplantar o seu categorizado opositor, especialmente porque este não pode admitir que o seu atraso seja maior que o actual em relação ao «leader».

O Atlético, contra o decepcionante Sporting da Covilhã, desfruta de uma boa ocasião para coleccionar dois pontos. Não será difícil atingir esse objectivo. Ao equilíbrio do «onze» há que acrescentar a produtividade do seu sector ofensivo.

*

A deslocação do Belenenses apresenta-se imbuída de dificuldades. A «goleada» conseguida pelo Leixões, na Covilhã, constitui um forte estímulo, razão que deve servir de aviso para os «azuis», cuja nova formação, com Yauca em veia, é susceptível de conhecer o êxito. Prevê-se uma pugna equilibrada e plena de entusiasmo.

*

No seu campo, o regular grupo da C. U. F. possui força suficiente para se superiorizar aos bracarenses. E o mesmo está ao alcance do Salgueiros no embate com o Barreirense.

Em Evora, a visita do F. C. Porto é acontecimento de relevo, a despeito da quebra de rendimento dos nortenhos, no entanto, atenuada, no passado domingo, com uma exibição de bom nível. O Lusitano terá que se acautelar.

Equipas prováveis

V. GUIMARAES — Silva; Caiçara e Daniel; Virgílio, Silveira e Trenque; Bártolo, Pedras, Edmur, Romeu e Azevedo.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Angelo; Neto (Saraiva), Germano e Cruz; José Augusto, Santana, José Aguas, Coluna e Cavém.

Arbitro: Clemente Henriques.

SPORTING — Aníbal; Lino e Hilário; Mendes, Morato e Julio; Hugo, Fernando, Figueiredo, Geo e Seminário.

ACADÉMICA — Maló; Curado e Araujo; Marta, Wilson e Torres; Jorge Humberto, Rocha, Samuel, Rui Assis e Almeida.

Arbitro: Mário Mendonça.

ATLÉTICO — Bastos; Tomé e Fernando Ferreira, Brandão, Orlando e Fonseca; Angeja, Vieira Dias, Pinho, Pedro Silva e Tito.

SP. COVILHÃ — Rita; Valente e Walter; Lázinha, Couceiro e Péride; Manteigueiro, Martinho, Picareta, Coreles e Amilcar.

Arbitro: Samuel Abreu.

C. U. F. — José Maria; José Luís (Orlando) e Abalroado; José Carlos, Palma e Oliveira; Alvaro, Faia, Medeiros, Salvador e Uria.

SP. BRAGA — Franklin; Daniel e Azevedo; Armando, Narciso e Pinto Vieira; Mendonça, Almeida, Teixeira, Livinho e Carlos.

Arbitro: Pinto Coelho.

LEIXÕES — Rosas; Santana e Raul 2.º; Ventura (Lopez), Raul 1.º e Silva; Medeiros, Osvaldo Silva, Jaburu, Gomes e Nunes.

BELENENSES — José Pereira; Rosendo e Castro; Vicente, Pires e Alfredo; Yauca, Tonho, Estêvão, Abdul e Chaves.

Arbitro: Braga Barros.

LUSITANO — Vital (Antoninho); Teotónio e Narciso; Piscas, Falé e Vicente; Quinito, Mitó, Adventino, Caraça e José Pedro.

F. C. PORTO — Américo; Virgílio e Paula; Luís Roberto, Monteiro da Costa e Dicão; Jaime, Hernani, Noé, Serafim e Morais.

Arbitro: Joaquim Campos.

SALGUEIROS — Moreira; Neca e Sampaio; Mário Campos, Gabriel e Luso; Raimundo, Chico, Ivson, Carlos Alberto e Benje.

BARREIRENSE — Isidoro; Etelvino e Pimenta; Lança, Faneca e Nogueira; Julio Freire (Madeira), Correia, Mascarenhas, Pataca e Lito.

Arbitro: Eduardo Neves.

Na Tapadinha:

Atlético-Sp. Covilhã

O «NACIONAL» DA 3.ª DIVISÃO

Os 31 desafios da 2.ª jornada

O campeonato nacional da 3.ª Divisão tem amanhã a sua 2.ª jornada, com um total de 31 desafios — mais um do que na jornada de abertura. Os grupos que amanhã jogam em «casa», foram, no passado domingo, visitantes.

Eis os encontros marcados:

ZONA A

1.ª Série — S. C. Mirandela-F. C. Famalicão, S. C. Vila Real-S. C. Regua, Desp. de Monção-A. D. Fafe e F. C. Penafiel-G. D. Bragança.

2.ª Série—Varzim S. C.-F. C. Avintes, A. D. Ovarense-Leça, R. D. Águeda-C. D. Arrifanense, C. U. D. Leverense-Spt. Espinho.

ZONA B

3.ª Série — Académico Viseu-G. D V. Sernache, Mortágua F. C.-C. D. Minas da Panasqueira e Spt. Lamego-Lusitano de Vildemoinhos.

4.ª Série — C. F. «Os Mariavas»-G. C. Alcobaça, G. D. «Os Nazarenos»-C. D. Lousanense, A. D. Figueiró dos Vinhos-U. R. Mirense e C. D. E. F. Norte e Soure-A. Naval 1.º de Maio.

ZONA C

5.ª Série — U. F. C. Industria (Tomar)-Tramagal S. U., G. D. U. Ericeirense-G. D. «O Coruchense», G. D. Vialonga-S. G. Scalabitano «Os Leões» e U. D. Vilafranquense-C. D. Torres Novas.

6.ª Série — Vitória C. L.-Paio Pires F. C., Almada A. C.-C. D. Cova da Piedade, G. D. Pescadores-C. D. Olivais e Seixal F. C.-Casa Pia A. C.

ZONA D

7.ª Série — G. D. Portalegrense-Estrela F. C., S. C. Borbense-R. A. Calipolense, Spt. Campomaiorense-S. L. Évora e «O Elvas»-S. C. Estrela.

8.ª Série — Aljustrelense-Moura A. C., F. C. U. Sambrazense-C. F. Esperança, Spt. Ferreirense-Silves F. C. e Louletano D. C.-S. Domingos F. C.

— Irá isto acontecer em Guimarães com os «canivetes» a cortar a carreira do Benfica?

O «NACIONAL» DA II DIVISÃO

Os jogos de Aveiro e Alhandra são os de maior interesse da 16.ª jornada

Depois da interrupção verificada no ultimo domingo, para acerto de calendários, o campeonato nacional da II Divisão retoma amanhã o seu curso, com os encontros relativos á 16.ª jornada, quer na Zona Norte, quer na Zona Sul.

Recomeça, portanto, uma luta que tem vindo a desenrolar-se com o maior interesse e sem que se possa prever o seu desfecho.

Na Zona Norte, os encontros previstos para amanhã são estes:

Oliveirense-Feirense (4-1)
Boavista-Chaves (3-1)
Castelo Branco-Peniche (0-0)
Caldas-Vianense (2-1)
U. Coimbra-Marinhense (0-4)
Beira Mar-Sanjoanense (2-0)
Torriense-Gil Vicente (1-4)

Entre parentesis indicam-se os resultados dos desafios da 1.ª volta.

A circunstancia de entre o 2.º e o 9.º clasificados medear, apenas, uma diferença de três pontos constitui o principal motivo de interesse dos desafios de amanhã, já que o «leader» — a Oliveirense — com um avanço de quatro pontos sobre o mais próximo não correr perigo de ser apeado da sua posição, pelo menos, imediatamente.

Por uma questão de rivalidade, concedemos ao desafio Beira Mar-Sanjoanense a primazia.

Cremos que a Oliveirense, o Boavista, o Caldas e o Beira Mar, todos jogando perante o seu publico, serão capazes de confirmar as vitórias obtidas na 3.ª jornada do campeonato. Os Albicastrenses deverão aproveitar o factor «casa» para decidirem a seu favor as duvidas suscitadas pelo empate da 1.ª volta. O União de Coimbra e o Torriense irão em busca de desforras, mais fácil de sorrir ao ultimo do que ao primeiro.

*

O programa da Zona Sul reserva-nos os seguintes encontros:

Olhanense-Sacavenense (5-0)
Alhandra-V. Setubal (0-5)
Lusitano V. R.-U. Montemor (0-2)
Estoril-Portimonense (2-4)
Desp. Beja-Olivais (1-4)
Montijo-Farense (0-2)
Oriental-Juventude (1-2)

Entre parentesis indicam-se os resultados dos desafios da 1.ª volta.

A circunstancia dos três primeiros da classificação estarem separados entre si, apenas, por um ponto e o 4.º estar com a mesma pontuação do 3.º, empresta á luta, nesta Zona, um desmedido interesse.

O Olhanense (2.º classificado) deve ganhar, jogando em casa e com o pensamento no Montijo, onde o Montijo o pode ajudar...

O Farense (1.º) e o Vitória de Setubal têm deslocações, na verdade, difíceis, mormente os Sadinos. E não podem merecer, abertamente, favoritismo senão condicionado: é preciso que se apliquem a fundo.

O Oriental é favorito, tal como o Lusitano — portanto, capazes de obter desforras. Os jogos do Estoril e de Beja são susceptíveis de fornecer lutas equilibradas, sendo o vaticínio mais difícil.

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P. — Campeonato de futebol: Escola «Agrícola D. Dinis»-Escola «Afonso Domingues», Colégio S. João de Brito-Colégio Moderno e Liceu «Pedro Nunes»-Escola Portugália, no Estádio Nacional (campo de treinos, relvado), respectivamente, ás 9 e 50, 10 e 11 horas.

— Campeonato de handebol de sete: Escola Fonseca Benevides-Escola Machado de Castro, em vanguardistas A e B, no campo do Liceu Pedro Nunes, ás 10 h. e 10 e 45 h. Liceu Gil Vicente-Liceu Camões e Liceu Pedro Nunes-Colégio Infante de Sagres (1.ª série) e Liceu Gil Vicente-Colégio Moderno (2.ª série), todos em vanguardistas A, no campo do Liceu Gil Vicente, ás 9 e 30, 10 e 15 e 11 h., respectivamente.

ATLETISMO — Corta-Mato dos Dez (5000 metros) nos terrenos anexos ao campo de treinos do Estádio Nacional, ás 10 e 30.

BASQUETEBOL — Campeonato Regional da 2.ª Divisão: Rio Seco-Ateneu (1.ª e 2.ª categ.), no campo do primeiro, respectivamente ás 10 e 11 horas. Campeonato Regional da 3.ª Divisão: Pedrouços-Alvalade (2.ª e 1.ª ás 10 e 11 horas), Boa Hora-Lisgás, C. I. F.-Educ. Física e Campolide-Santa Catarina, ás 11 horas, nos campos dos primeiros. Campeonato Regional de Juniores: Educ. Física-Paço de Arcos (10 horas), Campo de Ourique-Sporting «B» (9 e 30), Benfica «B»-Liberdade (9 e 30), Sporting «A»-Queluz (9 e 30), Atlético-Sacavenense (9 e 30), Ateneu-Belenenses (9 e 30), Algés «B»-Nacional «B» (9 e 30), Tabacos-Universitário (10 h.), Carnide-Algés (10 h.) e Nacional «A»-Lisboa Ginásio (10 h.), nos campos dos primeiros. Campeonato Regional de Infantis: Ed. Física-Paço de Arcos (11 horas), Campo de Ourique-Sporting «B» (10 e 30), Sporting «A»-Queluz (10 e 30), Atlético-Combatentes (10 e 30), Moscavide-Sacavenense (10 horas), Ateneu-Belenenses (10 e 30), Algés-Nacional (10 e 30) e Benfica «A»-Sp. Torres (10 e 30), nos campos dos primeiros.

DESPORTO UNIVERSITARIO— Continuação do campeonato de futebol, no Estádio Universitário, de manhã: I. N. E. F.-Belas Artes e Técnico-Ultramarinos.

HANDEBOL DE ONZE — Campeonato Regional da Divisão de Honra: Almada-Oriental (1.ª categ. ás 10 e 30), Cova da Piedade-Liberdade 1.ª ás 12 e 15), Benfica-Sporting (2.ª e 1.ª ás 9 horas e 10 e 30) e Belenenses-Alverca (2.ª e 1.ª ás 9 horas e 10 e 30), nos campos dos primeiros. Campeonato Regional de Juniores: Almada-Sporting (9 e 30), C. D. U. L.-Benfica (11 e 30) e Oriental-Belenenses (10 horas), nos campos dos primeiros.

HÓQUEI EM CAMPO — Torneio de Abertura (final): Atlético «A»-C. F. Benfica «B», no Restelo, ás 15 e 30.

RAGUEBI — Campeonato Nacional: Sporting-Direito, C. D. U. L.-Agronomia e Académica-Belenenses, em campos e horas a indicar.

TÉNIS DE MESA — Campeonato Regional de Infantis: Católico «C»-Católico «B», Benfica-Sporting, Mirantense-Monte Pedral, Amoreiras-Ateneu, Arroios-Católico «D» e F. C. Lisboa-Encarnação, nas mesas dos primeiros, ás 10 horas.

Actividades da F.N.A.T.

Campeonato de futebol

Em prosseguimento do 19.º campeonato nacional de futebol (distrital de Lisboa), da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, estão marcados para amanhã os seguintes desafios:

1.ª DIVISÃO

S. C. Cervejas-C. Telefones, em Alvalade, ás 11 h.; F. L. Sacavém-F. C.Regina, em Sacavém, ás 10 e 15 horas.

2.ª DIVISÃO

Cinema Condes-Ar Liquido, Diogo d'Ávila-I. G. Cadastral e I. N. Estatística-Carenque, todos da série A, em Alvalade, respectivamente, ás 9, 13 e 15 horas.

Covina-Comp. Carris (série B) e A. Grandela-S. N. Panificação, na Picheleira (C. Telefones), respectivamente, ás 9 e 11 horas.

Simca-C. M. Cascais (série B), no Estádio Nacional (treinos-pelado), ás 15 horas.

Campeonato de basquetebol

Estão marcados para amanhã, no campo do Porto de Lisboa, a partir das 9 horas, os encontros da 7.ª jornada do 20.º Campeonato Nacional de basquetebol da 1.ª Divisão (distrital de Lisboa): Porto de Lisboa-S. P. Seguros, F. C. Regina-Ferroviários do Barreiro e Companhia Carris-S. C. Guérin.

EM BELMONTE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na «FLOR DO ZÊZERE».

O "NACIONAL" DE BASQUETEBOL

Vitória justa mas difícil

do Benfica sobre o Barreirense (48-40)

O primeiro encontro da 3.ª jornada do «Nacional» de basquetebol da 1.ª Divisão terminou com uma vitória justa da equipa «encarnada», vitória que tardou a aparecer, dado o empenho com que jogou o Barreirense a procurar tirar partido de alguns lapsos tácticos do adversário.

Os Barreirenses mais cônscios das suas responsabilidades, agiram já com certa precisão, revelando uma subida de forma. O Benfica, com falhas de adaptação dos seus jogadores, teve de empregar-se com entusiasmo para não ser surpreendido e, mais uma vez, o êxito da sua meia-distancia se fez sentir. Dos seus jogadores, foi Joaquim Coelho quem esteve á altura dos créditos da equipa. Foi ele, na verdade, o artífice da vitória, perturbando a defesa barreirense com a sua rapidez e variedade de fintas.

O triunfo benfiquista, menos claro, baseou-se, porém, na oportunidade e antecipação dos lances jogáveis na zona restritiva dos Barreirenses. A defesa destes teve a meio da segunda parte um período de desarticulação que lhe foi fatal. A reacção nos derradeiros minutos, por parte dos vencidos, não pôde anular a vantagem que os benfiquistas, grão a grão, foram arrecadando.

Boa actuação individual de Joaquim Coelho, Julio Campos e José Alberto, no Benfica, e de Valente e Nunes, no Barreirense. José Macedo, não deu o rendimento que se esperava.

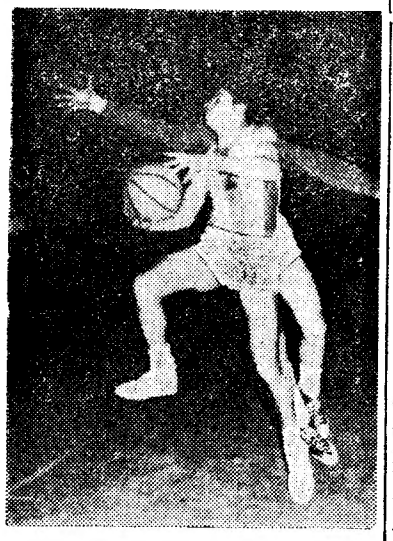
Alinharam e marcaram:

BENFICA — Campos, 8; Reis Pires, 5; José Alberto, 7; Luís Santos, 2; João Pires, 6; Joaquim Coelho, 13; Furtado, 7.

BARREIRENSE—F. José, 3; Clímaco, 2; Nunes, 9; Valente, 12; Macedo, 9; Albino, 4; Cabrita, 1.

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	Marc.	P.
Benfica	3	3	—	—	168-149	9
Belenenses ..	2	2	—	—	100- 83	6
Barreirense ..	3	1	—	2	143-126	5
Académica ...	2	1	—	1	117- 93	4
V. da Gama..	2	1	—	1	74- 95	4
Algés	2	1	—	1	81-115	4
Sporting	2	—	—	2	99-103	2
F. C. Porto...	2	—	—	2	83-101	2



Albino Macedo, do Barreirense, num movimento de lançamento

O PROBLEMA das arbitragens

está a ser encarado sob novas directrizes

A Comissão Central de Arbitros de Basquetebol, atenta ao movimento progressivo registado noutros países, desenvolveu os seus esforços no sentido de enviar os «homens do apito», mais aptos, a alguns cursos no estrangeiro, com a função de colherem ensinamentos que deverão depois pôr em prática no nosso País, através das suas actuações ou por palestras e colóquios. Por outro lado, o ensaio de novos pares, na direcção dos encontros do «Nacional», que obedeceu a uma experiência, pode contribuir para um melhor nível. Espera a entidade dirigente dos árbitros que estes gradualmente se afirmem num plano de estabilidade, uniformizando quanto possível as suas actuações. Deste modo, irá um primeiro grupo de quatro árbitros aos cursos da Austria e da Inglaterra, organizados pela Federação Internacional de Basquetebol. De resto, os «homens do apito», do quadro internacional, não podem faltar a estes cursos se quiserem ter a sua carteira europeia com validade.

HOJE À NOITE

BASQUETEBOL — Para o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão efectuam-se os seguintes encontros: Vasco da Gama-Algés, em Vila Meã; Belenenses-F. C. Porto, no Restelo; e Académica-Sporting, em Santa Cruz.

Os três encontros principiam ás 22 e 15 horas.

LUTA GRECO-ROMANA — Nas salas do Lisboa Ginásio, ás 21 horas, Campeonato Nacional de Iniciados.

VOLEIBOL — No ginásio do Técnico, ás 21 e 30 horas, Técnico-Clube Náutico de Rabat para a «Taça dos Campeões Europeus».

JACK BRABHAM

vencedor na Nova Zelândia

CHRISTCHURCH (Nova Zelandia), 21.—O australiano Jack Brabham, campeão mundial de automobilismo, ganhou hoje o Trofeu Internacional Lady Wigram.

As grandes chuvadas, que encharcaram a pista, obrigaram a limitar o percurso da corrida, que devia ser de 250 quilómetros, para 170.—(A. N. I.).

O «Rallye» de Monte Carlo

começou hoje a disputar-se com o gelo a cobrir perigosamente a maior parte das estradas

MONTE CARLO, 21 — Em condições diferentes das do ambiente que rodeia o dia do início do «Rallye» de Monte Carlo, poderiam parecer ridículas, ou desconexas, até, as exclamações e os comentários alegres da comissão organizadora da famosa prova, perante as mais sombrias previsões meteorológicas que pesam sobre a maior parte dos países atravessados pelo percurso que os concorrentes terão de cobrir—comenta a Imprensa desportiva francesa.

Em entrevista com os jornalistas, várias foram as entidades ligadas á organização que se afirmaram satisfeitissimas com o facto de se esperar que os temporais ponham termo ao período primaveril que se tem feito sentir no Mónaco.

Um deles chegou mesmo a afirmar:

«Espero que o tempo se mantenha o mais tempestuoso possível, porque só com mau tempo o «rallye» poderá resultar um êxito».

É perante tão sombrios vaticínios que cerca de trezentas equipas partiram hoje de oito capitais europeias, para o duro percurso de 3800 quilómetros. A prova deste ano engloba condutores de 21 países, aos volantes de automóveis de 39 marcas europeias e norte-americanas, que convergirão, percorrida a primeira etapa — de 2100 quilómetros — para a cidade francesa de Charbonnières e daí para mais uma tirada — 706 quilómetros — através das perigosas estradas dos Alpes franceses em direcção a Monte Carlo.

As ultimas notícias revelam que o gelo cobre, perigosamente, a maior parte das estradas da Europa que os participantes terão de percorrer e que, as das montanhas, se encontram com extensos troços obstruídos pela neve e com a visão dificultada por cerrado nevoeiro.

Perante tais perspectivas, já se registou a desistência de 26 equipas, reduzindo a 320 o numero inicial de 346 inscritas, mas os organizadores receiam que o numero das desistências suba ainda mais no decurso das provas.

Um campeão profissional conduzirá um «táxi» londrino

Na prova deste ano, os proprietários de carros de grande potência verão reduzidas as vantagens de que usufruiram em anos anteriores porquanto este ano foi adoptado um índice especial para calcular as velocidades fixas das viaturas, por meio da relacionação entre a potência da cilindrada e o peso total do carro.

Efectivamente, na ultima parte da prova, a partir de Charbonnières, os condutores terão de deslocar-se a velocidades préviamente fixadas em função das viaturas aos volantes das quais se encontrem.

Quando os concorrentes chegarem a Monte Carlo, no dia 24, os primeiros 120 terão de disputar as provas complementares de velocidade na pista no «interior da cidade». O percurso é precisamente o mesmo no qual anualmente se disputa o «Grande Prémio» de Mónaco.

As equipas participantes terão de cobrir quatro voltas, numa distancia total de 12 560 metros.

Segundo as primeiras notícias recebidas nesta cidade quanto ás equipas, verifica-se que os Ingleses, como já vai sendo habitual, se representarão em força, uma vez mais. Acresce, a título de curiosidade, que o campeão profissional Tony Brooks resolveu participar na prova, conduzindo um táxi londrino.

Outra curiosidade é, também, o facto de uma das equipas britanicas ter anunciado que durante toda a prova se alimentará, exclusivamente, com determinado produto alimentar vitaminado.—(A. N. I.).

A partida de Lisboa

Perante grande numero de pessoas, ás 16 horas e 48 minutos, junto da sede do A. C. P., foi dada a partida do primeiro concorrente, o inglês Karl Richardson, seguindo-se os restantes, cada um, com o intervalo de um minuto.

Não alinharam, tendo avisado com antecedência a sua desistência, as equipas formadas por R. Gentilini - C. Borlat (franceses) e os portugueses Marques Pinto - José Manuel Nogueira e Manuel Guedes Geraldes - Maria Guedes Gonçalves.

XADREZ

Rosado Domingos, campeão da 2.ª categoria do Grupo Alekhine

O Campeonato da 2.ª Categoria do Grupo de Xadrez Alekhine, agora terminado, foi uma das maiores provas jogadas nesta colectividade. Catorze xadrezistas bateram-se renhidamente, durante mês e meio, e a classificação esteve tão incerta, que muitos lugares (entre eles o 1.º) apenas se decidiram na ultima sessão. Nesta mesma jornada houve três candidatos que adquiriram a categoria.

Rosado Domingos confirmou as qualidades já reconhecidas. O seu duelo com José Cambetas, com quem terminou em igualdade de pontos, durou todo o torneio. O actual campeão do Sul na categoria viu-se preterido pelo sistema de desempate, mas isso não diminui o valor da sua actuação.

O terceiro classificado, Veiga Pires, que esta época se iniciou na actividade oficial, é, também, um jogador que mostra apreciáveis qualidades.

A classificação final ficou assim ordenada:

1.º, Rosado Domingos, 10 pontos; 2.º, José Cambetas, 10; 3.º, Veiga Pires, 9 1/2; 4.º, Vidigal Salgueiro, 9; 5.º, José Fernandes, 8; 6.º, Rogério Nunes, 8; 7.º, Manuel Isaias, 6 1/2; 8.º, Gomes Raposo, 6 1/2; 9.º, Correia Lopes, 6 1/2; 10.º, Pinto Coelho, 5 1/2; 11.º, dr. Gustavo Ribeiro, 4; 12.º, Morais Sarmento, 4; 13.º, Martins Antunes, 3 1/2; 14.º, Artur Costa, 0 pontos.

Os seis primeiros classificados são candidatos á 1.ª categoria. Veiga Pires, Rogério Nunes, Manuel Isaias, Gomes Raposo e Correia Lopes subiram á 2.ª categoria. Artur Costa, com segunda penalidade, desceu á 3.ª categoria.

PROVAS DA A. F. L.

Mais 30 desafios

O Campeonato Distrital de juniores da 1.ª Divisão sofre amanhã interupção, por motivo do encontro Porto-Lisboa. Por outro lado, a conclusão do «Distrital» da 1.ª Divisão de seniores, é outro motivo a limitar a actividade dos filiados da A. F. L.

Mas, apesar de tudo, a referida actividade é, ainda assim, apreciável. Nada menos de 30 desafios estão marcados, como se poderá observar.

Reservas — Sacavenense-Sporting, em Sacavém, ás 10 horas.

«Distrital» da 2.ª Divisão—Palmense-Loures, em Palma; Operário-Fanhões, nos Olivais; Linda-a-Velha-E. Amadora, no Estádio Nacional; Charneca-U. Povoense, no «Chão do Loureiro»; Odivelas-Santa Iria, em Odivelas — todos ás 15 e 30 horas.

«Distrital» da 3.ª Divisão—Série A — Mucifalense-Império, no Mucifal; Algés-Carcavelos, em Algés; Cascalheira-1.º de Dezembro, em «Pina Manique» (treinos); Queluz-Cacém, na Amadora; Oeiras-Porto Salvo, em Carcavelos; Belas-Lourel, em Belas — todos ás 15 e 30 horas.

Série B — Bucelenses-Camarate, em Bucelas; Pinheiro de Loures-Tojal, em P. Loures; Caneças-Ponte de Frielas, em Caneças; Malveira-Povoense A. C., na Malveira; Zambujalense-Castanheira, no Zambujal — todos ás 15 e 30 horas.

«Distrital» de juniores da 2.ª Divisão — Série A — Alverca-Odivelas, em Alverca; Castanheira-Alhandra, na Castanheira; União Povoense-Santa Iria, no Telhal — todos ás 10 e 30 horas.

Série B — Fut. Benfica-Sintrense, em «F. Lázaro»; E. Amadora-Ericeirense, na Amadora; Desp. Olivais-Cascais, em Moscavide — todos ás 10 horas.

Série C — St.ª Catarina-S. Vicente da Beira, em «Pina Manique» (treinos), ás 9 e 30 h.; Tarujense-Cascalheira, em «Pina Manique» (treinos), ás 11 e 15 h.; Mirantense-Arroios, em Moscavide, ás 11 e 45 horas.

Futebol em Macau

MACAU, 21.—Foram os seguintes os resultados dos encontros referentes á 6.ª jornada do campeonato de futebol de Macau:

Tenebroso, 6-San Fá Un, 2; Militar, 3-Chon Wá, 1; Polícia, 2-Hong Lok, 2.

A classificação geral encontra-se ordenada da seguinte forma:

1.º — Militar, 9 pontos; 2.º — Tenebroso, 7; 3.º — Polícia, 7; 4.º — Hong Lok, 7; 5.º — San Fá Un, 4; 6.º — Chen Wá, 2; 7.º — Sá Kong, 0.

Para a 7.ª jornada a equipa do Militar defronta a do Sá Kong, a do Tenebroso a da Polícia e a do Hong Lok a do Chen Wá.—(A.N.I.)

Futebol particular

A «Solmar» venceu a «Ribadouro» por 6-1

Num desafio de futebol entre duas equipas, formadas por empregados das Cervejarias «Solmar» e «Ribadouro», a primeira ganhou pela expressiva margem de 6-1 (com 3-0 ao intervalo).

Alinharam pela «Solmar»: Peralva; Aníbal e Julio; Sousa, Pedro e António; Lito, Monteiro, Marreiros, Fonseca e Álvaro.

Os golos dos vencedores foram marcados por Marreiros (4), Sousa e Monteiro.

UM BODO

a mais de 400 famílias trasmontanas

O tradicional bodo que a Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro distribui anualmente, contemplará este ano mais de quatrocentas famílias, num total superior a 1500 pessoas, com roupas e géneros de mercearia.

A distribuição do importante bodo efectua-se amanhã na sede daquela agremiação regionalista, na Rua da Misericórdia, n.º 20, 2.º andar.

UMA CONFERÊNCIA

sobre Trás-os-Montes

Na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, profere no próximo dia 24, pelas 21 e 30, uma conferência o sr. dr. José Vicente Montalvão Machado, sob o título: «Trás-os-Montes—Perfil sociológico de uma província».

O PORTO pelo telefone

Atropelamento mortal

PORTO, 21.—Na Avenida Marechal Carmona, em Gaia, um táxi conduzido por Fernando Osório de Magalhães, residente na Rua de S. Miguel, 46, 2.º, atropelou a padeira Palmira Olimpia, de 30 anos, residente na Travessa de Camões, 12, que foi conduzida ao Hospital de Santo António onde chegou sem vida.

Duas prisões por furto

A P. S. P. capturou os operários José de Sousa, de 36 anos, da Póvoa do Lanhoso, e Artur da Silva, de 32 anos, residente na Rua da Fonte da Moura, o primeiro por ter furtado, nas obras do bairro S. Roque de Lameiro, 31 quilos de ferro, que no momento da prisão tinha guardados na barraca onde pernoitava, e o segundo, por acusação de conivência e ter igualmente roubado 70 quilos do mesmo metal. Os presos foram enviados á P. J.

Roubo num automóvel

O sr. Domingos da Fonseca, residente em Sandim, Gaia, queixou-se á Polícia de que os gatunos lhe roubaram do interior do seu automóvel, oito peças de cetim e outros artigos, no valor de sete mil e quatrocentos escudos.

Criança queimada

Recolheu á sala de observações do Hospital de Santo António a pequena Maria Laura Loureiro das Neves, de vinte meses, residente com seus pais em Valongo, que sofreu graves queimaduras por se lhe ter pegado o fogo de uma lareira aos vestidos.

Uma desordem entre Silvas...

Na Rua Mártires da Liberdade, foram presos, por se envolverem em desordem, Maria Albertina Alves da Silva, de 36 anos, solteira, moradora naquela artéria, n.º 19, 1.º, Maria Rosa Constantino da Silva, de 25 anos, casada, residente na Rua dos Bragas, 323, 1.º, Maria Teresa da Silva, solteira, e António Vitorino Ferreira Magalhães, de 28 anos, casado, industrial de calçado, ambos residentes na Rua de Camões, 221, 1.º

Agrediu-o e fugiu com a vitela...

Na P. S. P. queixou-se o sr. José da Silva Queirós, residente na Rua Central de Francos, 82, contra um indivíduo residente em Avintes, Gaia, acusando-o de o ter agredido quando o transportava para o Porto numa furgoneta que havia alugado na qual o queixoso transportava uma vitela, levada pelo agressor.

Curso de árabe

Esta tarde, na sala de Química da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, efectuou-se mais uma lição de cultura árabe, durante a qual o sr. dr. António Losa versou o tema «Maomé e o Alcorão».

Espectáculos de amanhã

SÁ DA BANDEIRA — A's 21 e 45 — «Armadilha para um homem só» (12 anos).

TEATRO DE BOLSO — Ás 21 e 45, o drama em 4 actos «Ibsen Hedda Gabler» (maiores de 17 anos).

COLISEU — Ás 21 e 30 — «A cegonha disse sim», comédia (17 anos).

S. JOÃO — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 —«As pupilas do sr. reitor», romantico (12 anos).

RIVOLI — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Pollyanna», comédia (12 anos).

ÁGUIA DE OURO — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Cavalheiros de Indústria», guerra (17 anos).

TRINDADE — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Ben-Hur», bíblico (12 anos)

BATALHA — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30—«Psico», (maiores de 17 anos).

VALE FORMOSO — Ás 21 e 30 — «O seu pecado foi amar», drama (17 anos).

OLIMPIA — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Violência a bordo», policial (17 anos).

JULIO DINIS — Ás 21 e 30 h. — «Ao ritmo do mambo», musical (12 anos).

NUN'ALVARES — Ás 21 e 30 — «A gaiola de ouro», comédia (17 anos).

«Amigos de Lisboa»

Os «Amigos de Lisboa» promovem amanhã, ás 15 horas, uma visita de estudo, para os seus sócios de numero par, ao Museu de Arte Contemporanea, na Rua Serpa Pinto, ao Chiado, sob a direcção do sr. prof. Armando de Lucena.

Carta em resposta

a um depoimento voluntário (6)

Foram tristemente assinalados os ultimos anos da Monarquia por apelos á intervenção de governos estrangeiros, os quais visavam o Partido Republicano e procuravam impedir ou retardar a mudança de regime. Sempre os monárquicos interpretaram as nossas alianças e amizades como apanágio da coroa e disso deram exuberantes provas. Ao longo da História, as nossas relações com a Espanha foram influenciadas pelo preconceito dinástico e, por vezes, sabe Deus com que graves riscos e prejuizos para a integridade e independência nacionais. A aliança com a Grã-Bretanha foi sempre apresentada como um produto da solidariedade das duas casas reinantes e os panegiristas de D. Carlos apresentam-no como amigo pessoal de Eduardo VII, sendo essa a razão da transformação que se operou nas relações anglo-portuguesas depois do ultimato. Tudo isto é do domínio da especulação partidária, e os factos desmentiram as ilusões arquitectadas á volta desses conceitos.

Tomo a liberdade de recordar a V. Ex.ª alguns factos ocorridos nesse período, os quais documentam o que afirmo. Antes disso lembrarei a frase de Junqueiro que sintetiza, na sua máscula energia, o sentimento patriótico dos republicanos. «Prezo tanto a independência do meu País, dizia o poeta, que sacrificaria, sendo necessário, os destinos da minha raça á sua completa independência». Assim sentiam e pensavam os republicanos, no final da Monarquia. No Poder a folha dos seus serviços confirma que esse sentimento não se obliterou ou desvaneceu.

Quando da expulsão dos deputados republicanos Afonso Costa e Alexandre Braga do Parlamento (Novembro de 1906) com o pretexto em acerbas referências por ambos feitas ao escândalo dos adiantamentos, os republicanos espanhóis manifestaram o seu aplauso aos republicanos portugueses. Essa atitude era natural e legítima e revelava a impressão que aquele acto do Poder — isto é, do rei e de João Franco — causara, impressão que nos países onde o parlamento era a expressão da soberania popular, os quais constituíam o maior numero na Europa, foi deplorável. Na Camara dos Deputados, o deputado monárquico Moreira Junior apresentou uma moção protestando contra a pretensão de estranhos se envolverem na nossa política, a qual foi aprovada por unanimidade. Tratava-se de uma especulação infundamentada e que deu, como era natural, lugar a afirmações de fervor patriótico que para os monárquicos se ajustavam á realidade quando se tratava de palavras. «Foi consolador, escreveu o dr. António Cabral, o que se seguiu. Na Camara não houve pregressistas, nem regeneradores, nem republicanos. Houve, sòmente, Portugueses, sempre prontos a repelir uma afronta ou castigar uma injúria. Todos os que discursaram foram claros nas suas declarações». Como deputado, aquele categorizado monárquico felicitou e saudou não só os deputados republicanos mas todo o Partido Republicano, pela maneira leal e patriótica como procederam. Nem os deputados nem o partido a que pertenciam precisavam de tais louvores em matéria que os autorizava a dar lições aos seus adversários, mas o testemunho do dr. António Cabral foi significativo.

Neste cenário avultaram duas figuras, João Franco e António José de Almeida, e vai V. Ex.ª ver porque assim foi. António José de Almeida proferiu um dos mais eloquentes discursos da sua carreira parlamentar. João Franco tomou com o País um compromisso que, embora pese a V. Ex.ª, não cumpriu como tantos outros. Falando com a sua veemência habitual (Junqueiro dizia que ele mentia com o coração nas mãos), afirmou o chefe do governo: «Se amanhã estivesse de um lado uma Republica, feita e sustentada por Portugueses, e do outro lado uma Monarquia sustentada por estrangeiros, se essa dualidade se pudesse dar, eu não hesitaria em me colocar ao lado dos republicanos para combater os estrangeiros que amparassem a Monarquia». A resposta de António José de Almeida terminou com estas palavras proferidas com a solenidade que as circunstancias exigiam: «O sr. João Franco acaba de dizer que, nas lutas entre portugueses, não quer o auxílio de estranhos. No embate entre republicanos e monárquicos só admito Portugueses. Pela primeira vez, pela unica vez estamos de acordo. Em nome do Partido Republicano, e porque julgo poder assumir essa responsabilidade, tomo o compromisso solene de que nós, republicanos, jamais aceitaremos qualquer auxílio que nos venha de fora. Nesse caso, não queremos uma baioneta, um braço, uma moeda. Tome, se pode, o sr. João Franco compromisso igual. Declare que não tolerará o recurso ás armas estrangeiras quando nós, republicanos, nos batermos, peito a peito, com a Monarquia. Vá! A franqueza

CARLOS FERRÃO

(Continua na página seguinte)

PORTUGUÊS CONDENADO POR COMÉRCIO ILÍCITO DE OURO

JOHANESBURGO, 21. — Um fazendeiro português, desta cidade, foi condenado a pagar uma multa de 100 libras esterlinas (8000 escudos) e a cumprir seis meses de cadeia, com a pena suspensa, por comércio ilícito de ouro.

Agentes da Polícia afirmam que lhe ofereceram 100 gramas de ouro ao preço de 35 libras esterlinas, quando essa quantidade valia 110. Foi assim que o prenderam em flagrante delito. O fazendeiro alegou que não tencionava comprar ouro, mas admitiu que adquirira ácido sulfurico para experimentar o metal. — (F. P.).

A INGLATERRA APRESENTOU propostas firmes sobre o Laos à União Soviética

MOSCOVO, 21—A Inglaterra apresentou propostas firmes á União Soviética para o restabelecimento da Comissão Internacional de Tréguas destinada a restaurar a paz no Laos.

As propostas foram formuladas verbalmente no Ministério dos Negócios Estrangeiros pelo embaixador britanico, «sir» Frank Roberts, e constituem a resposta á nota soviética de 22 de Dezembro.—(R.).

Os recrutas formados na parada durante o juramento de bandeira

Mil recrutas de Infantaria 1 que vão partir para o Ultramar juraram bandeira esta manhã na presença do subsecretário do Exército

Na Amadora, juraram hoje bandeira cerca de 1000 recrutas do Regimento de Infantaria 1, da segunda incorporação de 1960, que vão partir em breve para o Ultramar.

Às 10 horas, chegou á porta das armas o coronel Costa Gomes, subsecretário de Estado do Exército, que era aguardado pelo general Luís Domingues, governador militar de Lisboa, pelo segundo comandante do G. M. L., coronel tirocinado Moura dos Santos; e pelos 1.º e 2.º comandantes da unidade, coronel Santos Gomes e major Carvalho.

Aquele membro do Governo, acompanhado pelo coronel Santos Gomes, passou revista á guarda de honra, constituída por uma companhia, com bandeira, guião e banda, enquanto esta executava o «Hino do Exército».

Depois, da entrada do edifício do comando, assistiu ao desfile da guarda de honra.

Na sala do comando, o coronel Santos Gomes agradeceu a presença do subsecretário de Estado e do governador militar e a honra que deram em assistir ao juramento de bandeira daqueles homens que em breve vão, partir para o Ultramar:

— Desejei dar o maior relevo a esta festa, convidando V. Ex.ª, para que estes homens vejam que o Governo se interessa por aqueles que vão servir em terras longínquas de Portugal.

O coronel Costa Gomes afirmou que tem sempre muita honra e muita satisfação em assistir a festas de tal natureza:

— Hoje prestam juramento homens que aqui receberam instrução e que em breve vão ser espalhados por diversos territórios ultramarinos. Como sabem a situação actual obriga a uma vigilancia estreita e a alguns sacrifícios. Devemos, pois, manter o maior contacto possível com as nossas tropas, dando-lhes todo o apoio, para bem poderem cumprir a sua missão.

E concluiu afirmando:

— Conheço bem as tradições desta unidade; mas é sempre agradável ouvir novas afirmações de lealdade, aliás obrigatória na nossa profissão.

Depois, dirigiram-se á parada principal do aquartelamento, onde o regimento se encontrava formado, a três batalhões, tendo á frente a bandeira, com a respectiva escolta, e á direita a guarda de honra. Comandava a formatura o tenente-coronel Amandio Ferreira.

Um altar improvisado para a missa campal estava ladeado por dois canhões antiaéreos e tinha em frente outros quatro.

A banda tocou o «Hino do Exército», e o padre Lucio Marçal, prior da freguesia da Amadora e capelão da unidade, após uma alocução patriótica, celebrou missa.

Após a cerimónia religiosa, o segundo comandante da unidade leu os deveres militares; e o major Agostinho Ferreira proferiu uma alocução, exortando os novos soldados a cumprir o seu dever, neste momento em que tantos ataques se desencadeiam «contra aquilo que foi, e continuará a ser nosso, se nós o quisermos».

Seguiram-se a ratificação do juramento, a continência á bandeira e a execução do Hino Nacional.

Às cerimónias assistiram muitas pessoas das famílias dos elementos da unidade, algumas das quais eram portadoras de sacos, cestos e garrafões, destinados aos soldados seus familiares.

EM CIMA: um aspecto da assistência. EM BAIXO: O vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa ao apresentar a sua comunicação, esta manhã, no S N. I.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

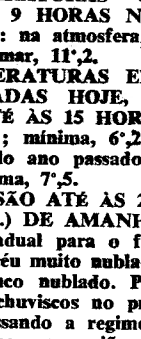
SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco a moderado de Sueste, o céu estava encoberto nas regiões a norte do Tejo, onde chovia, muito nublado a sul do mesmo rio, por acção de uma massa de ar humido transportada na circulação de uma depressão centrada a sudoeste da Islandia.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS (T. M. G.): Porto, Coimbra e Lisboa, 9°; Faro, 12°; Ponta Delgada, 14°.; Funchal, 16°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 11°,3; na água do mar, 11°,2.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE, EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 14°,3; mínima, 6°,2. No mesmo dia do ano passado: máxima, 15°; mínima, 7°,5.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Melhoria gradual para o fim da tarde, com céu muito nublado, tornando-se pouco nublado. Períodos de chuva e chuviscos no princípio da tarde, passando a regime de aguaceiros fracos nas regiões montanhosas do norte do continente. Vento fraco de Sueste rondando para Oeste.



Emissora Nacional

Está aberto concurso para o estágio de locutores, de ambos os sexos, na Emissora Nacional, para preenchimento de vagas existentes.

Vão
os
constr
e

Com a le
termina ho
de Turismo
I., do qual
te, valios
com vista
vimento tu
sequenteme
económico.

Durante
noite, as s
veram um
rio e foram
lorados e
participara
des em pro

Esta ma
ram-se mai
rias. A pri
dade de Lis
à colaboraçã
-presidente,
o entusiasm
Colóquio de
do portugu
numa inicia
boa tem al

**«Lisboa nã
— afirmo**

Mais adia
fundamenta
transportes,
mentos e a
lelo, nesse
País e a It
e a Espanh
em 1960 6

Depois af
— Lisboa,

gresso da
excepcional
o seu porto
percentagem
geiro.

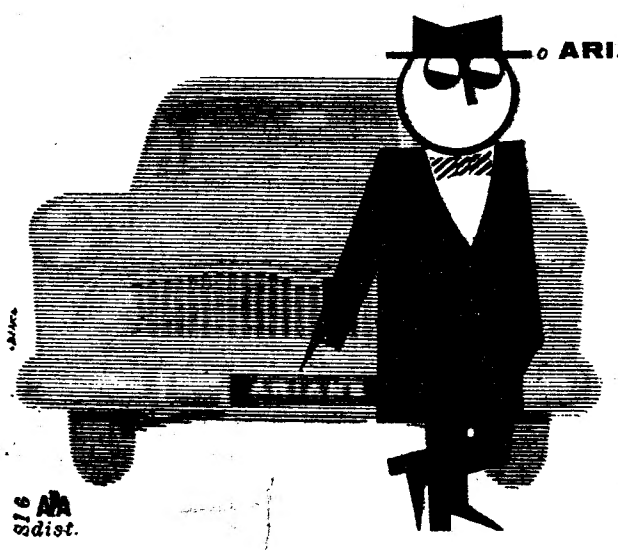
Citou a o
a valorizaçã
tou que «L
dade, mas
Poderá vir
uma próspe
rística».

**A valoriza
preconi**

O chefe d
e Turismo
apresentou
mento sobr
boa», no q
menor aos
fértil a nos
outros, os

— Nota-se
leza de hor
itante pel
existe que
ainda os mo
pode usufru
nística do
adequada,
mento e ilu
necessários,
encontra na
rece urgent
ro e com el
Lisboa com

E prosseg



o ARIANE está equipado com o formidável motor

"RUSH SUPER"

com 5 apoios

ESTE ARIANE PERCORREU 200.000 km A 100 À HORA DE MÉDIA NA ESTRADA EM MIRAMAS

Experimente o Ariane Miramas nos Concessionários

SIMCA

ou na SIMCA PORTUGUESA Praça de Londres, 7-A e Avenida da Liberdade, 113

GRANDE ESTABELECIMI

De gaveto na Avenida de Roma, com galeria e armazéns — valor das obras, podendo facilitar-se pagamento, servindo para stand café e bilhares, dependências Banco, Agência de Viagens ou Turismo.

Resposta a este jornal ao n.º 12.

1

mar

rcito

vos sol-
er, nes-
ataques
aquilo
nosso,

do ju-
andeira
ional.
muitas
mentos
is eram
e garra-
os seus

Vão ser iluminados

os monumentos de Lisboa

construído o Parque de Campismo e valorizado o Bairro de Alfama

— foi hoje anunciado no Colóquio Nacional de Turismo

Com a leitura das comunicações, termina hoje o Colóquio Nacional de Turismo, promovido pelo S. N. I., do qual se extrairam, certamente, valiosíssimas recomendações com vista ao acentuado desenvolvimento turístico do País e, consequentemente, ao seu progresso económico.

Durante três dias, de manhã á noite, as salas do Palácio Foz tiveram um movimento extraordinário e foram cenário de debates acalorados e construtivos, nos quais participaram numerosas autoridades em problemas de turismo.

Esta manhã, no teatro, realizaram-se mais duas sessões plenárias. A primeira, consagrada á cidade de Lisboa, foi preenchida com a colaboração do Município. O vice-presidente, sr. Aníbal David, focou o entusiasmo e o interesse que o Colóquio despertou em todo o mundo português, acrescentando que, numa iniciativa sobre turismo, Lisboa tem algo a dizer.

«Lisboa não é uma cidade rica» — afirmou o vice-presidente da Câmara

Mais adiante, disse que os pilares fundamentais do turismo são os transportes, hoteis, clima, monumentos e artes e traçou um paralelo, nesse domínio, entre o nosso País e a Itália, a Suíça, a França e a Espanha. Este ultimo recebeu em 1960 6 milhões de visitantes.

Depois afirmou:

— Lisboa, com o espantoso pro-

gresso da aviação, perdeu a sua excepcional posição geográfica, e o seu porto recebe hoje uma menor percentagem do turismo estrangeiro.

Citou a obra do Município para a valorização da cidade. Acrescentou que «Lisboa é uma bonita cidade, mas não é uma rica cidade. Poderá vir a ser, se nós quisermos, uma próspera e grande cidade turística».

A valorização dos miradouros preconizada pelo dr. João Pina Vidal

O chefe da secção de Propaganda e Turismo sr. dr. João Pina Vidal, apresentou um interessante depoimento sobre «Miradouros de Lisboa», no qual se referiu em pormenor aos miradouros de que é fértil a nossa capital, fez, além de outros, os seguintes comentários:

— Nota-se que, para além da beleza de horizonte oferecida ao visitante pelos miradouros, pouco existe que torne mais agradáveis ainda os momentos que cada um ali pode usufruir; a preparação urbanística do local, com a vedação adequada, pavimentação, ajardinamento e iluminação absolutamente necessários, é tudo quanto o turista encontra na maioria dos casos; parece urgente valorizar o miradouro e com ele o conhecimento de Lisboa com que fica o visitante.

E prosseguiu:

— Para tanto, cremos muito fácil a existência «in loco» de «leitores panoramicos», isto é, da representação gráfica da silhueta da cidade, dando a posição pela imagem legendada do que interessasse chamar a atenção. Este «leitor panoramico» deveria fazer-se em material durável. Por exemplo, um parapeito em mármore, onde a gravação dos respectivos motivos de chamada seria feita esquemáticamente.

«Do mesmo modo, conviria editar desdobráveis de desenho simples, mas bem elucidativos, relativo á panoramica oferecida por cada um dos miradouros. Esses desdobráveis seriam colocados á disposição do turista nos postos de turismo municipais, no S. N. I., nas agências de viagens, nos hoteis, «dancings», salões de chá, restaurantes típicos, etc.

«Conviria também instalar no miradouro pequenos pavilhões para venda de recordações, postais ilustrados, publicações turísticas, franquias postais, tabacos e até bebidas. Poderiam igualmente, funcionar como posto de informação».

Terminou por preconizar a execução de filmes de curta metragem para venda directa ao turista e a realização de documentários de 35 milímetros para exibição nos cinemas nacionais e nas Casas de Portugal e embaixadas no estrangeiro.

A iluminação dos monumentos

O sr. eng. Pulido Garcia fez uma comunicação sobre «parques e jardins», dizendo que Lisboa é conhecida hoje por nacionais e estrangeiros como a cidade dos jardins bem cuidados, asseados, em ordem, onde se reconhece em cada arbusto ou em cada canteiro o desvelo dos jardineiros e o cuidado do publico.

O sr. eng. Pereira Marques falou sobre «Monumentos e sua Iluminação», anunciando que vão ser iluminados todos os monumentos de Lisboa. Para já, vão ter iluminação de carácter definitivo as ruinas do Convento do Carmo, o Arco da Rua Augusta, os monumentos a D. José, a Afonso de Albuquerque, aos Heroís da Guerra Peninsular, a Álvares Cabral, ao marechal Saldanha e á igreja de S. Vicente de Fora.

O sr. eng. Abreu Nunes ocupou-se de «Parques de Turismo», analisando, em particular, a próxima criação do Parque Campista de Lisboa, no local da Casa de Paulos, zona ocidental do Parque Florestal de Monsanto. Por ultimo, o sr. arquitecto Couto Martins referiu-se a Alfama, discriminando os seus locais com interesse turístico e acrescentando que o Município vai valorizar cada vez mais aquele pitoresco burgo, não apenas alindando, mas restaurando, compondo, higienizando e proporcionando melhores condições de habitação.

Problemas de recepção turística

A segunda sessão plenária de hoje foi preenchida com uma conferência do sr. prof. dr. Faria Lapa, intitulada «Problemas da recep-

(Continua na 14.ª página)

JOÃO VILLARET

Artistas e intelectuais

desfilaram perante a urna com os restos mortais de João Villaret

Causou em toda a capital profunda comoção a morte de João Villaret, que ontem se extinguiu, aos 47 anos de idade, no Hospital da C. U. F., onde fora recentemente operado a um rim, mantendo-se desde então em estado grave. O destino pôs termo ao longo sofrimento que vinha torturando o talentoso e popular actor, cuja perda deixa vazio um lugar de eleição no nosso teatro, ao mesmo tempo que um sulco de dolorosa saudade se abre após a sua sombra amável.

Logo que a infausta notícia se propalou, a toda a parte levando um arrepio de dor ou uma sombra de tristeza, pois o actor era querido, como poucos, por um vastíssimo publico, os seus grandes amigos acorreram ao Hospital da C. U. F. Artistas de todos os teatros de Lisboa, escritores, cenógrafos, críticos, jornalistas, médicos. Entre outras personalidades, Amélia Rey Colaço, Mariana Rey Monteiro, Erico Braga, Lucien Donat, Laura Alves, Leitão de Barros, Carmen Mendes, Augusto Fraga, Artur Semedo, Maria Paula, Mimi Gaspar, Maria Brandão, Berta Loran, Paulo Renato, Emilio Correia, Raul Solnado, Humberto Madeira, Paiva Raposo, Armando Vieira Pinto, Nelson de Barros, Armando Rodrigues, Sérgio Acurcio, além de Beatriz Costa, Francisco Mata, Vasco Morgado, que haviam assistido já aos ultimos momentos do malogrado actor.

De madrugada, o corpo foi trasladado para a basílica da Estrela e aí, armada a camara ardente, principiou um interminável desfile de amigos, artistas, desde os mais célebres aos mais jovens alunos do Conservatório e até anónimos admiradores de Villaret, que não escondiam a sua emoção. Houve cenas patéticas de irreprimível sentimento. Velaram o corpo, entre outras personalidades, Maria Lalande, Constança Navarro, Álvaro Bena-

(Continua na página seguinte)

FELLINI ANTONIONI E VISCONTI distinguidos pelos jornalistas italianos

ROMA, 21. — A União Nacional dos Jornalistas Cinematográficos Italianos publicou a lista dos actores, realizadores e produtores entre os quais devem ser escolhidos os merecedores da «Fita de Prata» relativamente a 1961. Em todas as categorias sobressaem películas que despertaram acesa controvérsia como «La Dolce Vita», de Fellini, «Rocco e os seus irmãos», de Visconti, e «A aventura», de Antonioni, todos eles severamente condenados pela Imprensa italiana, designadamente a católica.

Eis os candidatos propostos pelos críticos:

Melhor realizador — Michelangelo Antonioni, Federico Fellini e Luchino Visconti.

Melhor actriz principal — Anna Maria Ferrero, em «Il Gobbo», filme policial; Sophia Loren, em «La Ciociara»; e Monica Vitti, em «A aventura».

Melhor produtor — Dino de Laurentis, pelo conjunto da sua produção; Goffredo Lombardo, por «Rocco», e Angelo Rizzoli e Giuseppe Amato pelo filme de Fellini.

Melhor argumento cinematográfico — «Rocco», «La Dolce Vita» e «Tutti a casa», película sobre a segunda guerra mundial.

«Rocco» figura ainda entre os candidatos ao melhor actor secundário, á melhor fotografia a preto e branco e ao melhor guarda-roupa.

Os críticos italianos propõem, ainda, Ingmar Bergman, sueco, Grigori Chukrai, russo, e Jean-Luc Godar, francês, para o prémio da melhor realização estrangeira, pelos seguintes filmes, respectivamente: «O Sétimo Solo», «A balada do soldado» e «À bout de souffle». — (A. N. I.).

DISTRIBUIÇÃO DE PRÉMIOS na Sociedade Columbófila do Centro de Portugal

Hoje, ás 21 e 30, a Sociedade Colúmbófila de Portugal promove, na sua sede, Avenida Almirante Reis, uma sessão para entrega dos prémios referentes á campanha do ultimo ano.

Serão distribuídas cerca de 200 taças e prémios especiais a quase uma centena de columbófilos.

O povo indiano

recebeu calorosamente Isabel II demonstrando ter esquecido as antigas discórdias

NOVA DELHI, 21 — A rainha Isabel e o duque de Edimburgo chegaram hoje a esta cidade para iniciarem a sua visita de seis semanas á India, Paquistão, Nepal e Irão.

Uma salva de 21 tiros foi dada em honra da soberana — a primeira monarca reinante da Grã-Bretanha a visitar a India desde há 50 anos.

Quando o régio casal saiu do avião real «Britannia», após um voo de Chipre, o presidente da India, dr. Rajendra Prasad, de 75 anos, e o vice-presidente Radhakrishnan, assim como o primeiro-ministro Nehru, apresentaram-lhe cumprimentos.

Foram seguidos pela filha de Nehru, sr.ª Indira Gandhi, que é a anfitriã oficial.

O presidente Prasad afirmou no seu discurso de boas-vindas: «Como membro da Comunidade Britanica, a India compartilha com o Reino Unidos de certos objectivos comuns — a boa-vontade e a paz internacionais sendo, talvez, estes os mais importantes».

Na sua resposta, Isabel II declarou que esperava que a sua visita á India demonstraria o «respeito e amizade que existem entre a Grã-Bretanha e a India».

O jornal independente «Times of India» refere-se, hoje, ao «entusiasmo fabuloso» provocado na India republicana pela visita e diz: «Poucas pessoas pensariam isso possível, há cerca de 15 anos... Uma boa parte do crédito pelas boas relações entre os dois países deve pertencer á Grã-Bretanha».

Toda a estrada desde o aeroporto militar de Palm até Nova Delhi encontrava-se repleta de povo que aclamou entusiásticamente o casal. Há indicações de que a multidão excedia o máximo de dois milhqes registado quando da visita de Eisenhower, em 1959. A multidão reagia entusiásticamente quando a rainha, sorridente, acenava do automóvel aberto em que viajou até á cidade na companhia do presidente Prasad.

Na cerimónia de boas-vindas no aeroporto, em lugar das tradicionais grinaldas foi oferecido á rainha um ramo de 75 rosas vermelhas e amarelas num vaso de prata.

A ultima fase do percurso, até ao palácio presidencial, caracterizou-se pelo mesmo entusiasmo da multidão. Sessenta lanceiros da guarda presidencial, transportando lanças de prata e penachos nos capacetes escoltaram o automóvel.

A rainha apertou a mão á neta do presidente antes de entrar no palácio. A rainha e o duque foram conduzidos á suite Drawka, a mesma que serviu para alojar o presidente Eisenhower e Kruchtchev durante as suas visitas á India. — (R.).

O MINISTRO DO EXÉRCITO assiste amanhã em Vila Viçosa a uma sessão condestabriana

VILA VIÇOSA, 21. — A comissão executiva das festas condestabrianas nesta vila, com a colaboração do Conselho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança, leva a efeito amanhã, pelas 15 e 30, nos salões do castelo, uma sessão solene, que será presidida pelo sr. arcebispo de Evora

Serão oradores os srs. D. Francisco Maria da Silva, bispo auxiliar de Braga, e general Luís da Camara Pina, chefe do Estado-Maior do Exército.

O coro do Seminário interpretará alguns trechos musicais.

Assiste a esta sessão o sr. ministro do Exército.

A VALÓNIA volta ao trabalho

NAMUR, 21. — A comissão coordenadora das regiões valonas da F. G. T. B. — sindicato socialista — reunida nesta cidade, decidiu o regresso ao trabalho, na segunda-feira, em toda a Valónia.—(F. P.).

PASTA PERDIDA

Pede-se ao motorista dum táxi MERCEDES que no dia 20, cerca das 21.40 levou um passageiro da Av. Liberdade, 211 á Praceta Silva Carvalho, n.º 6, o favor de entregar esta pasta na Rua Garrett, 61-5.º-Dt.º ou na Praceta Silva Carvalho, N.º 6-6.º-Esq.º, pois contém documentos importantíssimos que só interessam ao próprio. GRATIFICA-SE.

PASTA MEDICINAL Couto
EVITA estomatites
TRATA doenças da bôca

Desperdiçar não é grandeza
Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

À VENDA NAS DROGARIAS

Carta em resposta
a um depoimento voluntário

(Continuação da pagina anterior)

com que eu falo exige dele um rasgo igual!».

Os acontecimentos puseram à prova as afirmações então feitas pelos homens que, nessa ocasião, interpretaram as intenções de monárquicos e republicanos. Patriota sem mácula, António José de Almeida teve de levar a sua palavra ardente ao Norte do País quando bandos armados de monárquicos penetraram no território nacional depois de se armarem no estrangeiro. Quando a intervenção de Portugal na guerra exigiu o sacrifício das suas opiniões partidárias, reconciliou-se com adversários que combatera e presidiu ao governo de União Nacional. A sua presença no Brasil foi o acto mais relevante da política de amizade luso-brasileira desde a independência daquele país.

E João Franco? V. Ex.ª permitir-me-á que eu recorde a sua atitude quando, em seguida ao regicídio, apelou para a intervenção estrangeira convencido de que era essa a melhor maneira de prolongar a ditadura e salvar a Monarquia. Num artigo que aqui publicámos, referimos as condições em que esse apelo ao chefe do Governo espanhol, Maura, e ao gabinete britanico assinalou, tristemente, o fim da sua carreira política. Na nossa fronteira concentraram-se soldados espanhóis, aos nossos portos chegaram navios de guerra britanicos, a pedido do chefe do governo em vésperas de ser demitido. «O primeiro-ministro João Franco, escreveu o monárquico sr Armando Ribeiro, tinha os olhos vendados e o seu poder findara». Aqueles governos emendaram o mau passo em que se haviam envolvido devido ás suas imprudentes solicitações. João Franco dissera que nas lutas entre Portugueses não admitia a participação de estrangeiros. Como aconteceu a tantas das suas promessas, faltou também a essa.

Depois de D. Manuel II subir ao trono, o mesmo pendor inquietante para essas diligências fez-se sentir entre os monárquicos. O Partido Republicano, em declarações feitas por membros dos governos do regime, glosadas pelos parlamentares e pela Imprensa, foi incessantemente ameaçado da intervenção estrangeira para defender as instituições, caso tentasse derrubá-las. Essas insinuações e ameaças eram feitas sem rebuço. Os que as faziam não se coibiam de exibir a verdadeira natureza dos seus sentimentos. A esquadra britanica e o exército espanhol interviriam no dia em que os republicanos decidissem bater-se nas ruas para mudar o regime.

Até que ponto corespondiam os factos a essas insinuações? Infelizmente correspondiam em grande parte. V. Ex.ª recorda-se da entrevista de Vila Viçosa? «Para fugir á eventualidade da proclamação da Republica, escreveu o autor insuspeitamente monárquico que já citei, D. Manuel II tentou não uma aproximação com o povo e o esquecimento das culpas da Monarquia, resgatando-as, mas enlaçando o país nas malhas de um projecto que a Nação inteira reprovou. A histórica entrevista de Vila Viçosa teve uma nota insensata de mistério. Os dois monarcas peninsulares quiseram assegurar as suas coroas, sem pensarem que á propagação das ideias nada se opõe e que o instinto da liberdade faz dos fracos, heróis, e dos humildes, imperiosos».

Esta interpretação do encontro de Vila Viçosa não era excessiva nem infundamentada, como se provou com a revelação da carta dirigida pelo ultimo ministro dos Negócios Estrangeiros da Monarquia, José de Azevedo Castelo Branco, ao soberano (D. Manuel II), pouco antes da queda da Monarquia. Que dizia essa carta que transcreverei para conhecimento de V. Ex.ª, dada a sua importancia e gravidade? Nela se aludia, abertamente, a um entendimento entre as monarquias da Espanha e de Portugal e entre os seus governos para preparar a intervenção de qualquer deles no território do outro, em caso de ameaça ás instituições vigentes. A iniciativa partiu do ministro português e só loucos não sabem o que estas iniciativas custam aos países fracos, como o nosso.

Dizia a carta do ministro a D. Manuel II: «Quanto ao assunto da nossa conversação no Paço das Necessidades, entendi aproveitar a oportunidade de vir ao Ministério dos Estrangeiros o marquês de Vilalobar (representante de Espanha em Lisboa) dar-me uns informes, para entrar com ele em conversa oficiosa sobre a conveniência de estreitar em bases definidas, as nossas relações políticas visto os dois países (Espanha e Portugal sofrerem de um mal comum—a invasão da onda democrática». «Neste sentido, prosseguia a carta, lhe fiz um longo arrazoado que ele rebateu com agrado a ponto de me perguntar se queria que levasse isso ao conhecimento do seu soberano ou apenas do chefe do seu governo. Fiz-lhe notar que esta ideia era apenas pessoal e minha, que sobre ela não tinha consultado o Governo e que V. M. nem de leve suspeitava deste meu ponto de vista. Que a minha ideia era que as duas nações, por um instrumento secreto, se comprometessem a um mutuo auxílio, no caso de irromperem movimentos revolucionários que pusessem, lá e cá, em risco a segurança das instituições».

A carta terminava assim: «Ele (ministro da Espanha) concordou em que o interesse era comum e por isso recíproca a vantagem e lhe parecia que seria grato ao coração de S. M. D. Afonso XIII o lembrarmo-nos dele em tal conjuntura, independentemente das estipulações da nossa aliança com a Inglaterra. Entendi pôr neste pé a questão porque tinha oportunidade e correspondia a uma necessidade que não é só nossa mas também deles. O ministro compreendeu bem a minha ideia e disse-me que ia transmiti-la a Espanha, afirmando-me que poria nisso todo o empenho. Eis o que que fiz e o que me parece que devia fazer-se. O que se me afigura necessário e conveniente é ligar os dois países numa defesa comum, visto que as vantagens e riscos são comuns, e não julgo ser difícil chegar ao desejado fim. Muito prazer terei se o meu parecer merecer a subida honra da aprovação de V. M., pois que outro não é o meu desejo se não corresponder á sua confiança com a prática de actos meus que sejam acertados».

Eis a carta em toda a sua impressionante significação. O ministro falara sobre o assunto com D. Manuel II nas Necessidades e recorda a conversa ao começá-la e ao terminá-la, manifestando a esperança de que o acto que praticou, e cuja gravidade fàcilmente se avalia, merecesse a aprovação do soberano que lhe não seria negada! O ministro dos Estrangeiros de Portugal propôs ao representante da Espanha concertar um acordo para a defesa da monarquia nos dois países e nada custa supor o que seria esse acordo. Sabia ele que em Portugal, e não em Espanha, estava iminente a queda da Monarquia e que, portanto, o instrumento secreto de que tão insensatamente falava se aplicaria para a impedir. Além disso, apesar da sua falta de senso, não é de admitir que encarasse a hipótese em que esse instrumento secreto se aplicasse em Espanha, onde os republicanos não estavam preparados para a mudança das instituições. O ministro sabia que da sua sugestão apenas podia resultar uma intervenção militar espanhola em Portugal com todos os seus riscos. A alusão á aliança inglesa agrava o significado do documento num momento em que a independência e a soberania portuguesas deviam ser o lema de todos os patriotas. Da leitura da carta ressalta que o seu autor sabia que a diligência que fizera teria a aprovação do rei. Foi ela comunicada ao governo de que fazia parte? E' pouco provável, embora a esse respeito não haja elementos que permitam afirmá-lo com segurança. Mas do que o ministro escreveu ao soberano é lógico deduzir que se tratava de assunto tratado entre ambos, sem conhecimento dos outros ministros.

Eu não desejo insistir neste ponto escabroso e deixo ao patriotismo e ao bom senso de V. Ex.ª o trabalho de apreciar o acto daquele político monárquico o qual documenta a tendência predominante nos meios oficiais do regime, sem exclusão do soberano, nas vésperas da sua queda. Falou V. Ex.ª da viagem a Londres de um republicano, José Relvas, e referiu-se a ela em termos suspeitosos e infundados. Mais uma vez tratou de assunto de que ouviu falar, sem dele ter conhecimento mesmo superficial, dando ensejo a que aqui se referissem factos e nomes que podem estar esquecidos por V. Ex.ª e pelo publico. Em tal matéria os republicanos podem dar lições. Não têm que recebê-las de ninguém, muito menos dos monárquicos que acumularam, enquanto governaram o País, um capital de culpas de que deveriam arrepender-se.—*C. F.*

Vida religiosa

A Semana de Formação Missionária

Prosseguiu, hoje, por iniciativa da Acção Católica Portuguesa, a Semana de Formação Missionária, que decorre em todo o País com um «encontro diocesano» nas sedes episcopais.

Em Lisboa, o «encontro» decorre no Colégio Universitário Pio XII. Pelas 15 horas, e sob a presidência do sr. bispo de Tiava, houve sessão plenária, durante a qual foi relator o rev.º cónego Gregório Neves, que apresentou um trabalho intitulado «A Salvação do Mundo no Pensamento de Deus». A' noite haverá vigília de adoração.

Amanhã, ás 8 e 30, o sr. arcebispo de Mitilene celebrará missa com homília sobre a unidade da Igreja; ás 10 e 30, sessão plenária, sobre o tema «Crescimento da Igreja no Ultramar Português», de que é relatora a sr.ª D. Maria Teresa Santa Clara Gomes; ás 15 horas, sessões parciais. Na sessão sobre a Emigração e a Missionação, a que preside o sr. eng.º Joaquim Teixeira Duarte, são relatores os srs. prof. eng.º Canhoto Vidal e eng.º Cortês Simões e as sr.as D. Maria Adelaide Formigal e D. Ercília Pinto Pereira. A' sessão sobre Família e Missionação presidirá o sr. dr. José Manuel Pinto Correia, sendo relatores os srs. eng.º Amílcar Ambrósio e esposa e Paulo Carneiro de Almeida e esposa. Na terceira e ultima sessão parcial, sob a presidência do sr. eng.º Sidónio Pais, será estudado o tema Pessoa Humana e Missionação, sendo relatores os srs. Luís Brás Teixeira e Manuel Tavares da Silva e as sr.as D. Maria Palmira Duarte e D. Maria José Salema.

A's 19 e 30, realiza-se o encerramento da «Semana», sob a presidência do sr. arcebispo de Cízico.

No Palácio Foz, continua patente ao publico uma exposição bibliográfica de assuntos missionários e ultramarinos, organizada pela Acção Católica com o patrocínio do S. N. I.

A INDÚSTRIA DO ALUMÍNIO EM PORTUGAL

O «Alumínio Português» (Angola) S. A. R. L., adquiriu, em Alcochete, os terrenos destinados á instalação da fábrica de laminagem da Metrópole. Os terrenos para a fábrica de Angola já foram adquiridos e situam-se junto á povoação do Dondo, logo a seguir á barragem de Cambambe. As obras serão iniciadas em breve.

MÚSICA E CINEMA NA ESCOLA

do Magistério Primário

Na Escola do Magistério Primário realizou-se esta tarde uma sessão de cinema e musica promovida pela Associação Portuguesa para a Educação pela Arte e que foi dedicada ás crianças das escolas primárias anexas. Exibiu-se com pleno agrado o coro da Academia dos Amadores de Musica, sob a direcção do maestro Fernando Lopes Graça.

PRECISA-SE
COLABORADOR COMERCIAL

Importante empresa admite empregado para o lugar de COBRADOR-VENDEDOR especializado, que satisfaça os seguintes requisitos:

Boa formação profissional, com espírito empreendedor e activo. Deverá ter cultura e interesse musicais de bom nível, assim como conhecimentos práticos sobre os modernos sistemas de reprodução sonora. Exige-se, ainda, boa presença, facilidade de exposição e prática de actividades comerciais relacionadas com o capítulo de vendas.

Só serão considerados os candidatos que se encontrarem dentro das condições expostas.

Resposta pelo próprio com o máximo de detalhes a este jornal ao n.º 486.

A morte de Villaret

(Continuação da página anterior)

mor, Vieira Pinto, Francisco Mata, Redondo Junior. O desfile prosseguia em torno da essa.

Os artistas da companhia francesa que hoje se apresenta no São Luís, entre elas Dany Robin e Georges Marshall, enviaram uma coroa. A camara ardente estava, aliás, cheia de flores, numa derradeira e bela homenagem de inumeros amigos ao talento e á bondade de Villaret.

João Villaret era um grande artista e um artista popular. Reunia á invulgar vibratilidade que o tornava apto a exprimir as emoções mais profundas, um dom de graça, de simpatia, de fácil comunicação com o publico, que lhe permitia deslocar-se, sempre á vontade, do palco da alta comédia ou da tragédia para o da farsa ou da revista, sempre «certo», comedido, perfeito, com a elegancia daqueles para quem a Arte não é ofício, mas condição.

Recitador dos mais maleáveis e brilhantes, sentindo a poesia até á medula, figura querida e imprescindível dos programas da Rádio e, ultimamente, sobretudo, da TV, era, sem favor, de entre os actores portugueses com escola e com raça, um dos raros que se podiam chamar «ídolo do publico»

Nascido na alta burguesia — em 1913 —, filho de um médico-parteiro (dr. Frederico Villaret), o jovem João Henrique entrou aos 15 anos, em 1928 para a secção teatral do Conservatório Nacional.

Alfacinha da gema, alegre, espirituoso, vibrante, boémio, cedo começou a conviver com escritores e pintores, na roda dos «ateliers», dos «cafés», das ceias, das noitadas Tal não o impediu, porém, de ir fazendo carreira no palco, de triunfo em triunfo. Desde que terminara, em 1931, o Curso de Arte de Representar, trabalhava na companhia de Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, no Teatro de D. Maria.

Estreou-se com a «Leonor Teles», de Marcelino Mesquita. Interpretou, com muito êxito, o «Conde Barão», criado por Chaby, na sátira de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.

Muitos foram depois os seus admiráveis desempenhos: o «Bobo» de «S. João subiu ao trono», de Carlos Amaro; a figura de «Sua Alteza», da célebre peça de Ramada Curto (aqui ainda na esteira de Chaby, monstro sagrado de quem Villaret, um pouco pela figura e muito pelo «charme», pela distinção, pela vivacidade, herdava os papeis). Criou, com talento, personagens de Gil Vicente, Garrett, Shakespeare, Molière, Eugène O'Neill, Bernard Shaw...

A partir de 1946, figura central dos Comediantes de Lisboa, surgiu no Teatro da Trindade em «Miss Bá» (As virgens de Wimpole Street), «A mensagem dos deuses», «O Rei», «Cadáver vivo», «Baton», «A Rosa Enjeitada», «Electra e os Fantasmas», «Sonho de uma noite de Verão» e novamente «Sua Alteza».

Entre o teatro declamado e os palcos de revista, onde aparecia com frequência, sem pejo de malbaratar um talento multiforme como era o seu, que nunca se diminuia, porque a todos os géneros inteiramente ele se dava, prestigiando-os e prestigiando-se, Villaret conquistara já de há muito outro domínio da vida artística: o «plateau» cinematográfico Em 1936 compusera, na tela, o D. João VI do «Bocage», de Leitão de Barros e participara depois noutros filmes — o «Pai Tirano», «Inês de Castro», «O violino do João». Foi o D. João III do «Camões», o detective de «Três Espelhos».

Em 1949, numa companhia de Piero, ei-lo, de arribada, a caminho do Brasil, que o havia de encantar, onde granjearia admirações e amizades e o carinho das multidões, que acorriam a pedir-lhe autógrafos. Aí, ao lado de Francisco Ribeiro, conheceu o sabor de uma glória que nunca o envaideceu nem lhe modificou o natural bondoso, a «verve» sempre pronta, a malícia sem veneno.

Em 1954, ano em que interpretou no Nacional «O Filho Pródigo», de Isabel da Nóbrega, juntamente com Rogério Paulo, viu subir ainda junto do publico o seu cartel com o «tour de force» que realizou mantendo-se, como actor unico, no Avenida, durante meses seguidos, na comédia de Pedro Bloch «Esta noite choveu prata».

Durante quase quatro anos andou pela América do Sul, levando a todos os pontos do Brasil e da Argentina a poesia de Portugal, em recitais primorosos, como só ele sabia dá-los, com a voz, com o gesto, com a alma que punha nos versos. Trezentos espectáculos na Argentina e no Brasil, nalguns deles contratado pelo «Fogo de Artifício Caramuru».

De regresso a Lisboa, em Novembro de 1957, apresentou-se no São Luís, onde lhe foi tributada uma apoteótica recepção pelo publico de Lisboa.

Outras andanças o levaram ás colónias portuguesas na América do Norte, á Africa Ocidental e Oriental. Embaixador da poesia portuguesa, que melhor título poderia desejar o sincero e desinteressado João Villaret?!

Nos ultimos anos, criou no Avenida o inesquecível «Patate» de Marcel Achard. E iniciou os seus programas na Televisão, que sempre capricharam no bom gosto, na arte de dizer, no culto da beleza, da alegria e da comunicabilidade que caracterizavam João Villaret.

A ultima peça que representou foi, no Teatro Monumental, «A Ratoeira», de Agatha Christie.

A sua voz continuará a ressoar por muito tempo aos nossos ouvidos nos apaixonados versos do «Llanto por Inácio Sanchez Mejias», de Garcia Lorca, que ele tão inspiradamente dizia. Com Villaret morre toda uma época em que nele arte, poesia, teatro e revista viveram a par e passo e sorrindo mesmo á adversidade.

Os últimos momentos de vida do generoso artista

Mau grado os sofrimentos que o apoleiaram no seu ultimo dia de vida, João Villaret, que no palco representara não poucas vezes a morte, com a serenidade e nobreza dos que se recusam a emitir um só queixume, pautou por esse modelo os instantes derradeiros da sua existência. De um modo tão perfeito e natural que não se chega já a saber o que foi arte e o que foi vida na agonia elegante e composta do grande actor.

Fora, de tarde, á clínica fazer um tratamento e quando regressou ao Hospital da C. U. F. já a noite descera há muito — a sua ultima noite — sôbre a cidade que ele tanto amou. Cerca da meia-noite, a sua respiração tornou-se opressa. Ainda na véspera, Villaret recitara, a meia voz, versos de Fernando Pessoa. Agora, era o fim. Murcha a expressão, o olhar vago, as mãos trémulas, o seu ultimo pedido, num sopro, foi: «Dêem-me água». Ouviu-o Beatriz Costa, que se prontificava a satisfazer-lhe o desejo. Mas Villaret sorriu — e morreu.

Estavam nesse momento a seu lado, já sem esperanças de o verem salvo, além de seus irmãos o empresário Vasco Morgado, Beatriz Costa, Francisco Mata e Henrique Vidal.

O espectáculo do Teatro Monumental foi interrompido, ao tornar-se conhecida a morte de Villaret. Paulo Renato, com as lágrimas nos olhos, deu a triste notícia ao publico, que observou um minuto de silêncio.

O funeral efectua-se amanhã, às 12 horas

João Villaret era irmão do desenhador e decorador José Villaret; do pianista Carlos Villaret e do médico dr. Henrique Villaret, cunhado das sr.as D. Engrácia Villaret e D. Maria Julia Villaret e tio dos srs. José Frederico e João Candido Villaret.

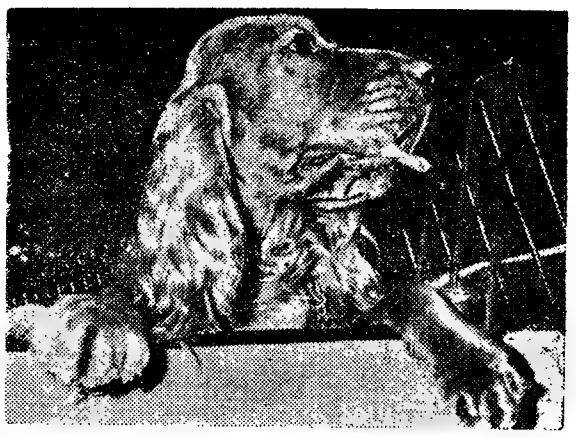
O funeral efectua-se amanhã, ás 12 horas, da basílica da Estrela para o talhão dos artistas no cemitério dos Prazeres.

A 35.ª EXPOSIÇÃO CANINA INTERNACIONAL DE LISBOA

principiou esta tarde

no pavilhão da F. I. L.

patrocinada pelo «Diário de Lisboa»



Lisboa tem hoje e amanhã a sua grande festa de cães. Principiou, esta tarde, no pavilhão da Feira Internacional de Lisboa, coberto, aquecido e perfeitamente adaptado, a 35.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa, organizada pelo Clube Português de Canicultura, com o patrocínio do «Diário de Lisboa».

Mais de três centenas de expositores e muitas centenas de exemplares de todas as raças e variedades, nacionais e estrangeiras, participam no grandioso certame, que, considerando também o sucesso dos dois últimos anos, deverá resultar num êxito absoluto.

Realizada no Inverno e em magnífico recinto, esta exposição despertou excepcional interesse entre os canicultores portugueses e estrangeiros. Na verdade, o amplo pavilhão da Junqueira oferece as melhores condições até agora conseguidas em Portugal para manifestações do género.

O certame, como temos noticiado, é valorizado com um conjunto de números complementares, entre os quais se destacam: uma demonstração de artigos relacionados com a vida dos cães (alimentação, veterinária, caça, pesca, etc.); e a eleição dos melhores cães e casais nacionais e estrangeiros e do melhor exemplar de caça.

Ao longo da espaçosa galeria foram colocadas mesas para serviço permanente de restaurante, chá e «bar». O público não tem, pois, necessidade de deslocar-se para tomar as suas refeições, acompanhando directamente todas as peripécias do espectáculo.

Tanto no aspecto desportivo, como no mundano, a exposição é, na verdade, um acontecimento de raro nível, que conta com a tradicional presença de um público muito elegante, entre o qual predomina o sector feminino, sempre tão entusiasta pelos festivais deste género.

Um belo exemplar que estará presente na exposição

O PROGRAMA

de hoje

15 horas — Entrada dos exemplares.
16 — Início da classificação.
20 ás 21 — Intervalo.
21 e 30 — Continuação da classificação.
24 — Saída dos exemplares.

E de amanhã

15 horas — Entrada dos exemplares.
16 — Continuação da classificação.
19 — Recepção ás entidades oficiais.
20 ás 21 — Intervalo.
21 e 30 — Desfile dos exemplares premiados e distribuição de prémios.
24 — Encerramento da exposição.

Preços dos bilhetes

par as duas jornadas

Entrada simples (preço unico) ..... 10$00
Entrada com direito a jantar (bilhete com talão especial) ..... 55$00 (incluindo todas as taxas)

Os bilhetes encontram-se á venda nas bilheteiras da Feira das Industrias Portuguesas.

Lista geral dos expositores

Publicamos, a seguir, a lista geral dos expositores. Entre parênteses assinala-se o número de exemplares apresentado por cada concorrente, incluindo os animais inscritos nas classes de ninhadas.

A relação está dividida por grupos e raças dos exemplares:

1.º GRUPO

Cães portugueses de guarda e utilidade

Cão de água:
Sr. Custódio Lino de Azevedo Lobo (1).
Castro Laboreiro:
Sr. Custódio Lino de Azevedo Lobo (1).
Serra de Aires:
Srs. D. Luís Manuel da Costa (Mesquitela) (2) e dr. Manuel António Brito da Silva Passos (1).
Serra da Estrela (pêlo comprido):
Srs. D. Maria Adelaide Vieira Barbosa (1), dr. Lopo Cancella de Abreu (5), D. Elisa de Almeida (1).
Rafeiro do Alentejo:
Sr. D. Luís Ervideira (2).

2.º GRUPO — 1.ª DIVISÃO

Cães estrangeiros de guarda e utilidade

Pastor alemão:
Srs. Francisco Crespo Mendes Calado (2), António Augusto de Nascimento Carvalho (1), marquês Guy de Val Flor (1), capitão Francisco Dias Soares da Cunha (6), D. Helena Maria Ferreira Lima (1), Francisco Casal Ribeiro (1), eng.º Rui Mário Oliveira Pedreira de Almeida (1), Jorge da Fonseca Felner da Costa (1), Batalhão n.º 1 da Legião Portuguesa (2), Henrique Manuel Silva Saraiva Lobo (1), D. Maria Emília da Conceição Mateus Martins Cardoso (1), D. Laurinda de Jesus Oliveira (1), José Palha (1), eng.º João António Janz (6), Joaquim da Silva Frazão (1).
Pastor Belga:
Sr. eng.º Alberto da Rocha Cardoso de Matos (1).
Collie:
Sr.ª D. Madalena Maria Cavaleiro Pinto da Fonseca (1).

2.º GRUPO — 3.ª DIVISÃO

Boxer:
Srs. Julio Frederico Bernard Guedes Quadros Abragão (1), D. Maria Antónia Pereira Gouveia (1), D. Dorothea Reichert (1), Álvaro Henriques da Silva (2), D. Maria Fernanda Lopes de Sousa Costa (1), Álvaro Pereira de Miranda (1) e D. Ana Rita Afonso Mineira (1).
Bulldog:
Sr. dr. Artur C. Bruto da Costa (1).
São Bernardo:
Srs. João Abel Teixeira Junior (1), Sérgio Geraldes Barba (2), dr. António Vaz Sarafana (1), António Bernardo Alves (1).
Terra Nova:
Dr. Francisco José Vieira Machado (1).
Dobermann:
Srs. dr. José Manuel de Sousa Pereira (3), João António Corrêa Chaves Ferreira (1).
Pinscher:
Sr.ª D. Maria Manuela Pinto Navarro Brazão e D. Francisca Eugénia de S. de Bandeira e Almada (Rio Maior) (1).
Dogue alemão:
Sr. Alfredo Barbosa dos Santos.
Mastim espanhol:
Sr.ª D. Vitória Castanheira de Moura.
Schnauzer médio:
Sr.ª D. Ana Maria da Camara Ribeiro Ferreira (1).

3.º GRUPO

(Terriers)

Airedale:
Sr. eng.º José Maria Mercier Marques (2).
Dandie — Dinmont:
Sr. David José da Silva e Sousa (1).
Fox (pêlo curto):
Srs. D. Maria Clotilde Vilar Soares (3), D. Maria Emília da Conceição Mateus Martins Cardoso (1), João António Corrêa Chaves Ferreira (1), dr. António Féria Teotónio (5), eng.º António de Assunção Ribeiro (1).
Fox (pêlo cerdoso):
Srs. D. Maria Teresa Hipólito Pereira de Araujo Leitão (2), eng.º Manuel António Brandão da Cunha Lima (1), Diogo Carlos Illa de Mesquita Ramalho (1), José Francisco Freire Cabral (1).
Scottish:
Srs. Nuno Richards da Camara (1), Jorge Blanco (1), D. Maria Carolina de Sousa Lara (1).
Staffordshire:
Sr. António Martins Gomes Ramada Curto (1).
Welsh:
Srs. João H. Bouchet Baptista de Oliveira (2), D. Berta Dahllöf (1).

4.º GRUPO — 1.ª DIVISÃO

Cães de levante e corso

Podengo português grande (pêlo cerdoso):
Sr. José da Cunha Torres Fernandes (1).
Podengo português pequeno:
Srs. José de Tavares Morais da Cunha (3).

4.º GRUPO — 2.ª DIVISÃO

Cão da Dalmácia:
Srs. D. Molly Preddy de Pisciotano (1), Guilherme Assis Arantes (2), conde Edmondo di Robilant (9), dr. José Filipe Neto Rebelo (1), José da Cunha Teixeira (1), D. Filomena Alonso (1), D. Maria da Glória Coelho Vecchi (1), D. Maria de Lourdes Pais F. Fragoso Fernandes (1).

5.º GRUPO — 1.ª DIVISÃO

Cães de parar

Perdigueiro português:
Srs. Conde de Murça (1), Pedro Antunes Ruivo (1), Alcibíades da Silva (1), Adolfo Albino Mourão (1), D. Conchita de Castello Branco (13), Francisco Pereira Gonçalves (1), dr. António de Sousa Vadre Castelino e Alvim (1), Dionísio da Conceição Marques (1).

5.º GRUPO — 2.ª DIVISÃO

Epagneul-bretão:
Srs. João de Oliveira e Silva (1), eng.º Frederico Oom (6), Sidónio Pais Lobato Fernandes (1).
Braco-alemão:
Braco-Canil, de Coimbra (4).
Braco-hungaro:
Srs. Pierre Jacques de Larosière de Champfeu (1).

6.º GRUPO — 1.ª DIVISÃO

Cães britânicos de caça a tiro

Pointer:
Srs. D. Diogo Pereira Coutinho (1), D. Elvina Blanco Vidal (1).
Setter-inglês:
Menina Maria do Céu Pádua Fortunato de Almeida (1), srs. Eduardo de Pádua Fortunato de Almeida (1), Carlos Antunes de Carvalho e Costa (1), D. Cristina Maria Correia dos Santos (1), Francisco Pereira Gonçalves (1).
Setter-irlandês:
Srs Eugénio Manuel Gomes Rodrigues Leite (1), Mário Eduardo dos Prazeres Ferreira (1), Alexandre José Calisto Laureano Santos (1), D. Maria Emília da Costa Cunha (1), D. Maria Lucia Macieira Magalhães Diogo (4), D. Ester B. da Silva Bandeira (1), dr. Fernando da Silva Pereira (1), D. Alzira Ramada Rodrigues Leite (1), D. Bernardo de Serpa Pimentel (1), D. Hortense Palmira V. Ramalho Cadaval Rocha (1).
Golden-retriever:
Srs. D. Virgínia Marques Teixeira (1), eng.º Vasco Taborda Ferreira (1), João Henriques Pereira Fernandes (1), Pierre Jacques de Laroiere de Champfeu (1), José António da Cunha Teixeira (1).
Retriever do Labrador:
Srs. Clemente Cardoso Pinto (2), D. Maria do Carmo Pinto Nunes (1), D. Julia Noémia de Sousa Pinto (2), Pierre Jacques de Larosiére de Champfeu (1), D. Bernardo de Sousa e Holstein-Beck (1), D. Maria Manuela Torre do Vale Froes (1).
Cocker-Spaniel:
Srs. Pedro José Oliveira da Silva (1), D. Maria Elvina Campos Ventura (1), M. P. B. Moare (1) e Filipe Maria Empis de Lucena (1).
Frish Watter Spantes:
Sr. eng.º Frederico Oom (1).

7.º GRUPO

Galgo inglês:
Srs. José Vicente Artilheiro (2), Ruy da Costa Lopes (1), D. Diogo Pereira Coutinho (2).

8.º GRUPO

Baixote — pêlo raso:
Srs. Baronesa de Friesen (4), António Eça de Queirós (1), D. Filomena Alonso (1), D. Angela Salazar (1).
Baixote — pêlo comprido:
Srs Henrique Feist (1), dr. João Monteiro de Mendonça (1).
Baixote miniatura — pêlo comprido:
Sr. Henrique Feist (1).
Baixote — pêlo cerdoso:
Conde de Almeida Araujo e Filhos (1).

9.º GRUPO

Cães de luxo

Bichon de pêlo encaracolado) ex-Tenerife):
Sr. António Augusto de Araujo Ramalho (1).
Caniche grande:
Srs. eng.º Gustavo Flindt Heger (1) e D. Mary Simões Ferreira (1).
Caniche médio:
Srs. António Rivera Santos Gomes (1), D. Maria do Carmo Machado de Mello (1), D. Maria Candida da Costa Cavaleiro Pinto da Fonseca (1).
Caniche anão:
Srs. José Julio dos Santos Vassalo (1) e D. Alexandrina Salazar de Eça (1).
Epaguent-pequinês:
Sr.ª D. Maria Neves de Castro Martins (1).
Yorkshire-Terrier:
Srs. D. R. Petit (1), D. Doris Vida Vivienne de Utra Machado (1), Carlos Eugénio Bandeira de Melo Moreira (1).
Bouledogue:
Srs. D. Maria Isabel Calhau Genelioux de Oliveira (2), D. Maria Augusta Branco de P. Lopes (1), Maurício de Sá Sotto Mayor Palanque (1), D. Fernanda Ribeiro Abranches (1).
Chow-chow:
Menina Maria da Conceição Infante de la Cerda Corte-Real (1).
Loulou da Pomerania anão:
Sr.ª D. Maria da Conceição Nunes Arnes Franco (1).
Pinscher miniatura:
Srs. eng. João M. Terenas Latino (3), D. Francisco E. de S. de Bandeira e Almada (Rio Maior) (5), D. Maria Manuela Pinto Navarro Brazão (2), menina Teresa Maria da Silva Leitão Bernardino (1), João Francisco da Costa Pinto Soares (1), D. Maria do Carmo Leitão Bernardino (1), D. Hilda de Oliveira Vilas-Boas de Almeida Fernandes (1), D. Idalina Ferreira Martins (1), D. Natércia Simões Morais Sarmento (1), D. Maria Teresa de Almeida Noronha Falcão Martins (1).
Schnauzer miniatura:
Srs. Carlos Quaresma (2), António Manuel Ribeiro (1).

Cinquenta cadetes da Escola Naval visitaram o «Ark-Royal»

O porta-aviões «Ark-Royal», que continua fundeado no Tejo, largará para o alto mar na próxima segunda-feira de manhã.

Hoje, aquele imponente vaso de guerra foi visitado durante duas horas por 50 cadetes da Escola Naval, que para o efeito embarcaram em vedetas na Base Naval de Lisboa, acompanhados do primeiro-tenente Cirne de Castro.

Por sua vez, o sr. capitão-de-mar-e-guerra, P. J. Hill Norton, deslocou-se ao Estoril, onde, no Clube de Golfe, se entreteve na prática do seu desporto favorito.

Comissão consultiva das pescarias do Atlântico

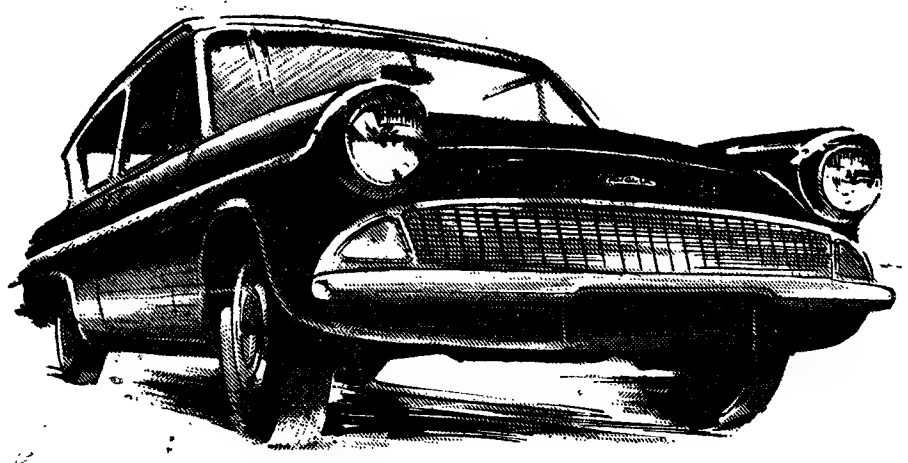
A Comissão Consultiva Nacional das Pescarias do Atlantico passa a ter a seguinte constituição: representantes dos ministérios da Marinha, dos Estrangeiros e da Economia, designados pelos respectivos ministros, e dela farão parte também os representantes do Instituto de Biologia Marítima, da Direcção das Pescarias, da Comissão Central de Pescarias, da Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau, do Grémio dos Armadores de Navios de Pesca do Bacalhau, dos pescadores da pesca do bacalhau (designado pela Junta Central das Casas dos Pescadores) e do Sindicato Nacional dos Capitães e Oficiais Náuticos e Comissários da Marinha Mercante.

FORD

Anglia

O CARRO UTILITÁRIO POR EXCELÊNCIA

COMPLETAMENTE NOVO



J. MENDES COELHO, LDA.

Rua Alexandre Herculano, 6-A — LISBOA — Tel. 46147

VENDA JUDICIAL DE CONCESSÃO MINEIRA

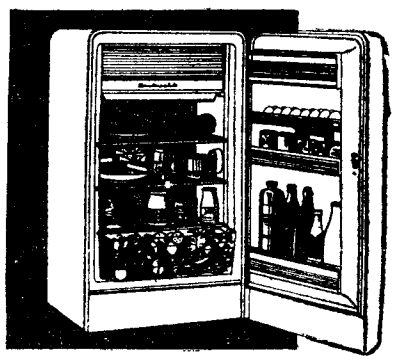
No próximo dia 2 de Fevereiro, ás 14 horas realiza-se no Tribunal da 2.ª Vara Cível, 1.ª Secção, da Comarca do Porto a arrematação da concessão mineira n.º 2.314, de volframite, denominada Tibães, sita em Mire de Tibães, Concelho de Braga, e das instalações e maquinismos acessórios, que consistem em edificações, um motor «Siemens» de 90 cavalos, um compressor vertical da marca «Consolidated Pneumatic» etc., penhorados na execução pendente naquele Tribunal contra Silva, Barbosa & Marques, Ld.ª.

HAVAS

UM FRIGORÍFICO PORTÁTIL GRÁTIS !...

DURANTE A CAMPANHA DE INVERNO

A TODO O COMPRADOR DE UM FRIGORÍFICO Bauknecht



OFERECEMOS UM FRIGORÍFICO PORTÁTIL A TODO O COMPRADOR DE QUALQUER MODELO BAUKNECHT ADQUIRIDO DURANTE A CAMPANHA DE INVERNO.

●

CONCEDEMOS AMPLAS FACILIDADES DE PAGAMENTO SEM QUAISQUER ENCARGOS.

INFORME-SE NOS REVENDEDORES Bauknecht

DISTRIBUIDORES NO NORTE:
MACHADO, PEREIRA, LDA.
641 — R. SÁ DA BANDEIRA — PORTO
NO SUL:
EDIL, LDA — PRAÇA DA ALEGRIA, 8 — LISBOA

NOVA OEIRAS, L.da

EMPREITADA PARA CONSTRUÇÃO DO CENTRO COMERCIAL

A Sociedade Nova Oeiras, Lda. aceita propostas até às 17 horas do dia 16 de Fevereiro próximo para realização da empreitada em epígrafe, sendo o depósito provisório de Esc.: 150.000$00.

O programa do concurso, caderno de encargos e demais peças escritas e desenhadas encontram-se patentes nos escritórios da Sociedade — Avenida António Augusto de Aguiar, 3, 3.º-A, todo sos dias úteis excepto aos sábados, das 11 às 13 horas e das 16 às 18 horas.

CHA DE HAMBURGO

ALEMÃO GENUÍNO

Acreditado, há decénios, nas afecções das vias digestivas, biliares e urinárias

— À VENDA NAS FARMÁCIAS —

S. R.

JUNTA DE FREGUESIA DO ALTO DO PINA

Recenseamento Eleitoral dos Chefes de Família

EDITAL

Carlos Madeira, Presidente da Junta de Freguesia do Alto do Pina, do 4.º Bairro Administrativo de Lisboa.

Faz publico nos termos e para os efeitos do disposto no Art.º 212.º do Código Administrativo que, a partir de 1 de Fevereiro e até ao dia 15 de Março do corrente ano, poderão os chefes de família requerer a sua própria inscrição ou a de terceiros no recenseamento eleitoral desta freguesia se, uns ou outros, reunindo as condições de capacidade eleitoral, não estiverem ainda inscritos.

Têm capacidade eleitoral, e como tal podem ser inscritos no recenseamento:

1.º O cidadão português com família legitimamente constituída que com ele viva em comunhão de mesa e habitação e sob a sua autoridade;
2.º A mulher portuguesa, viuva, divorciada ou judicialmente separada de pessoas e bens, ou solteira maior ou emancipada quando de reconhecida idoneidade moral, que viva inteiramente sobre si e tenha a seu cargo ascendentes, descendente ou colaterais;
3.º O cidadão português, maior ou emancipado, com mesa, habitação e lar próprios.

Para constar se passou este e outros de igual teor que serão afixados no lugar do estilo.

Lisboa e Junta de Freguesia do Alto do Pina, aos 20 de Janeiro de 1961.

O PRESIDENTE,
Carlos Madeira

CLUBE NAVAL DE LISBOA

Cais do Gás, H — Telef. 369354
Natação — Vela — Remo — Motor

Ao abrigo da Lei convoco a Assembleia Geral, em reunião ordinária, para o dia 28 do corrente, ás 21 horas, na sede social, com a seguinte:

ORDEM DA NOITE

Eleger os Corpos Gerentes para o biénio 1961-1962

Se não houver numero suficiente é, a mesma Assembleia convocada para meia hora depois nos termos do n.º 1 do Artigo 31 do Estatuto.

Lisboa, 17 de Janeiro de 1961.

O Presidente da Assembleia Geral,
Alberto António May Totta

Habitação - Arrenda-se

A Caixa de Previdência do Ministério da Educação Nacional, com sede na Praça de D. Pedro IV, n.º 45-3.º, aceita propostas, em carta fechada e lacrada, com indicação da renda que se oferece, até 8 dias depois da publicação deste anuncio, para o arrendamento do 3.º andar, do seu prédio sito na Avenida de Almirante Reis, n.º 225, com 6 divisões assoalhadas.

Esta Caixa reserva-se o direito de aceitar ou não o arrendamento proposto e, os seus sócios, em igualdade de circunstancias, terão preferência ao mesmo.

As chaves encontram-se na porteira.

Habitação - Arrenda-se

A Caixa de Previdência do Ministério da Educação Nacional, com sede na Praça de D. Pedro IV, n.º 45-3.º, aceita propostas, em carta fechada e lacrada, com indicação da renda que se oferece, até 8 dias depois da publicação deste anuncio, para o arrendamento do 1.º andar, lado esquerdo, do seu prédio sito na Rua de Sampaio Pina, n.º 12, com 8 divisões assoalhadas.

Esta Caixa reserva-se o direito de aceitar ou não o arrendamento proposto e, os seus sócios, em igualdade de circunstancias, terão preferência ao mesmo.

A porteira mostra.

LISBOA-BADAJOZ

«A Transportadora Setubalense»

— DE —

João Candido Belo & C.ª, Ld.ª

COM SEDE EM
VILA FRESCA DE AZEITÃO
Telefs. 028029, 028062 e 028078

Para os devidos efeitos comunica aos seus Ex.mos Clientes que iniciará no próximo dia 14 DE JANEIRO, carreiras directas para o CAIA (Fronteira), tendo ligação imediata para BADAJOZ, em serviço combinado com a Empresa Espanhola

LINEAS DE VIAJEROS
«BRITO»,

com sede em Badajoz, Vasco Nunes, 52, com o horário seguinte:

Partida de Cacilhas	8-10
Chegada a Elvas	15-25
» » Caia	15-50
» » Badajoz	16-15
Partida de Badajoz	12-30
» » Caia	13-00
» » Elvas	13-40
Chegada a Cacilhas	20-15

CENTRO COLONIAL

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos do n.º 1 do art.º 9.º dos nossos estatutos, é convocada a assembleia geral extraordinária deste Centro para reunir na sua Sede no dia 6 de Fevereiro, pelas 16 horas, para se pronunciar sobre a futura denominação da associação.

Não podendo, por falta de numero, constituir-se a assembleia naquela hora, fica desde já novamente convocada para meia hora depois, funcionando então com qualquer numero de sócios presentes ou representados.

O PRESIDENTE
DA ASSEMBLEIA GERAL
ED. GUEDES, LDA.

FOTOCÓPIAS

E CÓPIAS DE DESENHO

Executam-se em menos de uma hora
Rua da Palma, 159-1.º — Tel. 861956

S. R.

JUNTA DE FREGUESIA DE S. VICENTE DE FORA

EDITAL

Esta Junta faz publico nos termos e para efeitos do disposto no Art.º 212 do Código Administrativo, que a partir de 1 de Fevereiro e até ao dia 15 de Março, poderão os chefes de família requerer a sua própria inscrição ou a de terceiros no recenseamento eleitoral desta freguesia, se uns e outros reunindo as condições de capacidade eleitoral não estiverem inscritos. A inscrição tem lugar ás 2.as e 5.as-feiras das 19 ás 20 horas, na Sede e Junta de Freguesia, Largo do Salvador n.os 25 e 26.

Lisboa, 20 de Janeiro de 1961.

O Presidente

Agostinho Fernandes de Andrade

Loja — Arrenda-se

A Caixa de Previdência do Ministério da Educação Nacional, com sede na Praça de D. Pedro IV, n.º 45-3.º, aceita propostas, em carta fechada e lacrada, com indicação da renda que se oferece, até 8 dias depois da publicação deste anuncio, para arrendamento da loja, n.º 10-D, da sua propriedade sita na Rua José de Esaguy a Alvalade.

Esta loja mostra-se das 14 ás 18 horas e as chaves encontram-se em poder da porteira do prédio da Rua Luís Augusto Palmeirim, n.º 6.

POLICLINICA DE CAMPO D'OURIQUE

RUA FRANCISCO METRASS, 24, 1.º D.
TELEF. 66 99 64

Doenças das crianças	Dr. A. Ferreira Gomes
Doenças das senhoras — Partos	Dr. Eduardo de Albuquerque
Clínica médica	Dr. E. Oliveira Machado
	Dr. Henrique Soudo
	Dr. Campos Marçal
Doenças dos olhos	Dr. José Coelho Puga
Raios X	Dr. Coelho Lopes
Análises clínicas	Dr. Eugénio Lito
Radioscopia	

VITAUTO

ESTAÇÃO DE SERVIÇO AUTOMÓVEL E REPRESENTAÇÕES, LDA.
Oferece os seus serviços eléctricos rápidos, lubrificações especializadas, alinhamento de direcções e equilíbrio de rodas

ABERTO ATÉ AS 0.30 H. ✱ **INSTALAÇÕES MODELARES**
RUA LUCIANO CORDEIRO, 79-A-79-C — TELEFONES 735524/5

O MASSACRE DA MONTANHA

por H. A. de Ross

FOLHETIM SEMANAL

do **Diario de Lisbôa**

27

RESUMO DOS CAPITULOS ANTERIORES — Dez anos depois de seus pais serem assassinados, o jovem Davey Merritt procura descobrir os criminosos. Dirige-se a Agua Azul, localidade que ficava perto do local do assassínio e entra num «bar» onde trava um diálogo com uma estranha mulher. E' agredido por dois homens mas salva-o a chegada do seu amigo Wes Landon, que tenta dissuadi-lo de prosseguir nas investigações.

CAPÍTULO VI

O coração de Davey Merritt pulsava-lhe no peito, quando o rapaz se ergueu. Por momentos, vergaram-se-lhe as pernas, mas depois, num esforço de vontade, ele endireitou-se e saiu do abrigo. Aproximou-se do homem que gemia e contorcia os braços. Era Walt Goodhue. Merritt apanhou a espingarda de Goodhue e tirou-lhe o revólver.

Dirigiu-se então para o outro homem, que jazia onde caira, com o rosto enterrado no solo da floresta. Com a ponta da bota, Merritt voltou o corpo e deparou com o cadáver de George Baker.

Voltou então para Goodhue.

Não havia a mínima sombra de piedade ou de pesar em Merritt, quando olhou para o moribundo.

— Goodhue — disse Merritt, com voz seca e dura. — Ouve-me. Vais morrer. Sabes isso, não é verdade?

Goodhue emitiu um som que era mais um grunhido. Abanou a cabeça um pouco como se procurasse negar qualquer coisa. Mas o pavor nos seus olhos alargou-se.

28

— Fizeste parte do massacre de há dez anos, não é assim? — prosseguiu Merritt. — Tu, Baker e Atherton. Quantos estavam contigo?

Goodhue sacudiu a cabeça. Respirava agora em estertor.

— Não te resta muito tempo — prosseguiu Merritt cruelmente. — Sabes isso perfeitamente. Não te resta muito tempo para tentar remediar todo o mal que fizeste no passado.

O pavor luziu nos olhos do homem prostrado.

— Diz-me, Goodhue, quantos eram?

A boca do jogador fez um trejeito. Arregalou os olhos, no esforço de falar.

— Dois — sussurrou. — Mais dois.

— Os nomes.

A boca do moribundo trabalhou em silêncio e por fim, no ultimo instante, murmurou:

— Ferris Welch e... Wes Landon.

Davey deixou os dois mortos, onde eles tinham caído.

Após muito andar, encontrou o seu cavalo. Montou e dirigiu-se para a nascente.

Wes Landon estava acocorado em frente á fogueira, ás voltas com a frigideira e, olhando o companheiro por cima do ombro, saudou-o com um sorriso.

Merrit apeou-se. Não fez qualquer gesto para tirar a sela ao cavalo. Avançou uns passos e parou.

— Tiveste sorte, hoje, Wes? — perguntou.

Algo na sua voz, fez virar prestamente a cabeça do velho. Wes Landon viu a expressão de Merritt e ergueu-se lentamente.

— Não, Davey — murmurou. — E tu?

— Nem rasto.

— Amanhã será — retrucou o velho, procurando dar á voz uma nota optimista. — Alguma coisa havemos de descobrir?

— Achas que sim?

Landon fez uma pausa. Os seus ombros curvaram-se levemente.

29

— Que se passa, Davey?

— Não existem cavalos selvagens por aqui; nem um só em toda a cordilheira.

— Não deves desanimar tão depressa — disse Landon. — Sabes bem como é. Não é a primeira que começamos por ter um azar dos diabos. Verás que a sorte acaba por mudar. Espera e verás amanhã.

— Nunca existiu garanhão nenhum a perturbar os cavalos do rancho. Welch já sabia isso e tu também, antes de aceitares o trabalho.

— Davey! — exclamou o velho com voz rouca, arregalando os olhos. — Que dizer, Davey?

— Fui hoje atacado por um par de miseráveis — prosseguiu Merritt friamente. — Mas liquidei-os. Estão ambos mortos. Eram Goodhue e Baker.

O velho procurou dizer qualquer coisa, mas nem uma só palavra saiu. Começou a abanar a cabeça. Tinha no olhar a expressão do pavor e da incredulidade.

— Foi para isso que me trouxeste para aqui, Wes? — perguntou Merritt. Não obstante a cólera e o ódio de que se achava possuído, havia ainda lugar para a compaixão por esse homem que lhe servira de pai. — Trouxeste-me para aqui para eu servir de alvo?

— Não, não, Davey — gemeu o velho. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas — Como me podes acusar de tal coisa?

— Goodhue não morreu logo — disse Merritt. — Viveu o suficiente para responder a certas perguntas que lhe fiz. Confessou ter feito parte da quadrilha, juntamente com Baker e Tom Atherton. Disse também que tivera mais dois comparsas. Ferris Welch e... e tu!

Por momentos, Landon ficou imóvel, atordoado. Depois gaguejou qualquer coisa. Espalmou as mãos num gesto implorativo e avançou dois passos. Tinha os olhos enevoados pelas lágrimas. De subito, olhou mais para além de Merritt e teve um sobressalto.

— Cuidado, Davey — gritou, e puxou da arma.

30

Nesse mesmo momento, Merritt pressentiu o perigo pelas costas. Viu o «44» de Landon descrever um quarto de círculo e apontar para qualquer coisa nas suas costas. Depois, o revólver latiu, mas outro tiro o precedera por uma fracção de segundo. Merritt viu o velho estremecer e tombar lentamente.

Foi toda a atenção que Merritt pôde dispensar a Landon contudo, porque no segundo seguinte, já o rapaz girava sobre si mesmo, empunhando o revólver, ao mesmo tempo que se deixava sair sobre o joelho. E foi essa manobra que o salvou. A bala assobiou-lhe por cima da cabeça.

Merritt viu então Welch. O rancheiro aproximara-se a pé, sem ser apercebido. Especado sobre as pernas afastadas, grande e mortal contra o céu, visando-o com a carabina. Fez fogo.

Merritt viu a chama da boca da arma, mas esta, no ultimo instante, etremecera ligeiramente e a bala miou bastante longe. A bala atirada pelo «44» de Merritt acertara no peito do rancheiro e o impacto foi de tal natureza que o homem recuou um passo. A carabina caiu-lhe do ombro, mas recompondo-se rápidamente, o homem ergueu-a novamente. O cano tremeu a princípio, mas pouco a pouco foi-se imobilizando.

Merritt disparou novamente.

A bala acertou de novo no peito de Welch, que soltou um gemido. Vergaram-se-lhe os joelhos e o miserável tombou para a frente. Num esforço sobre-humano, apoelhou-se, servindo-se da carabina como apoio, agarrando-se a ela com as duas mãos para não tombar de vez. Gemeu, preso de uma dor agonizante, e aguentando-se só com a mão esquerda aferrada á carabina, puxou do revólver.

Merritt fez fogo pela terceira vez. O rapaz chorava agora, chorava de raiva e de ódio, da recordação de dez anos atrás e da nova tragédia que se lhe atravessava no caminho. A bala arrancou um uivo de agonia a Ferris Welch. O revólver caiu-lhe das mãos, inofensivo, e o homem tombou de borco, como uma saca vazia.

Merritt ergueu-se e aproximou-se de Landon.

31

Ajoelhou-se ao lado do velho, que, pressentindo a sua presença, abriu os olhos. Pestanejou duas vezes e depois fixou o olhar no rosto de Merritt.

— Davey — sussurrou o velho. A cor da morte circundava-lhe já os olhos. — Davey, escuta-me. Tudo se passou como tu disseste, menos numa coisa. Eu estive naquele massacre, mas não era assim que o tinhamos planeado. Eu e Atherton pensávamos que se trataria apenas de um assalto á mão armada. Foram Welch, Goodhue e Baker que o transformaram num massacre. Dessa forma não haveria testemunhas, disseram eles.

Fez uma pausa.

— Não fazes a ideia do remorso que tive depois, mas já era tarde. Voltei na manhã seguinte e encontrei todos mortos, menos tu. Por isso, tratei de ti. Levei-te para longe daqui, por que não queria que alguma vez tu viesses a descobrir o meu papel no drama. Por isso, te implorei tantas vezes para desistires da investigação. E foi o motivo porque te trouxe para aqui com o falso pretexto de virmos caçar cavalos selvagens.

Ergueu a mão e segurou fracamente a manga de Merritt. Depois, retomou a voz e prosseguiu.

— Welch e os outros queriam matar-te a ali mesmo, na cidade, mas eu disse-lhes que te convenceria para esta caçada e que talvez uma semana longe da cidade te fizesse mudar de ideias. Garanti-lhes que faria tudo por te convencer a abandonar o país. Eles consentiram, mas depois trairam-me.

Aeferrou-se com mais força á manga do rapaz. Tinha os olhos ardentes de dor e de apelo.

— Nunca pensei que eles te fossem armar uma cilada, Davey. Eu nem mesmo sabia que algum nos tivesse seguido. Não acreditas em mim? Diz-me, não acreditas pelo menos nisso?

Merritt recordou-se da cena passada com Welch momentos antes. Se o velho se tivesse calado, ele teria acabado ali mesmo com uma bala na nuca. Mas gritara, apanhara uma bala no peito e agora agonizava. O ódio e o rancor tinham-se evolado de Merritt.

32

— Acredito, sim, Wes.

Os olhos do velho embaciaram-se. Com voz cada vez mais fraca, disse:

— Pergunto a mim próprio se com o tempo não virás a pensar melhor a meu respeito. Serias capaz de me perdoar, Davey?

— Perdoar-te? — exclamou Merritt, com a garganta seca e dorida. — Devo-te duas vezes a vida. Nada tenho a perdoar-te. Já pagaste generosamente um erro do passado.

O homem pareceu reflectir naquela resposta e a conclusão a que chegou devia ter-lhe agradado, porque esboçou um sorriso.

— Obrigado, Davey — sussurrou.

Merritt enterrou-o sob um monte de pedras e ergueu uma cruz tosca á cabeceira do tumulo. Libertou o cavalo do amigo, montou o seu e afastou-se.

Galopou até ao rancho de Grace Atherton e a rapariga veio ao seu encontro. O rapaz olhou-a e viu a sua tristeza e abatimento. Um sentimento de ternura apoderou-se dele.

Contou-lhe então os acontecimentos.

— Quis que você soubesse que o seu pai não fez parte do massacre em si — concluiu. — Pensei que você gostasse de o saber.

— Obrigada — respondeu ela, com a voz embargada pela comoção.

— Vou partir para o norte — disse Merritt. — Tenho um certo peculio e penso que virei a comprar um rancho. Fixar-me-ia aqui, se não fossem as tristes recordações ligadas a este lugar. — Fez uma pausa e encarou-a. Após uma luta tumultuosa no peito, perguntou: — Tão pouco é grata para si, a memória deste lugar. Se... se, daqui a algum tempo, eu a mandasse buscar, você iria?

Ela sorriu então, abertamente, por entre as lágrimas que lhe corriam no rosto.

— Só queria ver quem mo impediria. Só queria ver quem mo impediria...

FIM

CASA DE BORDADOS CENTRAL DE MACAU, LDA.

Av. dos Estados Unidos da América, Lote 21 (no cruzamento da Av. de Roma)

UMA FIRMA ORIENTAL QUE ABRIU HOJE EM LISBOA

Grandioso sortido de Porcelanas, Bordados, Malas de Canfora, Albuns e Guarda-Joias com Musica, etc.

Feiras internacionais

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros concedem redução em todas as classes aos visitantes da feira internacional de Colónia que se realiza em 6 de Janeiro a 27 de Fevereiro de 1961.

Pedir esclarecimentos:

— na Secção de Informações da estação de Lisboa (Rossio).

— nas estações de Caminhos de Ferro habilitadas a vender bilhetes de serviço internacional.

BENFICA

EM GUIMARÃES

E

BELENENSES

EM LEIXÕES

PARTIDAS ASSEGURADAS

LOGO À MEIA NOITE.

AINDA ESTÁ A TEMPO DE ACOMPANHAR O SEU CLUBE

PREÇOS 120$00 E 100$00 — ESTE PARA O PORTO.

PROGRAMA DE INSCRIÇÕES NA

LUSANOVA

AVENIDA JOÃO XXI, 9-A

Telefs.: 726116 e 726115

Pode levantar o seu bilhete no L. Martim Moniz, 14 — T. 864512

Encerrou-se o Colóquio Nacional de Turismo

(Continuação da página central)

ção turística nacional», destacando alguns aspectos da recepção turística nacional que estão isentos de qualquer crítica, antes merecem ser destacados pelo louvor, referiu-se a outros que reclamam atenção, uns radicados em modesta formação educativa e por isso exigentes de longa e porfiada acção; outros, susceptíveis de mais breve e fácil eliminação. Citou exemplos do que em outros países se pratica na matéria, em especial no capítulo de albergamento, e salientou o notável progresso entre nós assinalado no ramo hoteleiro, graças á inteligente actuação do S. N. I. e ao meritóiro esforço dos nossos industriais, notando, no entanto pequenos pormenores cuja adopção seria recomendável.

Intervenção dos directores dos centros portugueses de turismo no estrangeiro

Também no teatro, em sessão plenária, os directores das Casas de Portugal e dos Centros de Turismo e Informação no estrangeiro apresentaram valiosos trabalhos, demonstrativos da eficiência da acção desses organismos em benefício da propaganda e do desenvolvimento turístico do País.

As 19 horas, no mesmo local, o jornalista Leitão de Barros fará uma conferência sobre «A arte de bem receber toda a gente»; e ás 21 e 30, serão lidas pelo presidente da Comissão Executiva do Colóquio, sr. eng.º Alvaro Roquette, director dos Serviços de Turismo, as conclusões elaboradas pelas quatro secções do Colóquio, que a seguir, será encerrado, pelo secretário nacional da Informação, sr. dr. César Moreira Baptista. Realizar-se-á, por fim, uma recepção oferecida, no Palácio Foz, a todos os participantes na importante manifestação.

CASA DO POVO DE COCUJÃES

O sr. ministro das Corporações e Previdência Social, por alvará recente, aprovou os estatutos da casa do povo de Cocujães, do concelho de Oliveira de Azemeis.

Das actividades do novo organismo que abrangem fins de representação profissional, previdência e assistência, cultura e progresso local, irão beneficiar cerca de 7200 pessoas.

Para a primeira Comissão Directiva foram nomeados os srs António Francisco das Neves, Manuel da Cunha, José Maria Gomes dos Santos Junior, António da Costa e Bernardino Gomes de Pinho.

Para cobrir as iniciais despesas de instalação, aquele membro do Governo concedeu a dotação de 20.000$00.

Sessão de estudo *para professores do ensino técnico*

Integrada no programa das sessões de estudo sobre didáctica geral do Estágio para Professores do Ensino Técnico, realizou-se esta tarde, na Escola Técnica Elementar Eugénio dos Santos, a primeira sessão da série prevista para o presente ano lectivo e dedicada ao estágio que funciona naquela escola técnica.

O tema sugerido é «Uma visita de estudo» e foi designada relatora a professora estagiária sr.ª D. Manuela Maria Fernandes Loureiro. Sumário do tema: I — Organização de visitas de estudo; sua importancia pedagógica; II — Exemplificação — uma excursão a Aljubarrota, integrada nas comemorações do VI centenário do nascimento de D. Nuno Álvares Pereira; III — Apreciação de resultados.

No átrio da escola, está patente uma exposição de trabalhos escolares motivados pela visita de estudo a que se refere o sumário da sessão, e na biblioteca, uma exposição de material didáctico, organizada com a colaboração de Tecnodidáctica (Equipamentos técnicos e científicos, Lda).

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Dr. Alfredo Vasques Troni

ALENQUER, 21. (Pelo telefone) — Na sua residência em Merceana, faleceu hoje o sr. dr. Alfredo Vasques Troni, médico, natural de Alenquer. Contava 68 anos e exercia clínica na Merceana há mais de 30 anos, com muita proficiência profissional e muita simpatia.

O funeral realiza-se amanhã, ás 12 horas, para o cemitério de Charnais.

Os astrónomos americanos *estudam a montagem* de um telescópio num balão

WASHINGTON, 21. — Dentro em breve o Homem poderá observar as estrelas ao telescópio de uma altitude de 15 000 a 25 000 metros — anuncia o Comando de Pesquisas da Força Aérea.

Com efeito, na Primavera subirá àquelas altitudes um balão gigante com uma «gôndola» hermética equipada com um telescópio estabilizado e levando a bordo o capitão Joseph Kittinger, pára-quedista de grande altitude, e William White, astrónomo ao serviço da Marinha.

A direcção científica do projecto pertence ao dr. Allen Hynek, director do Observatório de Pearborn, da Universidade do Noroeste, perto de Chicago.

O dr. Hynek, que está a trabalhar nesta experiência há já perto de dois anos, declarou numa entrevista: «Se esta tentativa der resultado, sou de opinião que ficará assim aberto o caminho para a astronomia em balão e conseguir-se-á notável progresso na obtenção de importantes elementos astronómicos. A altitude a que se pretende fazer observações corresponde, pouco mais ou menos, a 90 ou 95 por cento da altura total da atmosfera terrestre. White deve ter a possibilidade de ver as estrelas e de as fotografar liberto das distorções causadas pela atmosfera».

Além desta experiência, vão fazer-se mais três. O objectivo da primeira é determinar todas as condições físicas e técnicas mais recomendáveis para a astronomia em balão. Um dos pontos principais a verificar é se é possível estabilizar o telescópio. — (A. N. I.).

TRIBUNAIS

No Plenário Criminal da Boa Hora

No Plenário Criminal da Boa Hora, sob a presidência do sr. desembargador Silva Caldeira, tendo como juiz-ajudante o sr. dr. Maia Gonçalves, terminou hoje, o julgamento de doze trabalhadores rurais de Alpiarça: Luís Bravo, de 26 anos; Abel Pereira da Silva, de 28; Silvério da Conceição Geada, de 29; António Borges Elias, de 42; António Engrácio Pais Roque, de 32; Manuel da Conceição Elias, de 33; Desidério da Conceição Figueiredo, de 22; José Maria da Cunha, de 41; João Dias Pedro, de 35; António Gravino Agostinho, de 36; Angelino Gravino Agostinho, de 23, e Joaquim de Jesus Figueiredo, de 35 — acusados de terem incitado ou tomado parte directa na suspensão do trabalho que se verificou em Alpiarça de 11 a 14 de Maio de 1960.

Na audiência, foram interrogados os réus e inquiridas as testemunhas de acusação e de defesa. O sr. dr. Mário Reis, advogado dos réus, demonstrou que a acusação era infundada, porquanto os trabalhadores pretendiam um aumento de salário, pedido com ordem e disciplina, com o qual, de resto, concordaram os patrões. O Plenário, em conferência, deu como provada a matéria alegada pelo sr. dr. Mário Reis, sendo os réus absolvidos.

A multimilionária Rosa Castanheira não morreu na Madeira?

FUNCHAL, 21.—Se seria ou não Madeirense e se terá ou não morrido na Madeira é a questão que põe um jornal desta cidade—o «Diário de Notícias» — a propósito da informação procedente do Rio de Janeiro de que teria morrido, nesta ilha a arquimilionária Branca Rosa Castanheira.

«É um caso ainda por esclarecer» — comenta o jornal, acentuando que por mais que se procurem elementos na Madeira não são encontrados vestígios de haver aqui morrido alguém que parecesse dono de fortuna tão avultada.

O «Diário de Notícias» admite como possível que Branca Rosa Castanheira seja natural de S. João da Madeira.—(A. N. I.).

ENSOPADO DE ENGUIAS
Famoso prato do RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS

Manuel dos Santos continua a triunfar no México

LEON (México), 21. — Grande triunfo para o diestro português Manuel dos Santos no unico toiro da tarde que lidou: orelhas, rabo e pata.

Foram apenas lidados três toiros, por ter sido a corrida suspensa por um desastre que ocorreu nas bancadas. Estas cederam ao peso da assistência e ruiram fragorosamente num dos sectores. Não se registaram feridos de gravidade.

Manuel dos Santos, depois de uma série de verónicas, sublinhadas por fortes aplausos, colocou excelentes pares de bandarilhas. Na faena, o espada português brilhou com uma série de «derechazos». Prosseguiu com a lide apresentando diversos adornos que levantaram a assistência em fortes aplausos.

Foram-lhe concedidos orelhas, rabo e pata, tendo dado várias voltas á arena. — (A. N. I.).

UM GOÊS NOMEADO para secretário-geral do Estado da Índia

CIDADE DE GOA, 21. — O dr. Abel Colaço, que ocupava anteriormente o cargo de Procurador da Republica no Estado da India, tomou, hoje, posse do lugar de secretário-geral, sendo o primeiro goês que assume essas importantes funções.

A Virgem e Portugal

DIRECÇÃO LITERÁRIA DE **FERNANDO C. PIRES DE LIMA**

ORIENTAÇÃO ARTÍSTICA E GRÁFICA DE **AMÂNDIO SILVA**

Obra imaginada e executada de forma integral, numa simbiose perfeita de iconografia e texto, não tem esta publicação similar no passado e dificilmente poderá ser superada no futuro.

Esta obra, independentemente da perene actualidade do assunto, é um inventário do que mais importante possuímos acerca da Virgem, em pintura, escultura, cerâmica, iluminura, esmalte, gravura, etc., etc.

Profusamente ilustrada e duma bela concepção gráfica, ela é, simultaneamente, deslumbramento para os olhos e santuário de meditação e prece.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	Dr. Fernando de Castro Pires de Lima — *Director do Museu de Etnografia e História do Porto*
		D. Francisco Rendeiro — *Bispo do Algarve*
Cap.	**I — Nossa Senhora na História do Mundo**	Dr. Luís Chaves — *Etnógrafo*
»	**II — Influxo de Nossa Senhora na Formação da Alma Nacional (do Homem Português, da Mulher Portuguesa — Títulos Marianos — Uso do nome de Maria para Mulheres e Homens)**	Mons. Miguel de Oliveira — *Jornalista e escritor.*
»	**III — Nossa Senhora e os Reis (os Governantes) — Leis; Atitudes pessoais**	Dr. Fernando Castelo-Branco — *Escritor*
»	**IV — A Virgem na História Militar Portuguesa**	Padre António Brázio
»	**V — Nossa Senhora e a vida do Litoral: sua invocação e patrocínio na vida dos pescadores, dos marinheiros e dos povos da beira-mar**	Padre António Brázio
»	**VI — Descobrimentos e conquistas: Maria, Senhora das Missões**	Doutor Manuel Lopes d'Almeida — *Prof. Catedrático da Univerdade de Coimbra*
»	**VII — Nossa Senhora e as crises nacionais**	
»	**VIII — Nossa Senhora dos Montes Portugueses — Ermidas, etc. — Nossa Senhora na paisagem portuguesa (aspecto estático); — Romarias e Peregrinações (aspecto dinamico)**	Dr. Jaime Lopes Dias—*Etnógrafo*
»	**IX — Devoções e superstições — Aparições verídicas e supostas de Nossa Senhora**	Doutor Manuel de Mello Adrião — *Prof. Catedrático da Universidade do Porto*
»	**X — Síntese de Fátima — Incidências e Repercussões**	Dr. Sebastião Reis
»	**XI — Oratória Mariana Portuguesa**	Prof. Doutor Manuel Lopes d'Almeida
»	**XII — Poetas Marianos**	Fernando Guedes — *Poeta*
»	**XIII — Nossa Senhora na Literatura (excepto Oratória e Poesia)**	Padre Abel Guerra
»	**XIV — Teologia Mariana Portuguesa (Doutrina; Colaboração na evolução da Mariologia)**	Padre João Ferreira
»	**XV — Os Santos Portugueses (canonizados ou não) e Nossa Senhora. Institutos Religiosos Portugueses sob a égide de Maria**	Prof. Doutor Manuel de Mello Adrião
»	**XVI — Nossa Senhora e as Profissões (as Corporações) — Médicos, Artistas, etc.**	Dr. António Cruz — *Director da Biblioteca Municipal do Porto*
»	**XVII — Arquitectura Mariana (Mosteiros, Catedrais, Monumentos, Igrejas)**	Dr. Eugénio Andrea da Cunha e Freitas — *Escritor*
»	**XVIII — Escultura Mariana Portuguesa**	Padre A. Nogueira Gonçalves
»	**XIX — Pintura Mariana Portuguesa**	D. Julieta Ferrão
»	**XX — Música Mariana Portuguesa**	Mário Sampayo Ribeiro—*Escritor*
»	**XXI — Nossa Senhora na Literatura Oral**	Dr. Fernando C. Pires de Lima
		Doutor Luís de Pina — *Prof. Catedrático da Universidade do Porto*
»	**XXII — Nossa Senhora na Medicina**	Dr. Carlos Manuel da Silva Lopes — *Escritor*
»	**XXIII — Numismática. Esmalte. Ceramica. Filatelia. Heráldica...**	Dr. João A. Pinto Ferreira — *Director do Gabinete de História da Cidade do Porto*
»	**XXIV — Registos, Gravuras Marianas**	Dr. Fernando C. Pires de Lima
»	**XXV — Epílogo**	

32 fascículos de 32 páginas, em bom papel, formato 24 × 32 cm., e um extratexto em quadricromia e dois a preto

CADA FASCÍCULO, MENSAL, 25$00

O primeiro fascículo será distribuído em Fevereiro

EDIÇÕES OURO, LDA. — R. DE SANTA CATARINA, 923 — PORTO

Chá Reumatine

O CHÁ REUMATINE cujo uso é eficaz na cura do reumatismo, artritismo e gota, actua poderosamente sobre os rins e intestinos, auxiliando-os a desembaraçar o organismo do ácido urico.

À venda em todas as farmácias. Depósito: FARMÁCIA PINTO — Rua de Campolide, 11 — PREÇO, 7$20.

Semana do contribuinte

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES GERAIS do ESTADO — Encontram-se a pagamento as unicas ou primeiras prestações das seguintes contribuições e impostos: *Contribuição Industrial, Grupos A, B e C; Contribuição Predial; Imposto Profissional, de Profissões Liberais, Empregados e Assalariados*, cujo desconto não tenha sido feito em folha de féria; e *Imposto sobre a aplicação de capitais — Secção A.*

LICENÇAS — Pagam-se no corrente mês: *Acendedores e Isqueiros; Tabacos; Imposto de Transito* de animais de carga ou sela, de veículos não automóveis, de bicicletas sem motor e triciclos; *Uso e Porte de Arma; Contrastaria;* no Governo Civil: *Porta Aberta; Jogos Licitos; Toques de Musica* e *Aguas Minerais.*

ESTRANGEIROS — *Visto anual.* Os maiores de 14 anos residentes em Portugal devem apresentar os seus documentos de residência ao visto; *Empregados:* Todas as empresas devem enviar á P. I. D. E. uma relação nominal em duplicado, dos estrangeiros ao seu serviço.

IMPOSTO DE COMPENSAÇÃO — Paga-se a primeira prestação deste imposto lançado aos veículos automóveis que utilizam combustível de procedência estrangeira diferente da gasolina.

MATRIZES PREDIAIS — Estão patentes ao exame dos contribuintes durante o mês corrente.

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL — Está patente ao publico interessado o lançamento desta contribuição para efeitos de conferência ou de reclamação contra os elementos respectivos, se for caso disso.

RECLAMAÇÕES — *Prédios devolutos* — Pode apresentar-se a reclamação para a anulação dos correspondentes duodécimos da colecta respeitantes a prédios ou andares devolutos durante o ano de 1960; *Conhecimentos* — Pode reclamar-se o seu desdobramento por se acharem indevidamente agrupados por dois ou mais contribuintes; *Lançamento* — Pode reclamar-se contra a Contribuição Predial desde que se verifique estar errado; *Contribuição Industrial e Imposto Profissional* — Deve reclamar-se sobre as anulações de colectas respeitantes a anos posteriores áquele em que se tiver verificado a cessação de factos tributários.

OPERAÇÕES DO COMÉRCIO BANCÁRIO — *Acções Caducadas* e *Dividendos Prescritos* — Deverão ser apresentadas nos meses de Janeiro e Fevereiro as reclamações que compreendam valores, depósitos e créditos caducados até 31 de Dezembro de 1960, ou certificados negativos, apresentação que se fará nas secções de finanças da área da sede da companhia, sociedade ou banco.

IMPOSTO PROFISSIONAL — ASSALARIADOS — As entidades patronais devem pagar o imposto até ao dia 31 deste mês, desde que tenha sido descontado nas folhas de férias, imposto este que deve ter sido indicado nas relações apresentadas até ao dia 15 de Janeiro.

Brindes e calendários

A Mabor teve a gentileza de nos enviar o seu calendário de parede para o ano corrente.

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa», publicava no dia 21 de Janeiro de 1931 uma nota oficiosa da Presidência do Ministério que dizia:

1.º — A ditadura repele, absolutamente, qualquer ideia de entendimento para a formação de ministérios chamados de transição, ou para o regreso ao sistema removido pelo Exército e pela Armada, em 28 de Maio de 1926; 2.º — A ditadura continuará a obedecer, exclusivamente, ao programa de 28 de Maio e aos princípios que foram firmados nas bases da União Nacional, tendo em vista concluir os alicerces da reconstrução necessária e preparar a nova ordem constitucional prometida; 3.º — O Governo conta com a força armada e com toda a população pacífica e laboriosa para o apoio da ditadura e dominará severamente pelas armas, qualquer tentativa revolucionária, resolvido a impor a todos a sujeição ao dever de concorrerem para a paz, reorganisação e progresso da Pátria e da Republica.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — *Programa «A»* — 451 m. — 655 kc./s. — Às 18, Noticiário; 18 e 10, Musica de dança; 18 e 40, Rádio Rural; 19, Cançonetas portuguesas; 19 e 15, Musica de filmes; 19 e 45, O pianista Jorge Machado, programa transmitido do Hotel Mundial; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Orquestras típicas; 20 e 30, Geografia musical; 21, Noticiário e Carta de Madrid; 21 e 20, Instrumentistas; 21 e 30, A orquestra ligeira sinfónica de André Kostelanetz; 21 e 45, Serão para trabalhadores, transmitido do Pavilhão dos Desportos; 22 e 30, «Vida e Obra de Vasco da Gama»; 22 e 45, segunda parte do serão para trabalhadores; 23 e 30, Melodias de Paris; 23 e 45, Noticiário; 23 e 58, Musica de dança; 1, Encerramento.

Programa «B» — 397 m. — 755 kc./s. — Às 19, 4.ª programa da série dedicada ao Barroco Italiano»: «Concerto grosso em sol menor, op. 3, n.º 2», de Geminiani pela Orquestra da Rádio Italiana, dirigida por Carlo Zecchi; 19 e 20, Temas ultramarinos; 19 e 30, Árias; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Ciclo da musica portuguesa; 21, Noticiário e Carta de Madrid; 21 e 20, Separador; 21 e 30, Recital pelo cantor Francisco Loureiro Dinis, com a colaboração da pianista Regina Cascais; Programa inteiramente preenchido com obras de compositores norte-americanos; 21 e 48, «Trio n.º 1, op. 99, em si bemol maior», de Schubert, pelo violinista Alexandre Schneider; violoncelista Pablo Casais e pianista Eugene Istomin; 22 e 30, Concerto pela Orquestra de Camara Fernand Oubradous, em gravações cedidas pela Radiodifusão Televisão Francesa: «Concerto n.º 21, em dó maior», de António Vivaldi; «Concerto n.º 4», para violoncelo e orquestra, de António Vivaldi; «Concerto n.º 13», para flauta e orquestra, de António Vivaldi; «Concerto n.º 3», para cravo e orquestra, de Michel Corette; «Concerto n.º 11», de António Vivaldi; «Concerto de Dresde», de António Vivaldi, pela Orquestra de Camara de Fernand Oubradous, dirigida por Fernand Oubradous; 23 e 30, Trechos de óperas; 23 e 45, Noticiário; 24, Encerramento.

RADIO CLUBE — Às 18 e 15, Variedades; 19, Orquestras e canções; 20 e 20, Motivos portugueses; 21 e 15, Artista; 21 e 30, Conjuntos; 21 e 50, Curso de língua inglesa; 22, Cançonetas; 22 e 15, Brasil; 22 e 30, Artista; 22 e 45, Concerto; 23 e 15, Ritmos de baile, do Casino Estoril; 23 e 45, Noticiário; 1 e 45, Noticiário; 3, Fecho.

Emissor de Miramar — Às 18 e 15, Cançonetas; 19, Motivos portugueses; 19 e 30, Solistas; 20, Boletim informativo; 20 e 30, Curso de língua inglesa; 20 e 40, Vida desportiva; 21, Noticiário; 21 e 15, Um artista; 22 e 15, Artistas portugueses; 23, Trechos de opereta ou zarzuela; 23 e 45, Noticiário; 1 e 7, Sumário; 1 e 10, Fecho.

RADIO RENASCENÇA — Às 18, Musica ligeira; 18 e 20, Noticiário e boletim religioso; 18 e 30, Terço e bênção; 19 e 5, Migalhas doutrinais; 19 e 10, Palestra sobre o oitavário das igrejas; 19 e 25, Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30, Chuva de estrelas; 20, Oiça enquanto janta; 20 e 15, Separador musical; 20 e 30, Noticiário, 20 e 55, Meditando; 21, A cultura brasileira; 21 e 30, Musica portuguesa; 21 e 40, Rádio Rural; 22 e 30, Passatempo para o Jar; 23, A 23.ª hora; 1 e 55, Noticiário; 2, Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; 22 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

ANTIGOS ALUNOS

dos Colégios da Companhia de Jesus

Vão reunir-se os antigos alunos dos colégios de Campolide, S. Fiel, Setubal, S. José, Guimarães, Jette, Los Placeres, La Guardia, Covilhã, Santo Tirso, no dia 26, quinta-feira, ás 19 e 30, no Colégio de S. João de Brito — Estrada da Torre — Lumiar, para apreciação dos Estatutos da Associação dos Antigos Alunos.

Ás 19 e 30, haverá missa, seguindo-se o jantar, depois do qual se efectua a assembleia geral. Pede-se a todos os antigos alunos que confirmem a sua inscrição até ao dia 24, para o Colégio de S. João de Brito. Também se recebem inscrições na Casa Tátá & Rodrigues, á Rua Garrett, 53, e na Sapataria Ideal, á Rua da Assunção, 54-56.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21 e 45 horas — **«Do alto da ponte».**
MONUMENTAL — **A's 20 e 30 e ás 23 — «Boa noite, Betina!».**
TRINDADE — Ás 21 e 45 — **«A casa dos vivos».**
MARIA VITORIA — **A's 20.30 e 22 45 — «Chá, chá, chá».**
CAPITÓLIO — Ás 20 e 30 e 22 e 45 — «Campinos, mulheres e fado»
AVENIDA — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Garotas do Rebolado».
COLISEU — 1.ª Grande Companhia de Circo de 1961.

CINEMAS

TIVOLI — **«Um estranho na minha vida».**
S. LUIZ — **«O mistério do navio abandonado».**
IMPÉRIO — «Férias de Inverno».
S. JORGE — **«Valentão é apelido».**
EDEN — **«As pupilas do sr. Reitor».**
POLITEAMA — **«Dragões da violência».**
ODEON — «O homem que não falará».
CONDES — **«A senda de gigantes»**
CONDES — «Gorila ataca».
MONUMENTAL — «Ben-Hur».
ALVALADE — **«O mistério do navio abandonado».**
OLIMPIA — «O anjo de fogo».
AVIS — «Um raio de luz».
ROMA — «As pupilas do sr. reitor».
RESTELO — «A' luz do Sol».
ROYAL — «O corcunda».
JARDIM CINEMA — «Marujos de água doce».
IDEAL — «Alvorada vermelha».
ARCO-IRIS — «Monstros no espaço».
S. L. BENFICA — «Homens de gelo».
CAMPOLIDE — «O rio da traição».
MOSCAVIDE — «Começou com um beijo».

FESTAS ASSOCIATIVAS

Dedicadas aos seus associados e suas famílias, e abrilhantadas por orquestras, realizam-se festas, esta noite, a partir das 22 horas, na Casa do Distrito de Coimbra, Casa do Algarve e Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo.

EFEMÉRIDES

No dia 21 de Janeiro de 1954 foi lançado o «Nautilus», primeiro submarino atómico.

TELEVISÃO

Hoje, ás 17, abertura; 17 e 2, A história de Hovercraft; 17 e 25, Programa juvenil; 18 e 10, Canções pelo Quarteto Golden Gate; 18 e 30, Teledesporto; 18 e 45, Telejornal (edição da tarde); 19, fecho; 21, Reabertura; 21 e 2, «Furia, o cavalo selvagem»; 21 e 30, Telejornal (edição da noite); 22, «Naquele tempo...»; 22 e 15, 3.' episódio do folhetim «Querida Sara», de Armando Vieira Pinto (interpretação de Fernanda Borsati, Maria Alberta, Rui Mendes e Rui Luís); 22 e 35, Transmissão dos estudios do Porto (Serenata de Coimbra, pelo Grupo de Fados de Jorge Tuna); 23 e 5, Episódio da série «Os Corsários»: «O Capitão Tempestade»; e 23 e 35, Telejornal (ultimas notícias).

HORAS DAS MARES

BAIXA-MAR

Dia 21 — 12 e 17 (0,93 m.).
Dia 22 — 0 e 38 (1,13 m.); 13 e 17 (1,17 m.).
Dia 23 — 1 e 34 (1,34 m.); 14 e 17 (1,38 m.).

PREIA-MAR

Dia 21 — 19 h. (3,79 m.).
Dia 22 — 7 e 21 (3,92 m.); 19 e 50 (3,60 m.).
Dia 23 — 8 e 16 (3,69 m.); 20 e 50 (3,44 m.).

Farmácias de serviço

TURNO F

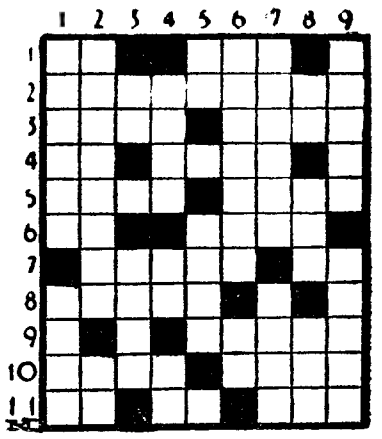
(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (637318).
ALCANTARA — Probidade, R. Alcantara, 15-A-B (638589).
ALFAMA — Anunciada, R. do Vigário, 74 (866360).
ALTO DO PINA — Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (841912).
ALVALADE — Alentejo, Av. Igreja, 28-B (712682) ✲ **Rainha Santa,** R. Afonso Lopes Vieira, 57 (765262) ✲ **Brasília,** Av. Rio de Janeiro, 66 (722368) ✲ **Estados Unidos,** Av. Estados Unidos da América, lote 373 (725859).
ANJOS — Renascença, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (831504) ✲ **Guerra,** R. Andrade, 32-36 (845513).
AREEIRO — Belmar, Av. Roma, 53 (776314) ✲ **Central do Areeiro,** Av. Paris, 2—2-A (720820).
ARROIOS — Aliança, Av. Almirante Reis, 145 (50487).
AVENIDA DA LIBERDADE — Galénica, R. das Pretas, 12-14 (22588).
AVENIDAS NOVAS — Cardote, Ld.', Av. Visconde Valmor, 28 (772291) ✲ **Palma,** Av. Duque de Avila, 25 (47088) ✲ **Arga, Ld.ª,** Av. Praia da Vitória, 53 (43938) ✲ **Latina,** Av. António Augusto de Aguiar, 17 (42312).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27-41 (389216).
BAIXA — Instituto Pasteur, R. Nova do Almada, 71 (30521) ✲ **Internacional, Ld.ª,** R. Aurea, 228 (22017 e 30203) ✲ **Veiga Suc.,** R. da Conceição, 42 (26147).
BEATO — Grijó, R. do Grilo, 25.
BELÉM — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63 (611454).
BENFICA — Marques, Est. de Benfica, 648 (700096) ✲ **Vitex,** Est. de Benfica, 373-B (780548).
CAMPO DE OURIQUE — Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (681726) ✲ **Condestável,** R. Coelho da Rocha, 119 (666206).
CAMPOLIDE — Imparcial, R. General Taborda, 28 (680931).
CAMPO GRANDE — Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283 (763016 e 765635).
CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33-35 (780181).
CONDE DE REDONDO — Contemporânea, R. C. Redondo, 26 (45048).
ESTRELA — Janeiro, Av. Alvares Cabral, 100 (661453) ✲ **Aurélio Rego,** Calçada da Estrela, 139 (661758).
GRAÇA — Brito, R. do Vale de Santo António, 7-9 (840125) ✲ **Progressiva,** R. de Santa Marinha, 18 (863619).
JANELAS VERDES — Infante Santo, R. Olival, 290 (661003) ✲ **Marcos do Nascimento,** Calçada Marquês de Abrantes, 36-A (664238).
LUMIAR — Patuleia Herdeiros, R. Lumiar, 122-124 (790332).
MARQUÊS DE POMBAL — Vieira Borges, R. Alexandre Herculano, 28 (40536).
PALHAVÃ — Curie, Av. Madame Curie, 15-A (778439).
PENHA DE FRANÇA — Dimar, R. Conde de Monsaraz, 17-B (842533).
PICHELEIRA — Marluz, Calçada da Picheleira, 140-C (720703 e 728395).
PRÍNCIPE REAL — Oliveira, R. D. Pedro V, 123-125 (27880).
REGO — Prates e Mota, R. Beneficência, 91 (773728).
SANTO AMARO — Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (637070).

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 2199



HORIZONTAIS: 1 — Arguida. Unidade de trabalho, considerado em todas as suas formas. 2 — Encalacraras. 3 — O que. Em maior quantidade. 4 — Descoberto (inv.). Cidade da Argélia, capital de uma das suas divisões administrativas. 5 — Repercussões do som. Prefixo que designa dez. 6 — Zomba. Conversa. 7 — Terreiros em volta das igrejas. Libra (abrev.). 8 — Pároco. 9 — Pinheiro alvar. 10 — Em grau superior. Falha. 11 — Artigo (pl.). Frequentar. Aqui está.

VERTICAIS: 1 — Exige. Fruto carnudo, mais ou menos esférico. 2 — Expor. Carta de jogar. 3 — A ti. Capital do Timor português. 4 — Patrões. Nome de letra grega. Nota de musica. 5 — Artigo antigo. Excepto. 6 — Ramagens. Nome de letra. 7 — Celeiro. Ofende. 8 — Gemido. Óxido de cálcio. Prefixo que designa três. 9 — Esmonca. Pães de milho.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 2198

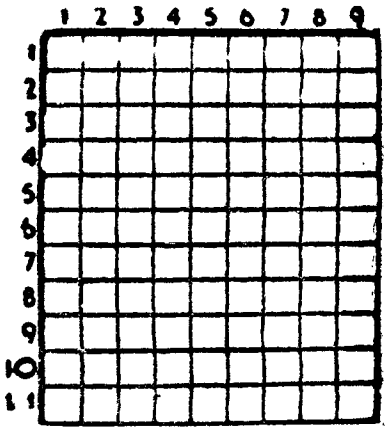
HORIZONTAIS: 1 — Rio. Evora. 2 — Ar. Prós. 3 — Coalas. Ri A — Humus. Rés. 5 — Ir. Seca. 6 — Regas. Cai. 7 — Avolumar. 8 — O. TEMPO. 9 — Resgatais. 10 — Ua. Erro. 11 — MOSTRA.

VERTICAIS: 1 — Rachara. Ré. 2 — Irou. Evoé. 3 — O. AMIGO. Suo. 4 — Plural. Gás. 5 — Eras. Suta. 6 — Vós. Meter. 7 — Os. Recamara. 8 — Recarpir. 9 — Avisai. Oso.

(Provérbio: O TEMPO MOSTRA O AMIGO).

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 4245



HORIZONTAIS: 1 — Dique. Causar dor. 2 — Carta de jogar. Entonteça. 3 — Político francês que foi executado depois da Segunda Grande Guerra. 4 — Mofar. Basta! 5 — Estacas a vinha. Nome de letra (pl.). 6 — Braços de mar. Parteis. 7 — Primeiro apelido de Camões. Sossegada. 8 — Artigo definido (ant.). Assim que. 9 — Saliente. 10 — Cidade de Portugal. Nesse lugar. 11 — Lameiro. Estampilha.

VERTICAIS: 1 — Rio de Portugal. Freguesia do concelho de Avis. 2 — Artigo definido. Plantio de álamos. Falsa. 3 — Tranquilidade publica. Preposição. 4 — Amargas. Vila e concelho do distrito do Porto. 5 — Reles. Pender. 6 — Transmitir gratuitamente a outrem. Restos. 7 — Língua que antigamente se falava no N. da França. Igual. 8 — Símbolo químico do érbio. Obstinação. O mais. 9 — Penetra. Claridade.

Solução do problema n.º 4244

HORIZONTAIS: 1 — Lis. Sic. 2 — Em. Lãs. Rã. 3 — Aedos. 4 — Rasgo. Ova. 5 — Essas. Lar. 6 — Sul. Vez. 7 — Rim. Vária. 8 — Asi. Altas. 9 — Risse. 10 — Cã. Oca. Pá. 11 — Ais. Fez.

VERTICAIS: 1 — Lebre. Rasca. 2 — Im. Assis. Aí. 3 — Assumir. 4 — Legal. Io. 5 — Lados. Vasco. 6 — Só. Valsa. 7 — Solerte. 8 — Ir. Vazia. Pé. 9 — Calar. Assaz.

RECHEIO DE CASA

VENDE-SE ATÉ À MEIA-NOITE

Senhora vende o seguinte:

Mob. quarto Q. Anne da melhor fabricação; escritório torc. e trem, totalmente em pau-santo, sala jantar Renascença de luxo. Jogos de maples vários, lustres belos modelos, carpetes, bom roupeiro mogno 2 portas, sofá-cama, frigorífico e máq. de costura como nova, cofre monobloco, faqueiro em prata c/ estojo, quadros a óleo ass., móveis antigos de salão ricos e luxuosos, oratório antig. com cómodas, imagens, antiguidades e diversos.

R. Dr. Sousa Martins, esq.ª da Rua Andrade Corvo, 19 — Moradia.

CASA DE REPOUSO — PENACOVA

A S/ Ex.mos Clientes comunica que acaba de ser provida de AQUECIMENTO CENTRAL. Pedir informações directora — Telefone Penacova 47137

Kennedy convocou para as nove da manhã

uma reunião do seu pessoal na Casa Branca

depois de assistir até de madrugada

a cinco bailes em sua honra

(Continuação da 1.ª página)

turo da Humanidade em geral e para o das relações entre os países da América Latina e os Estados Unidos em particular», o presidente da Venezuela manifesta a esperança de o ver levar a cabo uma obra positiva em benefício da paz no Mundo e das nações livres. — (F. P.).

PEQUIM CONSIDERA KENNEDY UM REACCIONÁRIO

TOQUIO, 21. — Para Pequim, não há, desde já, contemplações ou expectativa, oficial, relativamente ao novo presidente dos Estados Unidos e a todos os membros do Governo norte-americano.

A Rádio de Pequim foi absolutamente diversa da Rádio Moscovo, tendo apresentado biografias sintéticas, mas coloridas a tintas negras, de todos os membros do Gabinete.

«Trata-se de uma coligação de monopolistas de várias feições» — declarava-se, na Rádio de Pequim, acerca do novo Governo. Quanto a Kennedy afirmou: «E' um reaccionário». — (A. N. I.).

A IMPRENSA AMERICANA E INGLESA REAFIRMAM A SUA CONFIANÇA NO NOVO PRESIDENTE

NOVA YORK, 21. — Toda a Imprensa americana aplaude o discurso inaugural do presidente Kennedy. De uma maneira geral, os jornais concordam com o «New York Times» que acha o discurso «Soberbo... tão notável pelo estilo e a concisão, como pelo seu conteudo sólido».

Para o «New York Mirror», «não pode haver duvidas quanto á política externa dos Estados Unidos, porque, desde já, Kennedy exorta o país a defender a liberdade... o presidente diz ao Mundo inteiro que os Estados Unidos querem a paz, mas esta deverá ser a paz de Deus e não a de Karl Max».

Para o «Times», de Londres, a «política interna não figurou neste discurso. Nenhum apelo a um egoismo sectário e comercial. Nenhuma promessa de dias melhores. Nenhuma alusão aos conflitos de interesses que dividem o povo americano de alto a baixo e que tão grande lugar tiveram na campanha eleitoral. Palavras dignas, generosas, vigorosas, decididas, proferidas por um homem sincero...»

O trabalhista «Daily Herald» escreve: «Os povos de todo o Mundo procurarão nesta alocução palavras que autorizem as mais belas esperanças, e encontrá-las-ão. O discurso é conforme as grandes tradições. Encontramos nele a eloquência do século XVIII».

O «Guardian» (Liberal): «Antes de ser eleito, Kennedy já havia mostrado que é corajoso. Ontem, mostrou que tem a noção da História e do lugar que nela ocupa, sem a qual o sentido do poder é impossível. Nada de panaceias, nada de soluções fáceis. Em suma, um homem corajoso, pronto a assumir as mais pesadas responsabilidades e a dar o exemplo ao povo americano». — (F. P.).

AS NAÇÕES UNIDAS RECEBERAM COM JÚBILO O DISCURSO DE KENNEDY

NOVA YORK, 21. — O discurso inaugural do presidente John Kennedy causou viva impressão na O. N. U. onde foi motivo de todas as conversas nos meios afectos á organização internacional.. Para os delegados presentes, na maioria representantes dos países neutralistas membros da comissão consultiva para o Congo que se reuniu á tarde, as passagens que diziam respeito ás relações Leste-Oeste e o auxílio aos países subdesenvolvidos, foram das mais importantes do discurso e retiveram particularmente a sua atenção. Um dos diplomatas presentes manifestou publicamente o seu regozijo pela importancia dispensada por Kennedy ao problema do desarmamento e ao paralelo traçado entre os armamentos comunistas e ocidentais.

Os círculos diplomáticos colocam a China como o principal problema do Governo de Kennedy nas suas futuras relações com a O. N. U.

Adlai Stevenson apresentará, na segunda-feira, as suas credenciais como embaixador dos Estados Unidos junto daquele organismo internacional.

Os problemas que Stevenson enfrentará serão os resultantes da situação no Laos, no Congo, antes mesmo de se ocupar da China.

O Conselho de Segurança pode ser convocado em qualquer momento para estudar os acontecimentos do Laos e do Congo, permitindo assim conhecer-se qual a orientação a seguir pelos Estados Unidos ainda antes da reabertura da 15.ª sessão da Assembleia Geral em 7 de Março.

Os Estados Unidos dispõem ainda de algum tempo para estudar a questão da China, antes do início da 16.ª sessão que começa em Novembro deste ano.

Uma moção aprovada pela Assembleia em 8 de Outubro de 1960 não prescreveu qualquer proposta para a admissão da China comunista durante a vigência da actual sessão. — (A. N. I. e F. P.).

O PROGRAMA DE KENNEDY PARA HOJE

WASHINGTON, 21. — O presidente Kennedy ordenou que o seu pessoal da Casa Branca se apresentasse imediatamente, esta manhã, ao serviço, após uma noite de festejos em cinco bailes inaugurais separados.

Kennedy deu ordens a todo o seu pessoal para estar pronto ás nove horas locais (14 horas T. M. G.).

Espera-se que o presidente Kennedy dê atenção imediata a alguns problemas de política externa, incluindo a guerra no Laos e assim como assuntos internos prementes.

Kennedy tenciona almoçar ás 13 horas com a Comissão Democrática Nacional. A's 16 horas presidirá á solenidade do juramento dos membros do seu Gabinete e ás 21 deve comparecer a um banquete no Clube Alfalfa. — (A. N. I. e R.).

KENNEDY FOI A CINCO BAILES EM SUA HONRA

WASHINGTON, 21. — O presidente Kennedy e sua mulher festejaram o dia de ontem comparecendo a cinco bailes.

Nos hotéis onde os democratas se reuniram para vitoriar Kennedy e o vice-presidente Lyndon Jonhson, o champanhe correu a jorros.

As festas duraram até á madrugada de hoje.

A' meia-noite já o presidente e a sr.ª Kennedy tinham visitado três bailes mas ao chegarem ao quarto a senhora Kennedy decidiu recolher á Casa Branca.

Tal como na véspera, o presidente só recolheu de madrugada. Não deixou de comparecer em nenhuma das cinco grandes festas dadas em sua honra.

Os Kennedys sairam da Casa Branca ás 21 e 50, reuniram-se aos Johnsons em frente do Mayflower Hotel e foram acolhidos por clamorosa ovação quando chegaram ao primeiro baile.

Na comitiva de Kennedy iam também os membros do seu Gabinete — todos de autocarro — juntamente com o antigo presidente Truman e sua mulher, Adlai Stevenson, o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Earl Warren. Sam Rayburn e Robert Kennedy, irmão do presidente.

A frequência a essas festas foi numerosa a despeito do mau tempo e da demora nos transportes resultante do nevão da noite anterior.

No Mayflower, antes de se iniciar a ronda dos bailes, Truman cortou a primeira fatia de um enorme bolo comemorativo, depois de Kennedy ter insistido com o antigo presidente para que o substituisse.

Kennedy esteve ainda em casa de George Wheller, onde se realizou uma festa em sua honra, mas sua mulher — ainda abalada pela operação cesariana a que foi submetida em Novembro — não compareceu.

O Statler, onde se realizou um dos bailes estava cheio e a maior parte das pessoas não conseguiu ver o casal Kennedy durante os poucos minutos que lá se demorou.

Todavia o maior dos bailes realizou-se no Armory onde se reuniram milhares de pessoas para dançar, conviver e festejar o novo Governo.

A ELEGANCIA DA SR.ª KENNEDY

A juventude e o bom gosto da esposa do novo presidente norte-americano, Jacqueline Kennedy, despertam a admiração geral onde quer que ela vá. Ontem á noite, a sr.ª Kennedy nos três bailes em que compareceu a sua elegancia voltou a marcar.

Exibia um vestido original de Oleg Cassini, simples mas requintado: «fourreau» de seda branca, com tunica finíssima e transparente de «chiffon» e renda. Calçava luvas altas, brancas, até ao cotovelo.

A esposa do vice-presidente, senhora Lyndon Johnson, ia de cor-de-rosa, com bolero de pele. — (A. N. I.).

Lumumba será julgado

logo que funcione o aparelho judicial

— prometeu Justino Bomboko

(Continuação da 1.ª página)

também de «carência da O. N. U.», por não ter restabelecido a ordem legal ou, como diz, restabelecer o funcionamento normal do Parlamento e entregar o Poder a Lumumba.

Assim o presidente do Mali veio em reforço da ofensiva do bloco soviético e de boa parte do bloco afro-asiático que fazem pressão na O. N. U. para que esta intervenha no sentido de ser restaurado o Governo Lumumba, no que, aliás, estes dois grupos não têm sido seguidos pela maioria.

Entretanto reuniu, com a presidência do secretário-geral Hammarskjoeld, o Comité Consultivo para o Congo. Sabe-se que no fim da reunião Hammarskjoeld enviou duas cartas, uma ao presidente Kasavubu e outra a Tschombé: Em ambas o secretário-geral levanta o caso dos tratamentos infligidos a Lumumba. Naquela reunião o secretário-geral confirmou que este foi objecto de sevícias á sua chegada a Elisabethville. Os membros do comité, segundo informou um dos participantes na reunião, mostraram-se inquietos, e teriam não só, protestado contra a transferência de Lumumba para Elisabethville, mas também contra a sua nova encarceração, porquanto, na ausência de procedimentos judiciários, entendem que são ilegais. Quanto aos maus tratamentos, consideram-nos como violando os direitos do homem. De qualquer forma, disseram alguns membros do comité, se há acusações contra Lumumba mandem-no a tribunal. A situação actual é inadmissível. De resto, em seu entender a conferência de mesa redonda para o Congo não terá sentido sem a participação de Lumumba e este deve, em seu entender, ser libertado ao menos provisóriamente para nela participar. — (F. P.).

BOMBOKO ANUNCIA O JULGAMENTO DE LUMUMBA

LEOPOLDVILLE, 21 — «Patrice Lumumba será julgado, e julgado em conformidade com a lei, com todas as garantias», afirmou esta manhã, numa conferência de Imprensa, Justino Bomboko, presidente do Colégio dos Comissários Gerais.

Bomboko acrescentou que o julgamento de Lumumba não pode ser improvisado. Para que Lumumba seja legalmente julgado e disponha de todas as garantias, é preciso um aparelho judicial, disse Bomboko, que fez notar que foi o próprio Lumumba quem, ao querer criar durante a sua passagem pelo poder tribunais de excepção, tinha desorganizado a administração judicial.

«Actualmente, prosseguiu, não possuimos bastantes magistrados para pôr em acção o aparelho da Justiça. A O. N. U. opõe-se a que contratemos Belgas e declara que nos fornecerá magistrados. Ainda os esperamos, tal como os professores prometidos pela U. N. E. S. C. O.

Bomboko declarou depois que o Congo não tem de se justificar perante os países participantes da conferência de Casablanca.

«Lumumba foi transferido dum a outro ponto do Congo. Não queremos que o seu destino dependa duma amotinação de soldados e preferimos que esteja numa prisão», explicou. — (F. P.).

RESERVAS DA A. F. L.

Os encontros da 14.ª jornada

decorreram sem surpresas

Alhandra, 2-Benfica, 4

ALHANDRA, 21 *(Pelo telefone)*. —Jogo no Campo da Hortinha, sob a arbitragem de João Rafael Mateus.

Os grupos formaram:

ALHANDRA — Eduardo, Marciano e Sousa; Artur José, Vítor e Fernando; Avelino, Luís, Louro, Plácido e Agostinho.

BENFICA—Ramalho; Sidónio e Pinto; Mário João, Humberto e Inácio; Moreira, Espírito Santo, Torres, Mendes e Carlitos.

Aos 15 minutos, Fernando fez 1-0 para o Alhandra e, aos 28, na marcação de uma grande penalidade, Mário João fez o empate. Entretanto, Maximiano substituiu Carlitos, no Benfica e aos 33 minutos, Avelino fez 2-1 para o Alhandra.

Proximo do intervalo, Moreira, do Benfica, com o «keeper» local batido atirou a bola á barra.

Ao intervalo: Alhandra, 2-Benfica, 1.

Na 2.ª parte, o Benfica foi a melhor equipa sobre o terreno, marcando três golos, aos 28 minutos, por Mendes, aos 29, por Torres, e aos 33, por Inácio.

No fim: Alhandra, 2-Benfica, 4.

Belenenses, 2-Torriense, 0

(a 15 minutos do fim)

Jogo no Restelo (treinos), sob a arbitragem de José Rolo. As equipas alinharam:

BELENENSES — Fidélio; Assis e Medeiros; Moreira, Bento e João; Dimas, Potengi, Aurélio, Carvalho e Vítor Silva.

TORRIENSE — Aurélio; Narciso I e Portas; Carlos António, Nuno e Lopes; Jerónimo, Cecilio, Madaleno, José Augusto e Narciso II.

Devido ao atraso da equipa torriense, o jogo começou com um quarto de hora de atraso. Antes do início do encontro foi guardado um minuto de silêncio pela morte de João Villaret, que em breve seria nomeado sócio de mérito do Belenenses.

Os «azuis» durante o primeiro tempo desfrutaram de acentuado domínio, encontrando, no entanto, forte réplica da defesa contrária. Aos 5 e aos 7 minutos, Carvalho fez dois golos para o Belenenses e com eles o resultado da primeira parte.

Até á meia hora da 2.ª parte foi o Torriense a equipa que melhor futebol praticou, mas os seus avançados não conseguiram concretizar algumas oportunidades de golo, montendo-se, assim, o resultado da 1.ª parte.

Olivais, 5-Estoril, 0

Jogo no campo «Alvaro Gaspar». Aribitrou o sr. Joaquim Ganadeiro e os grupos formaram:

S. L. OLIVAIS — Ferreira; Mordido e Guerreiro; Chico, Pinho e Bento; Arnés, Oliveira, Magalhães, Martins e Humberto.

ESTORIL — Carvalho; Fereiro e Palmiro; Leitão, Mota e Rosales; Rodrigues, Brandão, Monteiro, Lino e Félix.

A 1. parte decorreu com ligeira vantagem do Olivais, que aos 38 minutos se colocou em vencedor com um golo marcado por Martins.

Ao intervalo: Olivais, 1-Estoril,0.

Na 2.ª parte o Olivais dominou mais claramente. Aos 2 minutos, Arnés, elevou para 2-0; aos 8, Magalhães aumentou a conta, para voltar a marcar, aos 17 e aos 43 minutos.

No fim : Olivais, 5-Estoril, 0.

Oriental, 2-Atlético, 0

Jogo no campo «Eng.º Carlos Salema», sob a arbitragem do sr. Luís Arruda. Os grupos formaram.

ORIENTAL — Soares; Morais II e Seborro; Cordeiro, Correia e Carvalho; Guerreiro, Fausto, Vasco, Raposo e Honório.

ATLETICO — José Alberto; Cipriano e Ferreira; Candeias, Alcides e Pereira Correia; Hernani, Gralho, Amador, Cibá e Daniel.

Os primeiros 45 minutos decorreram sensívelmente equilibrados, pelo que a marca de 0-0, ao intervalo, se ajusta, perfeitamente. Há apenas a registar como facto saliente, um remate de Cordeiro, á barra, com o guardião do Atlético já batido.

Finalmente, o marcador funcionou aos 35 minutos a favor do Oriental, Honório foi o autor do tento. Nove minutos depois, aquele jogador foi derrubado dentro da grande área. Marcada a grande penalidade pelo árbitro, Vasco, converteu-o no segundo golo.

O MINISTÉRIO do «Apartheid»

criado na África do Sul

CIDADE DO CABO, 21. — O primeiro-ministro da União Sul-Africana, Hendrik Verwoerd, anunciou hoje que vai aumentar o seu Governo em dois membros, para dirigirem os novos Ministérios da Imigração e do «Apartheid».

Acrescentou que as novas nomeações não serão feitas antes da implantação da Republica na África do Sul, em fim de Maio. — (A. N. I.)

William Faulkner

aparece nos prelos de

LIVROS DO BRASIL

45$

com o livro que mais ocupou a crítica mundial

Luz de Agosto

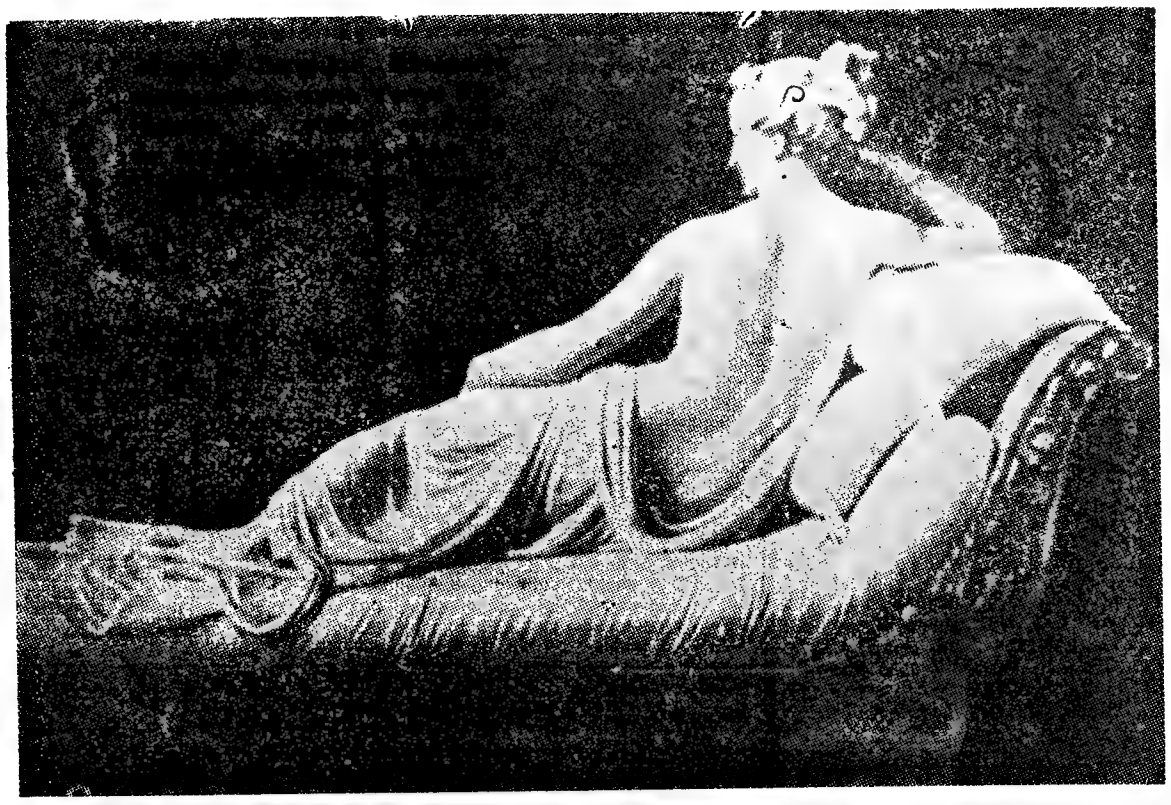
Para M/ 21 anos

BICO DOURADO

HOJE

BAILE DE MASCARAS

Diario de Lisbôa
magazine



A SEDE DE PRAZER no tempo de Napoleão

Os horrores das guerras napoleónicas criaram em França uma sôfrega sede de prazer. Os intervalos entre as batalhas eram demasiado breves para consentir longos assédios amorosos. Quanto mais a morte ameaçava os homens, mais as mulheres eram fáceis.

Terminado o período heróico e austero que foi de 89 á morte de Robespierre, os Franceses recomeçaram a gozar a vida. A França, como escreveu um historiador, já não era um país revolucionário, mas tão sòmente revolucionado. A medo, timidamente, os Franceses regressaram aos festejos de Carnaval e tornaram a organizar bailes de máscaras. O dinheiro voltava a circular em abundancia. A burguesia, enriquecida com o espólio do antigo regime e com as campanhas militares para defesa da revolução, adoptara muitos dos costumes dos cortesãos de Luís XVI. Surgira uma sociedade de novos ricos, sensual, voluptuosa, que confundia a fortuna com a dignidade e o luxo com o bom gosto. Era uma sociedade caótica: os bailes pareciam feiras, nos jantares os convidados comiam como se estivessem em jejum. Era, sobretudo, uma sociedade que não conversava: a conversação requer as boas maneiras, é impossível sem uma base cultural.

Dançava-se e jogava-se durante noites inteiras: uma sala de baile publica, o «Frascati», tinha capacidade para duas mil pessoas. Os divertimentos eram frequentemente grosseiros e brutais: em casa de Luciano Bonaparte, um dos irmãos de Napoleão, rebentavam-se «estalos» sob os narizes dos convidados. Por vezes, a imaginação corria sem freio: numa festa em casa de Grimod de la Reynière, em Villiers-sur-Marn, a meio da noite surge uma lua luminosa e grávida no ceu de estrelas que era o tecto; enquanto se ouvia o rumor de uma tempestade, gonzos de portas chiavam sinistramente, uma aragem inquietante agitava os cortinados e, horror final, esqueletos desciam as escadas, arrastando pesadas cadeias. A imaginação era a mais das vezes menor, claro: quase sempre, os anfitriões limitavam-se a recorrer ás habilidades de um prestidigitador.

A coroação de Napoleão encerrou os dias em que nos salões não se discutia mais que a liberdade, igualdade e fraternidade. O amor e a guerra são o tema de todas as conversas, são o princípio e o fim de todas as intrigas. Há quem se case por interesse ou capricho, mas quase ninguém por amor. Muitos dos marechais do Império tornaram-se mais célebres pelas suas aventuras amorosas, ou das esposas, que pelas medalhas conquistadas nos campos de batalha. Também a moda é, simultaneamente, plebeia e aristocrática, sempre extravagante. Dorme-se com a camisa que se vestiu durante o dia e usam-se os fatos amarrotados. O ideal de todos

(Continua na 12.ª página)

Lollobrigida toda nua

O marido de Gina Lollobrigida está presentemente em Londres, onde procura adquirir o «cliché» de uma fotografia de sua esposa, em que a famosa vedeta aparece toda nua. A fotografia em questão foi obtida durante uma recepção a que Lollo compareceu toda vestida de «nylon». O fotógrafo utilizou uma película sensível aos infra-vermelhos, para a qual o «nylon» é completamente transparente. Por isso mesmo, o dr. Milko Skofic afirma: «Eu e minha mulher somos vítimas da ciência».

Os selvagens da Jamaica dominados por Colombo que os ameaçou com um eclipse

Os eclipses do Sol ou da Lua, que, apesar das clarificadoras explicações dos cientistas e embora previstos com rigorosa precisão, ainda provocam ansiedade e inexplicáveis temores gerados pela superstição, enchiam, antigamente, o Mundo de pavor. A História regista vários exemplos de tragédias originadas pelo panico das multidões, principalmente quando o Sol, obscurecido por completo, provocava a treva e suscitava o invencível terror ante perigos de imaginários cataclismos desencadeados pela cólera divina.

Não menos dramáticas eram as consequências dos eclipses da Lua, que ampliavam o impressionante mistério da noite e surgiam como ameaça de terríveis punições. E como, por vezes, coincidiam com catastróficas ocorrências, devidas apenas ás absurdas crendices a que, nos tempos antigos, nem os homens superiores se eximiam, mais se arreigavam esses grandes pavores colectivos aos quais se aliam acontecimentos de influência decisiva nos destinos dos povos, impondo viragens na marcha da Humanidade.

Nícias, o famoso general ateniense que se distinguira na guerra do Peleponeso e firmara o tratado de paz com Sparta, teve o seu trágico fim na expedição á Sicília, em consequência de hesitações, por se arrecear dos efeitos de um eclipse da Lua. Decidira o intrépido guerreiro a retirada estratégica do seu exército, mas, assustado com o fenómeno, resolvera adiar a manobra por alguns dias, «para se certificar de que o astro nada sofrera». Perdeu assim a oportunidade de salvar as suas tropas, que foram aniquiladas. Nícias perdeu a vida e, na opinião dos historiadores, começou com esse desastre a ruína de Atenas.

Acontecia, também, que outros homens de rara envergadura, mais lucidos e penetrantes no conhecimento das reacções das massas, sabiam aproveitar-se do terror popular durante os eclipses, e em vez de se submeterem ás circunstancias delas se serviam para o êxito dos seus planos de predomínio. Citam-se alguns exemplos, resumidos da admirável obra divulgadora de Flammarion: «Drusus sufocou uma sedição no seu exército com a predição de um eclipse da Lua; e, segundo Tito Lívio, Sulpícius Gallus, na guerra de Paulo Emílio contra Perseu, lançou mão do mesmo estratagema. Péricles, Agathocle, rei de Siracusa, e Dion, rei da Sicília, estiveram quase a ser vítimas da ignorancia dos seus soldados. Alexandre, junto de Arbelles, viu-se reduzido a empregar toda a sua astucia para acal-

Quando o Sol escurecia durante os eclipses, os Chineses entregavam-se a extravagantes cerimónias, as quais culminavam com o ataque ao monstro que queria devorar o astro

mar o terror que um eclipse lançara no espírito das suas tropas».

O êxito mais espectacular terá sido, contudo, em épocas menos recuadas, o de Cristóvão Colombo, que servindo-se, também, do simples estratagema da predição de um eclipse, pôde concluir com êxito a sua grande aventura ás terras do Novo Mundo.

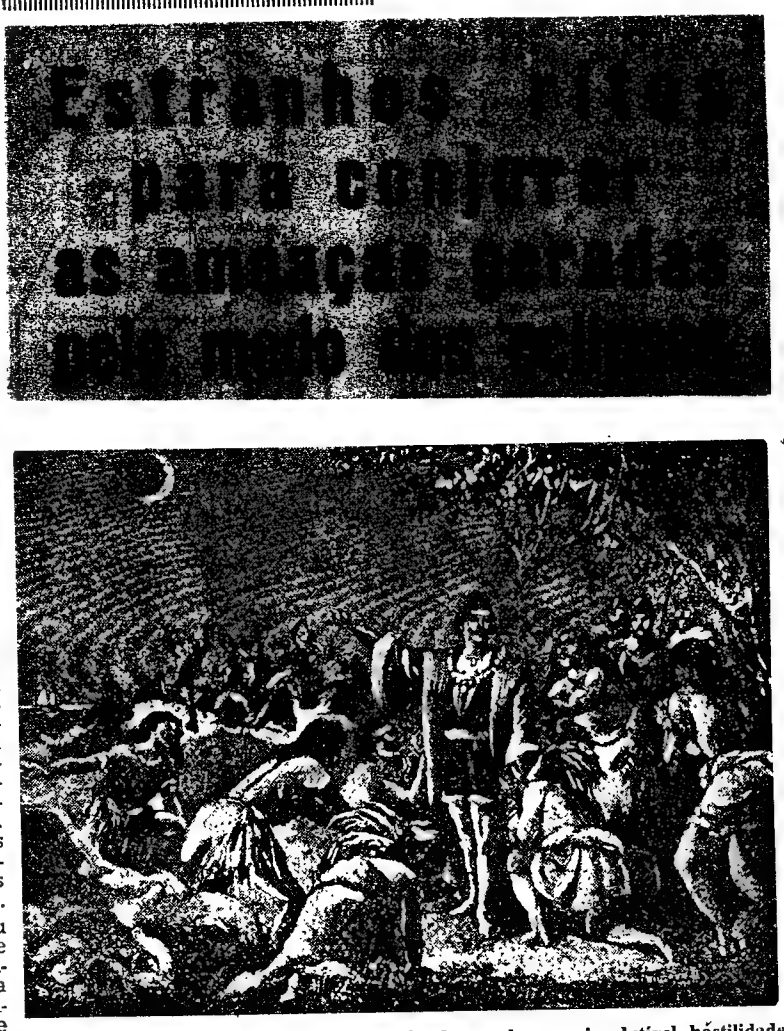
A astúcia de Colombo

Quando o obstinado e fero navegador estava na Jamaica em situação grave, por completa escassez de mantimentos que os Indígenas teimavam em não lhe fornecer, ocorreu esse fenómeno providencial, do qual ele se serviu com grande sagacidade para subjugar o povo insubmisso, elevando-se aos seus olhos como um deus.

Foi um eclipse total da Lua e, segundo a descrição conhecida, consoante o que vem registado na «História dos Eclipses», do astrónomo real britanico George F. Chambers, tanto pode ter sido o de 2 de Abril de 1493 como o de 1 de Março de 1504, ambos totais e ocorridos após o ocaso do Sol. Ligando, porém, os factos á narrativa da vida do descobridor da América, feita por seu filho, parece não haver duvida em que se deve optar pelo ultimo. O episódio famoso é assim contado por «Sir» A. Helps, na sua «Vida de Colombo»:

«Os Indios recusavam-se a continuar a provê-lo de mantimentos e a fome era iminente. Pois precisamente quando se via em tão sérios apuros, o almirante, sempre fértil em expedientes, imaginou um meio de recuperar o ascendente sobre os Indios. Permitiram-lhe os seus conhecimentos astronómicos calcular que, em certa noite, haveria um eclipse da Lua. Poderia supor-se que gente

(Continua na ultima página)



Valendo-se da sua astucia, Cristóvão Colombo quebrou a irredutível hóstilidade dos selvagens da Jamaica, atemorizando-os com a predição de um eclipse da Lua

PARA OS MAIS PEQUENOS

As partidas do urso e do macaco

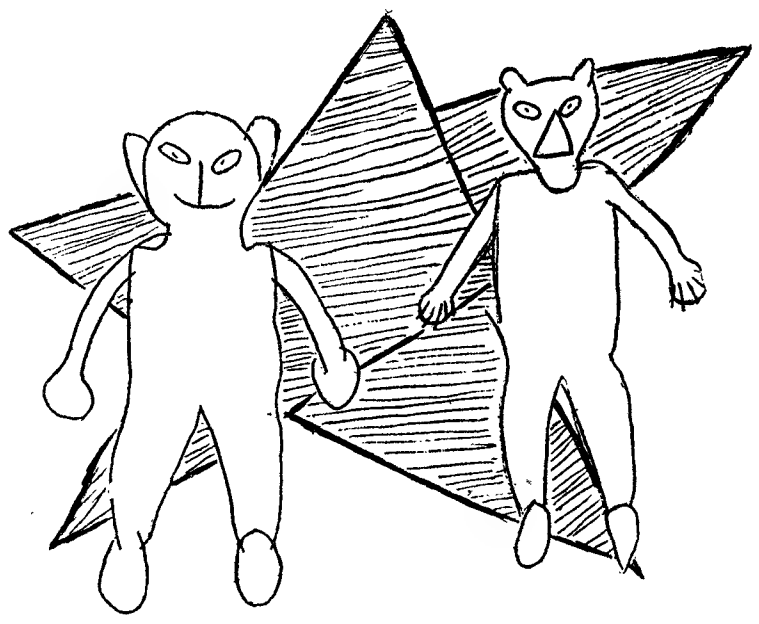
ERA uma vez um urso e um macaco, que eram inimigos e andavam sempre a pregar partidas um ao outro.

Uma das vezes foi porque o urso passou pelo macaco e deitou-lhe a língua de fora e o macaco, arreliado, atirou-lhe com um sapato á cara.

Outra vez, foi o uso que começou a falar como o macaco e, como a voz era diferente, o macaco pensou que ele estava a fingir que sabia falar outras línguas e, então, começou a fazer pouco do urso.

E ainda fizeram muitas mais coisas, até que um dia, em que o chão estava coberto de neve, o urso fez uma bola de neve e atirou-a ao macaco.

Este também queria pregar-lhe uma partida, mas não se lembrava de nenhuma; pensou um bocado e disse de si para si: «Afinal eu já lhe preguei mais partidas do que ele a mim. Estamos pagos».



De repente, surgiu-lhe uma estrela que lhe disse: «Pensas que estás pago mas estás enganado, porque esta ultima partida vale por todas as outras e ainda mais». Dizendo isto desapareceu-lhe.

Passado um bocado em silêncio, o macaco todo contente, bateu com toda a força na testa e disse unicamente: «Já sei o que hei-de fazer».

Foi para um campo e fez uma cova, encheu-a de água, tapou-a com um pano, e cobriu o pano de terra. Escondeu-se atrás do muro para o urso não o ver.

Mas o urso, que o viu a fazer a cova, não passou por cima; o macaco fingiu que estava distraído e que estava a calcar a cova, mas o urso percebeu muito bem.

Nesse mesmo dia ficaram amigos e foram para casa do macaco que era a mais confortável. O pior é que a fala era diferente e não se percebiam!

Mas ali perto morava um urso que sabia falar as duas línguas, e eles pediram-lhe para ele os ensinar.

Desde então puderam brincar, falar, dançar, cantar juntos, etc.

História e desenho de Margarida Moreira Barros
(9 anos)

Brincadeira de números

Pergunta a qualquer pessoa se é capaz de fazer com que 45 menos 45 seja igual a 45. E' claro que essa pessoa responderá negativamente, e então tu fazes o seguinte:

	9	8	7	6	5	4	3	2	1 (a)
—	1	2	3	4	5	6	7	8	9 (b)
	8	6	4	1	9	7	5	3	2 (c)

Depois explicas que:

(a) $9+8+7+6+5+4+3+2+1=45$
(b) $1+2+3+4+5+6+7+8+9=45$
(c) $8+6+4+1+9+7+5+3+2=45$

E assim fica provado que 45 menos 45 é igual a 45.

Vamos construir uma aldeia!

A semana passada demos as indicações necessárias para a construção de uma casa. E claro que os meninos, se quiserem fazer uma aldeia, terão de construir não uma, mas muitas casinhas, umas maiores, outras mais pequenas, para fugir á monotonia.

Vejamos, agora, como se faz a capela.

A figura I mostra-nos como se obtêm as partes laterais do corpo da capela, que tem 16 centímetros de comprimento e 12 centímetros de altura.

A figura II dá-nos os topos do edifício, que tem 6 centímetros de largura. As partes tracejadas são suprimidas. (Estamos dando desenhos para construção em madeira fininha. Utilizando cartolina, é preciso dar margem para as dobras, como ensinámos a semana passada).

Cortadas as quatro partes, dá-se a inclinação ou o corte necessário para o tecto; depois unem-se e colam-se com cola forte ou pregam-se com pregos pequenissimos, conforme se trabalhe com cartolina ou madeira.

Depois faz-se o campanário: temos os lados na figura III, a frente e a traseira na figura IV.

Feito o campanário, assenta-se no telhado, ao qual se cola.

Finalmente, faz-se o cataventa: um «galaró» todo pimpão.

Agora só falta pintar o telhado, a porta, os vitrais e os azulejos — e está a capela pronta.

Na próxima semana, ensinaremos a construir o chafariz.

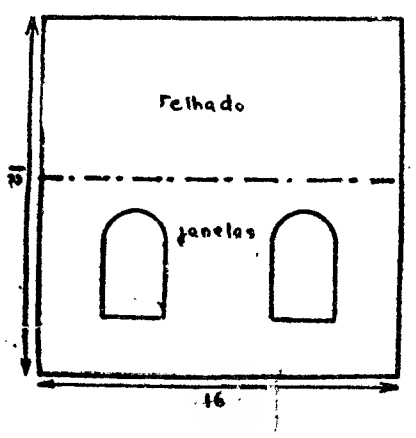


Fig. I

Fig. II

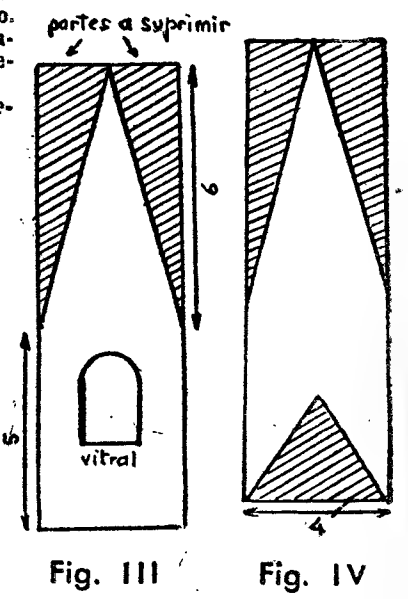


Fig. III

Fig. IV

Aqui entre nós...

(Conversa íntima)

Isabel Maria: — Sabe que sinto um escrupulo enorme em responder-lhe? É que me parece que a minha opinião vai contrariar a de sua mãe. E, quando uma rapariga tem a felicidade de possuir, como diz, uma mãe adorável, jovem e imensamente compreensiva — o que tem a fazer é ouvi-la, tanto mais que ela, melhor do que ninguém, deve conhecer a situação.

Se bem que, muitas vezes, os problemas precisam de ser vistos de fora, para poderem ser totalmente compreendidos. Foi o que a minha amiga procurou, ao escrever-me. Mas, por outro lado, eu só disponho dos elementos que a Isabel Maria me dá: incompletos e quem sabe se deformados pela sua interpretação muito pessoal.

Compreende-me, não é verdade?

Tenho realmente receio de não saber aconselhá-la. E, no entanto, ao ler a sua carta, julgo ver claramente duas personalidades bem definidas — e opostas! A minha amiga, cheia de vivacidade, alegre, confiante, amorosa, ambicionando viver plenamente a vida e o amor correspondido, numa ambição legítima e sádia de realização completa. E «ele» parado, sem iniciativa, sem entusiasmos, incapaz de lutar por um ideal, todo entregue ao seu comodismo e aos seus problemas, por vezes existentes apenas na sua imaginação. Estarei a ser injusta?

Minha querida, um homem e uma mulher com personalidades tão diferentes podem ser felicíssimos se os ligar um grande amor, se prevalecerem as condições que cada um considere essenciais, se houver muita compreensão, e a maleabilidade bastante para aceitarem as contrariedades inevitáveis, provenientes dessa mesma diferença de carácteres. Isso pode acontecer.

Mas, o mais natural, é o homem permanecer tal como é; e então, ou a mulher renuncia ás suas aspirações e preferências, adapta-se alegremente, totalmente, ao tipo de vida escolhido pelo marido e ao seu feitio — e a felicidade ainda é possível; ou a mulher não é capaz de aceitar uma existência tão outra da que sonhou e, mais cedo ou mais tarde, abre-se entre os dois o afastamento que nada poderá remediar.

Penso que a Isabel Maria tem de encarar corajosamente o grande problema que se lhe põe. A verdade é que o seu noivo não corresponde ao que dele esperava. Porquê? Responda em consciência a esta pergunta, e saberá o que deve fazer.

Será a minha amiga um bocadinho futil e exigente? Ou é ele um doente psíquico?

Inclino-me para a segunda hipótese. Não é natural que, por um desgosto da ordem que menciona — sem duvida muito grande! — um rapaz interrompa o seu curso.

Existe entre vocês uma atracção física, de certeza, e por isso as complicações desaparecem quando se encontram em presença um do outro. Mas, onde está aquela comunhão de ideais, o bom entendimento no plano espiritual ou perante as realidades da vida, que devem existir entre marido e mulher? Só o amor físico é muito pouco!

Por outro lado, porque «o ofende» sua mãe?

Como vê, minha amiga, eu não posso ajudá-la. Peço-lhe que não descubra nas minhas palavras uma orientação, mas tão sómente o desejo de a levar a ver o seu problema sob vários angulos. E se a minha amizade a pode servir, se quiser abrir-se um pouco mais, dar-me novos elementos — volte a escrever-me, porque encontrará um coração capaz de a acompanhar nos seus sonhos, nas suas alegrias e tristezas.

TELMA

Disco da semana

Los DELTAS!

- **Arrebita, arrebita, arrebita**
- **Minoca**
- **Estoril, «Costa do Sol»**
- **Regresso.**

Estão ainda entre nós os endiabrados Deltas, esses quatro esplendidos músicos espanhois, de Barcelona que tantos êxitos têm obtido nas suas actuações tanto no Casino do Estoril como noutras «boites» de primeira classe. Verdadeira expressão de música ligeira moderna as criações do quarteto Los Deltas bem merecem estar presentes nas boas discotecas dos apreciadores.

Uma edição dos
Est. Valentim de Carvalho, Ld.ª
R. Nova do Almada

PARA BEM DA SAUDE

a cargo do dr. Mário Ceia

As vacinas — armas valiosas no combate à doença

É hábito do grande publico desconfiar das vacinas, não só porque fácilmente se habitua a generalizações excessivas mas também porque o perturbam e confundem certos «atestados de favor», certas polémicas entre peritos, certas estatísticas erradas e, sobretudo, o facto de se poder evitar uma doença antes de ela aparecer «palpávelmente»... Ora ver o problema sob este prisma é falso e pior, é perigoso!

Na verdade, as vacinas são das armas mais valiosas no actual arsenal terapêutico, tão valiosas que centenas de investigadores, em todas as partes do Mundo, ainda procuram vacinas que possam imunizar as pessoas contra doenças actualmente incuráveis ou sem tratamento específico. Ainda é mais: entre as vacinas já utilizadas pelos médicos, as vacinas contra a varíola, a difteria, o tétano, a raiva, a paralisia infantil protegem o indivíduo contra doenças que, uma vez declaradas, *não têm um tratamento verdadeiramente curativo.* As vacinas contra a tuberculose, a febre tifoide e o tifo exantemático imunizam contra doenças que, uma vez o indivíduo atacado, podem provocar um desfecho fatal.

É tanto mais difícil compreender a oposição contra as vacinas, se salientarmos que estas são uma técnica de profilaxia que reproduz, com mais precauções e menos perigos, o trabalho da Natureza. Toda a gente sabe que a varíola, a tosse convulsa ou o sarampo não podem ser contraídos duas vezes por um mesmo indivíduo. Trata-se de um fenómeno de *imunidade adquirida,* já conhecido há milhares de anos. Nas afecções benignas, sem complicações graves, como o sarampo, a varicela, a papeira, a imunidade adquire-se «tendo a doença» e isto porque ela foi «pegada» por contacto com outra pessoa contaminada. E' aconselhável até a um rapaz «ter papeira» antes da puberdade (depois dessa fase da vida pode provocar esterilidade) e a uma rapariga «ter sarampo» antes do casamento (o sarampo numa mulher grávida pode causar graves anormalidades do futuro ser).

A primeira vacina utilizada em Medicina foi a *antivariólica,* descoberta pelo médico inglês Jenner em 1796. A varíola (as autênticas «bexigas») é uma afecção grave que não deve confundir-se com a varicela (as «bexigas doidas»), doença infecciosa benigna.

A seguir a Jenner, um dos grandes cientistas que mais contribuiu para o enorme progresso das vacinas foi Pasteur. A maior parte das vacinas é constituida por germes vivos seleccionados ou «enfraquecidos» que, uma vez inoculados no nosso organismo, fazem com que este elabore substancias de defesa designadas por *anticorpos.* Fica assim protegido para um futuro ataque pelos mesmos micróbios ou virus que, de certo modo, invadiriam o corpo inerme, provocando-lhe a doença.

Em certas vacinas ainda não está bem elucidado o mecanismo que conduz á imunidade, mas os resultados são tão bons e tantas vidas se salvam que os médicos preferem deixar as explicações científicas para o fim. Por exemplo, ainda não está bem elucidado o modo de acção da vacina contra a varíola; no entanto, em 1870, quando a França não tinha vacinação obrigatória, houve 24 000 mortes por varíola (!); em 1914, após 12 anos de obrigatoriedade da vacinação, registaram-se quatro casos mortais. A vacina contra a varíola deve ser feita, pelo menos três vezes: aos 12 meses, aos 11 e aos 14 anos, conferindo imunidade contra a doença, regra geral, 14 dias depois da inoculação. Em muitos países os intervalos entre as revacinações são mais curtas (5-7 anos), o que não tem qualquer inconveniente e dá maior segurança.

As *vacinas antitetanica, antidiftérica e antitosse convulsa* são frequentemente administradas ao mesmo tempo, em três injecções intervaladas. A vacina contra a tosse convulsa é constituida pelos próprios micróbios que provocam a doença, mas as vacinas contra o tétano e a difteria são compostas por «anatoxinas» ou «toxoides» isto é, pelas toxinas fabricadas pelos germes e depois destruidas radicalmente por processos quimicos complexos. Em todos os pontos do Globo onde a vacina antidiftérica é aplicada, a difteria deixou de ser o terror das famílias. Actualmente, em Nova York, Londres e Copenhague, a mortalidade por difteria é nula ou quase nula, quando, por exemplo, em 1920 nos Estados Unidos se registavam ainda 15 000 mortes anuais. O tétano é ainda um grande perigo, pois o bacilo tetanico (ou melhor os seus esporos) encontra-se disseminado pela natureza. Os esporos do tétano resistem a muitos processos «desinfectantes» e são capazes de conservar a sua agressividade durante dezenas de anos. Uma ferida, mesmo uma simples picada com uma agulha (e tanto faz que seja ferrugenta como nova...) pode constituir a porta de entrada para o temível micróbio. Não se compreende pois que, com este inimigo potencial á nossa volta, tantas crianças e tantos adultos não estejam vacinados contra o tétano. Em relação á tosse convulsa, todos sabem como esta afecção pode ser grave e até fatal, particularmente nas crianças de tenra idade. Pois ainda há muito pai que hesita, apesar de o médico o informar de que existem já vacinas protegendo simultaneamente contra a difteria, o tétano e a tosse convulsa!

A vacina «biliar Calmette-Guérin», mais conhecida pela designação de *B. C. G.,* é actualmente o melhor meio de evitar o desenvolvimento de uma tuberculose na criança. Aplicada com êxito em todo o Mundo, permite salvar anualmente milhões de indivíduos. As campanhas tendenciosas contra o *B. C. G.* calaram-se já perante o enorme peso das estatísticas publicadas há pouco pela Organização Mundial de Saude: nos diferentes países da Europa, em cada 100 indivíduos vacinados pelo *B. C. G.,* 98 ficam imunes á tuberculose e essa protecção persiste na grande maioria durante, pelo menos 7 anos. Por outro lado, o *B. C. G.* não faz correr o risco de tuberculose evolutiva e as reacções á vacina (apenas 3 em cada 1000 casos) são simplesmen-

(Continua na 9.ª página)

Um médico português que convém recordar

Comemorou-se há pouco o centenário do nascimento de um médico ilustre, o Professor Maximiano Lemos, patrono da Historiologia Médica Portuguesa Nascido em 8 de Agosto de 1860 na Régua, formou-se em Medicina no Porto e foi professor catedrático de «História, Filosofia Médica e Ética Profissional» na Escola Médica daquela cidade. Maximiano Lemos despendeu parte da sua vida escrevendo obras notáveis sobre médicos portugueses do passado (Abraão Zacuto, Amato Lusitano, Ribeiro Sanches, Julio Dinis, etc.) e o seu trabalho «História da Medicina em Portugal» é considerado por muitos cientistas como a melhor obra portuguesa sobre o tema.

É nosso desejo realçar perante o grande publico o valor dos médicos portugueses e, sempre que possível, dar-lhe a conhecer as suas descobertas científicas e obras de projecção internacional, já que não queremos enfermar do vício de só valorizar o que «vem lá de fora». Por isso, muito nos apraz regisfar as comemorações do centenário de um médico português tão distinto, principalmente as que se realizaram na Régua, no Porto e no Rio de Janeiro. Nesta ultima cidade, o nome e a obra de Maximiano Lemos são bem conhecidos, apreciados e venerados e é precisamente um médico brasileiro, o prof. Ivolino de Vasconcellos que considera Maximiano Lemos o «Patrono da Historiologia Médica Portuguesa».

Pode-se ser vegetariano?

Calcula-se que para manter constante a quantidade de proteínas do organismo de um homem adulto de 60 quilos, são necessários por dia 60 a 90 gramas de proteínas alimentares. Este valor corresponde teóricamente a:

300-450 gramas de carne de vaca; ou a 1,6 litros de leite completo; ou a 800-1300 gramas de pão integral; ou a 300-400 gramas de legumes secos.

A' primeira vista parecería que não é forçoso comer carne para ter a sua ração quotidiana de proteínas. Um regime vegetariano bastaria. Na realidade, tais numeros teóricos escondem elementos qualitativos muito diferentes. A eficácia proteica — isto é, a percentagem de proteínas utilizadas pelo organismo — é dada pela riqueza em aminoácidos essenciais e pela sua judiciosa harmonia nos alimentos proteicos. Basta a ausência de um aminoácido essencial para que um alimento (apesar de rico em todos os outros aminoácidos), perca o seu valor. Por isso, convém hierarquizar os alimentos em função da sua faculdade para compensar as perdas proteicas do organismo. Nesta classificação de eficiência, o ovo vem em primeiro lugar, seguido da carne, do leite, da soja cozida, etc. A farinha branca situa-se nos ultimos postos, como as diferentes leguminosas. Uma alimentação sem carne é pois, incompleta e, para assegurar um «abastecimento proteico» válido, convém recorrer ás várias fontes de proteínas, sem excluir nenhuma.

Para o homem adulto, a ementa quotidiano deve, se possível, incluir:

— 100 a 150 gramas de carne ou de peixe, ou 2 ovos;

— 250 gramas de leite ou 30 a 40 gramas de queijo;

— 250 gramas de pão, massas ou legumes secos.

As frutas e os legumes frescos são muito pobres em proteínas.

DUAS GUERRAS LATENTES nos meandros da O. N. U. por causa dos nomes e das bandeiras de vários países

Confusões resultantes da semelhança de nomes e de bandeiras de vários países têm provocado litígios que transitaram para a barafunda internacional da O. N. U. e ali mais se complicam, tornando-se em verdadeiras guerras os despiques entre os litigantes, pois cada um deles reivindica iguais direitos, querendo impor a sua vontade ao antagonista.

Corre, por exemplo, os variados tramites jurídicos e burocráticos da complicada Organização das N. Unidas, sem perspectiva de solução aceitável para os países nela envolvidos, uma acrimoniosa questão entre os dois Congos, que adoptaram o mesmo nome, reconhecido internacionalmente: Republica do Congo (ex-Francês) e Republica do Congo (ex-Belga). Nenhum deles quer aceder em ser crismado, de nada valendo as razões, incluindo a prioridade, que, por parte de um, possa valer sobre o outro, pois o antagonista em ultima análise, argumenta com a validade indiscutível dos seus direitos soberanos.

*

Outro problema semelhante, mais complexo pelas dificuldades que pode ocasionar, com as imprevisíveis consequências resultantes de confusas situações casuais, é o das bandeiras coincidentes.

O Mónaco e a Indonésia identificam-se por um pavilhão nacional que é exactamente o mesmo: faixas horizontais, vermelhas e brancas, com o vermelho em cima. Os direitos do Principado de Mónaco fundamentam-se nos três séculos de tradição do seu estandarte — e tornam-se indiscutíveis. Mas como impô-los á Republica da Indonésia, para forçá-la a modificar a sua bandeira?

Agrava-se a questão pelo facto de a bandeira da Polónia ostentar na mesma disposição faixas daquelas cores, apenas com a variante de a cor branca estar por cima da vermelha. Este caso assume maior acuidade do que a coincidência e a renitente e inalterável intransigência entre o Mónaco e a Indonésia, pois, sendo aquela bandeira invertida, o sinal de perigo (S. O. S.) convencionalmente adoptado em todo o Mundo, torna-se para um navio de Mónaco no pavilhão da Polónia e vice-versa.

Como a O. N. U., pelos seus meios actuais, é impotente para apaziguar estes conflitos, prepara-se para as costumadas soluções aleatórias, enredando-os na engrenagem burocrática, com planos, projectos, relatórios de comissões e as infindáveis demoras nas conclusões para um trabalho construtivo. Assim, está em estudo a criação de mais um organismo internacional para o registo de novas bandeiras, incluindo a de Mónaco e de outros países não filiados na O. N. U. — que passa a ter assim mais uma repetição, semelhante áquelas onde se legalizam marcas e patentes.

Mais isto e mais aquilo...

Em Northfield (Nova Jersey — E. U.) uma pequenita de três anos, Eileen Bengal, teve de ser retirada a muito custo do alto de um poste aonde conseguiu subir, não se sabe como, para, como ela disse, estar mais perto da Lua...

● *O vencedor da Maratona, nos Jogos Olímpicos de Roma, o etíope Abebe Bikila, que pertencia á guarda do imperador Hailé Selassié, desapareceu durante a revolução na Etiópia, que o aclamará herói nacional, após o seu retumbante triunfo olímpico. O treinador de Bikila, o sueco Hiskanen, foi quem deu a notícia, ao chegar a Estocolmo, no regresso de Addis Abeba.*

● Aconteceu na cidade brasileira do Recife que certo marido enganado, surpreendendo a mulher em flagrante infidelidade, alvejou a tiro, e atingiu-o num calcanhar, o sedutor, que se chama Aquiles. O nome dela é Fidelíssima...

● *Os pés dos Alemães têm aumentado de comprimento, segundo descobriu um fabricante de calçado. A medida de 52, que antigamente era excepcional, tornou-se agora vulgar.*

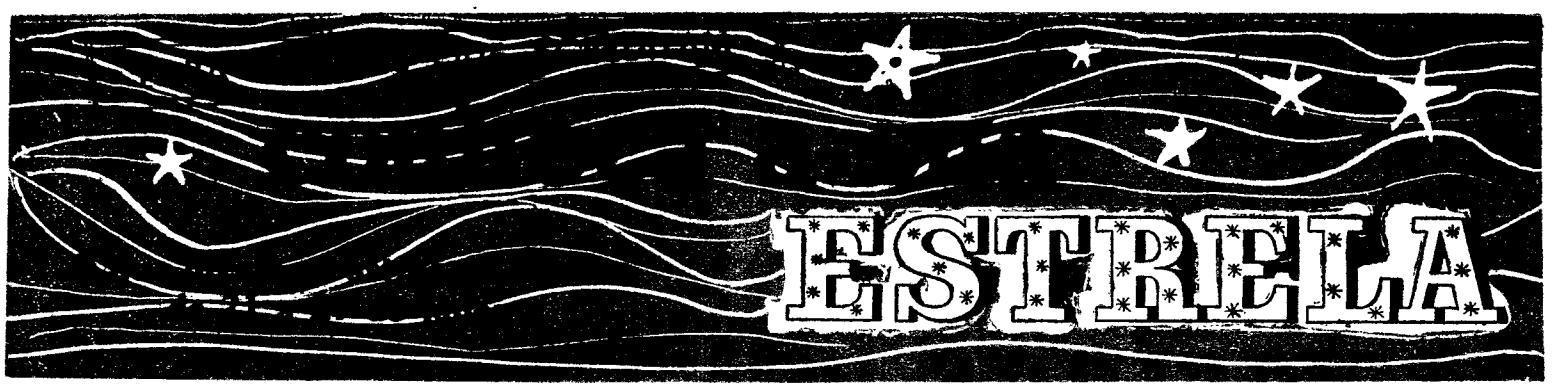
● Ao completar, recentemente, 62 anos, o famoso escritor norte-americano Ernest Hemingway recordou alguns pormenores da sua agitada existência: — «Sou milionário, graças á minha pena; tenho 16 cães, 52 gatos, 230 estilhaços de granadas no corpo, uma rótula de platina e uma calote de alumínio na cabeça. As três ultimas coisas são, evidentemente, lembranças de guerras».

● *A Divisão do Cerimonial do Itamarati solicitou um crédito especial de quarenta e cinco milhões de cruzeiros destinados ás cerimónias por ocasião da posse do presidente Janio Quadros. Há ainda outro crédito suplementar de quinze milhões para as solenidades oficiais.*

● **Os ruivos têm, em média, 30 000 cabelos na cabeça, os morenos, 105 000 e os loiros, de 140 000 a 160 000. No entanto, os ruivos, menos cabeludos, não são tão atreitos á calvície como os restantes.**

● *No regresso das Canárias a São Paulo (Brasil), o escultor Bruno Giorgi incentivou uma campanha para a aquisição da casa, em Tenerife, onde nasceu o padre José de Anchieta, missionário jesuita, que estudou em Coimbra e fundou, em 1533, o Hospital da Misericórdia no Rio de Janeiro*

● **Furioso, ao ter descoberto a origem de um incêndio motivado por incompreensível negligência, o chefe da corporação dos bombeiros de Phoenix (Arizona — E. U.), fez a seguinte referência no seu relatório: «Causa do fogo: homem á procura de uma fuga de gás com um fósforo aceso. Encontrou mesmo a fuga!»...**



Influência astral

A Astrologia tem por objectivo estabelecer a correspondência entre o movimento celeste e os acontecimentos terrestres pela experiência de milhares de anos. Há quem não acredite na influência dos astros sobre nós, mas esses não podem negar que vivemos num planeta onde não se pode menosprezar a influência do Sol e da Lua, pelo menos, sobre certos fenómenos terrestres. Integrados desde que nascemos no movimento planetário, não damos conta de que a Terra por si se move e que há outros planetas mais poderosos do que o nosso, não falando dos que ainda não conhecemos. O Sol que nos envia o calor não é igual durante todo o dia nem durante as quatro estações do ano. A vitalidade das pessoas também varia conforme o influxo que recebem do Sol quando este está no apogeu, no signo do Leão, ou em declinio, no signo do Aquário.

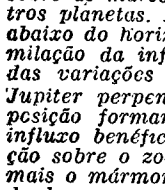
Na Primavera, a Natureza acorda para um surto de criação. No Outono, recolhe-se, exausta, no sono do repouso. As variações periódicas da influência dos astros fazem-se sentir nas pessoas, que têm temperamentos diferentes se nascem na Primavera ou no Outono. Por isso, os efeitos são umas vezes benéficos e outras maléficos. Ponhamos o exemplo da influência de Saturno, que é maior do que a Terra novecentas vezes. O seu influxo é frio e seco, dá o temperamento térreo-melancólico em oposição ao influxo do Sol, que nos concede a vida e o calor. Dizem os astrólogos que ele é inimigo da natureza humana por ser destruidor. Os antigos antropomorfizavam os deuses. A divinização personificada pela mitologia grega povoava o céu de personagens fabulosas, boas e más conforme a teogonia pagã. Hoje ninguém pensará que o velho Saturno de foice na mão será mais do que um símbolo que representa o Tempo, que tudo devora, como se fosse ceifado.

Assim, os aspectos planetários são bons ou maus segundo a luz que recebemos deles, despojados de todas as fantasias mitológicas. Se os nossos sentidos só dão conta da influência do Sol pelo calor que recebemos dele e da Lua pela influência que exerce sobre as marés, não há razão para duvidar da influência dos outros planetas. Ela não é a mesma quando o astro está acima ou abaixo do horizonte, a Norte ou a Sul, a Leste ou a Oeste. A assimilação da influência astral no campo electro-magnético depende das variações das distancias na linha do zodíaco. Suponhamos Jupiter perpendicular á Terra e Marte a 90° de distancia. Essa posição formará uma quadratura maléfica porque intercepta o influxo benéfico de Jupiter no campo electro-magnético da vibração sobre o zodíaco. Da mesma maneira que a luz da Lua corrói mais o mármore do que a do próprio Sol. Não é pela intensidade da luz que essa influência se exerce, mas pelas vibrações que provoca o aspecto de dois planetas tendo a mesma longitude. Os influxos chocam simultaneamente o mesmo ponto do zodíaco.

A Humanidade comporta-se como um posto receptor de T. S. F. recebendo as radiações celestes e reagindo conforme a sua capacidade. A pessoa nasce com a sua tonalidade e durante toda a vida vibrará á mesma configuração astral, e a reacção produzir-se-á nos mesmos aspectos benéficos ou maléficos. Por isso é de toda a conveniência que cada um conheça o seu ascendente, que corresponde ao ponto do zodíaco onde está o Sol quando nasce uma pessoa. Imagine-se um arco-iris no horizonte: a Leste será sempre onde nasce o Sol; ao meio dia o Sol está no zenite, á tarde no ocidente e á meia-noite no nadir ou fundo do céu.

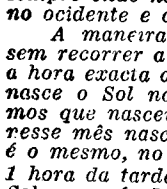
A maneira mais aproximada de conhecer o seu ascendente sem recorrer a cálculos matemáticos, consiste em, depois de saber a hora exacta a que nasceu, procurar num almanaque a que horas nasce o Sol no mês do seu nascimento. Um exemplo: suponhamos que nasceu a 7 de Junho, ás 4 horas da manhã. Como o Sol nesse mês nasce á mesma hora, não há dificuldade: o ascendente é o mesmo, no signo dos Gémeos. Mas se nasceu a 1 de Agosto, á 1 hora da tarde, o ascendente já é diferente. No mês de Agosto o Sol nasce ás 5 horas e 37 minutos da manhã. Até á hora em que nasceu há um intervalo de 8 horas menos 37 segundos. Nesse mês anda o Sol no signo do Leão. Terá de contar a partir do Leão em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio duas horas para cada signo, ou seja Leão, Virgem, Balança, Escorpião. É, portanto, este ultimo signo, o do Escorpião, que será o do seu ascendente. Ele é que marca a formação do corpo, do carácter e do destino de cada um. As casas contam-se a partir do ascendente, que é a casa I. Só assim poderá guiar-se pela Astrologia científica, que tão desacreditada anda pelas mãos dos charlatães.

Carneiro *(De 21 de Março a 20 de Abril)*



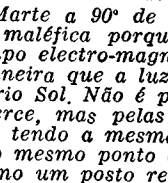
Com a mudança de Lua, deve sentir-se impaciente. A Lua Nova dar-lhe-á um certo nervosismo prejudicial, mas passageiro. Pode beneficiar com a modificação dos projectos, procurar novas iniciativas, reflectindo com ponderação e diplomacia. A situação profissional tende a melhorar com as relações favorecidas pela corrente de simpatia que lhe dará facilidades. Vida sentimental propícia ao casamento e à popularidade, se é artista. Saúde boa. Dia desfaforável: 24.

Touro *(De 21 de Abril a 21 de Maio)*



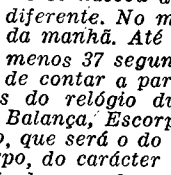
Vénus, que rege este signo, facilita as relações mundanas, a realização das esperanças, dos desejos, todas as manifestações entre amigos. A sedução natural das Venusianas deste signo terá ocasião de fazer valer todos os seus encantos. A prudência aconselha-se a todas as pessoas que tenham de se deslocar em automóvel. As viagens não são propícias neste período. Não provocar disputas nem desacordo com os colegas. Saude com mudança para melhor. Dia desfavorável: 21.

Gémeos *(De 22 de Maio a 21 de Junho)*



A mudança da Lua na casa VIII não é das melhores coisas para a saúde. Desvitaliza as pessoas deste signo, que têm mais resistência nervosa que física. Contudo, esta posição confere uma mentalidade de concentração profunda para trabalhos intelectuais. Por consequência, deve fazer valer a sua vida profissional tirando proveito das suas capacidades. As especulações são perigosas neste período. A sorte é instável, sujeita a flutuações, mas os contactos são favoráveis á vida social. Evite todos os excessos. O nervosismo é intenso. Dia desfavorável: 21.

Caranguejo *(De 22 de Junho a 23 de Julho)*



A Lua Nova na casa VII promete uma arbitragem desfavorável de pessoas idosas; falta aos compromissos nas associações comerciais; hostilidades e litígios com gente das finanças. No plano sentimental poderá concluir alianças e contratos de casamento. Alguns aborrecimentos por causa de documentos e especulações. Terá de corrigir alguns erros de táctica e formar novas bases mais sólidas nas futuras iniciativas. Dia desfavorável: 24.

Leão *(De 24 de Julho a 23 de Agosto)*

Algumas modificações que possa introduzir nas condições de trabalho, nas actividades lucrativas, dar-lhe-ão proveito mais tarde. Os planos concretos serão favorecidos nas transacções pela entrada de Mercúrio na casa VII. Por agora, as actividades são irregulares. Combata a depressão moral e a tristeza, que o tornam inferior. Complicações causadas por servidores. Aborrecimentos por sujeito do sexo feminino ou associado. Saúde irregular, com alternativas. Dias desfavoráveis: 21 e 22.

Virgem *(De 24 de Agosto a 23 de Setembro)*

Com a entrada de Mercurio, que rege este signo, no Aquário, a mentalidade é favorecida para altos estudos intelectuais. Poderá ser elevado a cargos importantes inesperadamente. Numerosas ligações ou amizades formar-se-ão para relações intelectuais. Especulações e deslocação relativas á gestação de negócios e empreendimentos. Mudança possível de opinião ou sentimentos. Vénus na casa VII dá uma união sentimental perfeita. Casamento feliz. Perigo de fadiga mental. Dias desfavoráveis: 21 e 24.

Balança *(De 24 de Setembro a 23 de Outubro)*

Com a Lua Nova na casa IV deve haver grande evolução na sua vida profissional e familiar. As operações imobiliárias serão favoráveis. Poderá realizar as suas esperanças, aumentar o prestígio profissional. Negócios vantajosos nos artigos de modas e de luxo. Vida sentimental instável; casamento precipitado; vontade impulsiva que pode trazer desgostos de amor. Amores clandestinos, que acarretam separação ou abandono. Saude boa, com poder de recuperação. Dias desfavoráveis: 21 e 23.

Escorpião *(De 24 de Outubro a 22 de Novembro)*

Antes de mais nada, combata a indolência mental, a falta de escrúpulos de consciência, torne-se prudente e reflectido. Não faltarão calúnias e má língua á sua volta. O liberalismo só lhe pode trazer vantagens e consideração. Viagens importantes favoráveis aos negócios. Êxito e ascendente sobre colegas. Vida sentimental propícia ao casamento com a condição de ser realista. Saúde boa. Dinamismo e energia. Dias desfavoráveis: 22 e 24.

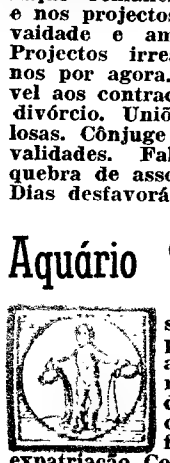
Sagitário *(De 23 de Novembro a 21 de Dezembro)*

A Lua Nova na casa II dá sempre instabilidade financeira, complicações e mudanças em matéria de lucros ou proventos. Transacções complicadas. Vida comercial activa. Numerosas deslocações e correspondência importante; ajudas financeiras, mas despesas exageradas por excessivo luxo. Perigo de morte para o cônjuge ou associado. Gosto requintado das coisas de arte. Arrogancia e orgulho demasiado. Pequena herança de bens imóveis. Saúde estacionária. Dias desfavoráveis: 24 e 26.

Capricórnio *(De 22 de Dez. a 20 de Janeiro)*

Com a Lua Nova no ascendente, a vida torna-se agitada. Mudanças frequentes de opiniões, de sentimentos e de situação. Grande lunatismo ou imaginação romanesca nas esperanças e nos projectos. Inclinação para a vaidade e amor das grandezas. Projectos irrealizáveis, pelo menos por agora. Período desfavorável aos contractos de casamento e divórcio. Uniões ilegais escandalosas. Cônjuge violento e com rivalidades. Falta de promessas, quebra de associações. Saude boa. Dias desfavoráveis: 24 e 26.

Aquário *(De 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)*



As viagens são desaconselhadas neste período. Inimigos anónimos procuram minar a reputação do nativo. Complicações várias no lar familiar. Perigo de expatriação. Com a entrada de Mercurio no ascendente, as actividades mentais e artísticas serão beneficiadas pelos aspectos astrais. Ganhos e lucros vindos da industria de modas, luxo, artes e prazeres. Actividade intelectual. «Entente» conjugal perfeita. A resistência física é boa, mas não fatigue os nervos. Dias desfavoráveis: 21 e 26.

Peixes *(De 20 de Fevereiro a 20 de Março)*

Vénus em exaltação neste signo concorre para a ternura, para a afinação dos sentidos, torna as relações amáveis, favorece o ambiente com o entendimento necessário para as pessoas se compreenderem e amarem, mesmo as mais exigentes. Vida social desafrontada; amizades proveitosas. Elevação de situação; ajudas financeiras por meio de relações. Bom casamento. Negócios importantes de luxo e prazeres. Saude com alternativas de entusiasmo e depressões psíquicas. Combata a obesidade. Dias desfavoráveis: 22 e 26.

Treze anos

de matrimónio...

Em 20 de Novembro de 1947 aconteceu um dos mais célebres casamentos desta era: o de Isabel de Inglaterra com o príncipe Filipe da Grécia.

Isabel Alexandra Mary nasceu em 21 de Abril de 1926, filha do rei Jorge VI e da rainha Isabel, sucedeu a seu pai em 6 de Fevereiro de 1952 e foi coroada como Isabel II em 2 de Junho de 1953.

Filipe da Grécia — Filipe de Mountbatten — nasceu em 10 de Junho de 1921, filho do príncipe Andrés e da princesa Alice, foi nomeado duque de Edimburgo, conde de Merioneth e barão de Greenwich no mesmo dia da boda real.

Carlos Filipe Artur Jorge, duque da Cornualha, foi o primeiro filho do matrimónio e nasceu em 14 de Novembro de 1948.

Em 26 de Julho de 1958, confirmando-se a sua qualidade de herdeiro da coroa britanica, foi proclamado príncipe de Gales.

O outro filho varão é André Alberto Cristian Eduardo, duque de York, e nasceu em 19 de Fevereiro de 1960.

O título da rainha Isabel no Reino Unido e nas colónias britanicas é o seguinte: «Isabel II pela graça de Deus, do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, de outras possessões e territórios, rainha, cabeça do Commonwealth. Defensora da Fé».

Coisas novas na ciência e na técnica

SONDAGENS recentes com o emprego da mais moderna aparelhagem confirmam as revelações dos astrónomos do Observatório Lowell, no Arizona (E. U.), segundo as quais o brilho do Sol aumentou, em cinco anos, de dois por cento, a que corresponde um aumento proporcional de calor.

■

Vários países, em especial a América, estão a importar da Russia, por via aérea, em larga escala, abelhas, as quais dão um rendimento superior ás que são criadas nas paragens ocidentais. Além disso, são desprovidas de ferrão, em resultado de modernos processos selectivos e de aperfeiçoamento. E' um grande benefício, tanto para os apicultores como para as abelhas, as quais, como se sabe, quando picam morrem, pois têm de largar o ferrão.

■

As pesquisas petrolíferas na região brasileira de São Salvador tiveram o melhor êxito. Quando a perfuração do poço «Madre de Deus» atingiu a profundidade de novecentos metros, o petróleo jorrou abundantemente. A pressão estática do gás no fundo do poço, estando as válvulas fechadas, é de 1600 libras. A perfuração continua e os técnicos mostram-se muito optimistas.

■

Após longos estudos e ensaios práticos, o Instituto Bulgaro de Investigações Neurológicas e Psiquiátricas, em Sofia, estabeleceu a eficiência da droga antituberculosa «Inha-17» na cura da doença de Parkinson. Acrescenta que este medicamento associado a outro produto bulgaro, o «Bellapan», dá melhores resultados do que quando aplicados separadamente. O novo produto está a ser fornecido a todos os hospitais da Bulgária.

■

Um técnico norte-americano, investigador de acidentes, da Associação de Pilotos Aéreos, o capitão MacDonald, formulou a hipótese de ter sido a interferência de um aparelho de rádio «transistor», conduzido por um dos passageiros, que provocou o desvio do seu rumo do avião a jacto da «United Airlines», o qual chocou com outro sobre Nova York, resultando do desastre mais de cem mortos.

■

O médico especialista austríaco, dr. Edmund Bergler, explica a origem da acentuada depressão mental que sobrevem nas mulheres quando dão á luz sob os efeitos de anestésicos ou de qualquer sistema de parto sem dor. Nesses casos — diz o cientista — a parturiente mobilizou, antecipadamente, grande quantidade de energia psíquica para afrontar a «crise». Como esta passa quase imperceptível, aquela energia acumulada provoca depois as perturbações psíquicas.

■

As autoridades que superintendem no transito em Brasília preparam um plano para submeter a exames psicotécnicos, segundo os processos mais aperfeiçoados e eficientes, todos os motoristas profissionais, em especial os que trabalham com veículos de transporte colectivo. Trata-se de garantir maior segurança aos peões e a melhor ordenação do transito na nova capital do Brasil.

■

Nos Estados Unidos da América do Norte foram montados, em Outubro ultimo, 617 816 automóveis, correspondendo esse numero a um aumento de 22 por cento do total atingido no mesmo mês do ano anterior. Supõe-se que, nos meses seguintes, a quantidade de novos veículos tenha aumentado mais sensivelmente.

A época de Carlos II
na Exposiçao de Inverno
na Royal Academy, de Londres

por ALEC CLIFTON-TAYLOR

Carlos II foi rei de Inglaterra de 1660 a 1685. Preguiçoso, egoista, destituido de escrupulos, licencioso, de forma alguma foi um bom rei. Como monarca, o melhor que se pode dizer a seu respeito, é que foi mais bem sucedido do que seu pai, Carlos I, executado em 1649, e seu irmão Jaime II, cuja tentativa de despotismo terminou em 1688 com uma fuga inglória. Como homem, o rei Carlos II foi o de aspecto mais simpático da dinastia Stuart, e gozava de popularidade em algumas esferas. Teve a sorte de reinar após uma fase de severo e tacanho puritanismo na era do «Commonwealth», com a qual a sua alegria e amor do prazer formavam um agradável contraste. Todavia, ao contrário de seu pai, pouco interesse revelou pela arte.

Na exposição intitulada «A Epoca de Carlos II», recentemente inaugurada na Real Academia de Arte, de Londres, e que permanecerá diáriamente patente ao publico até 26 de Fevereiro de 1961, não muitas das obras expostas eram, portanto, produto do mecenato real. Trata-se, todavia, de um grande certame que ocupa dez galerias e oferece um quadro esplêndido de uma época histórica, uma época caracterizada por abundante vitalidade a muitíssimos respeitos.

A arte mais importante no reinado de Carlos II encontra-se necessàriamente ausente deste certame: a arquitectura. Foi na sua época que virtualmente toda a cidade de Londres teve de ser reconstruida, depois do pavoroso incêndio de 1666, uma crise em que Sir Christopher Wren teve um lugar de destaque na reconstrução, pois restam ainda edifícios construidos por ele, sobretudo igrejas, agrupadas em torno da sua grande catedral de S. Paulo. A posteridade tem motivos para estar grata ao rei por este, embora inconstante sob alguns aspectos, ter permanecido fiel no apoio que deu a Wren.

A escultura também ocupa uma posição desvantajosa na exposição a que nos referimos, por muitas das melhores obras da época terem sido esculpidas para monumentos funebres, em igrejas espalhadas por todo o país; desnecessário é dizer que era impossível transportar tais produções. No que respeita a vestuário, trata-se de uma época de exuberante magnificência, um eco da qual se pode ainda descortinar na fanfarronice barroca da estátua, em tamanho mais do que natural, feita por John Bushnell do próprio rei em pedra calcária de Purbeck, e nas grandes cabeleiras e gravatas de renda que se vêem em alguns dos bustos reproduzidos em telas. As duas estátuas jacentes que epitomizam a loucura, produção de Caius Gabriel Gibber, (artista de origem dinamarquesa) embora de natureza muito diferente, são provàvelmente as duas esculturas mais memoráveis no certame. Estas duas estátuas de loucos — um melancólico e o outro em pleno acesso de furia — foram esculpidas cerca de 1680, para serem colocadas num pedestal quebrado por cima do portão de entrada do velho hospital de Bethlem. O seu realismo, embora chocante e, até verdadeiramente horrorizante, não é, todavia, destituido de compaixão.

Tais obras, porém, não são de forma alguma típicas do autor, da época em que viveu ou da actual exposição. Nenhuma das 232 pinturas que constituem, por assim dizer, a sua espinha dorsal se reveste de carácter tão patético. Tais pinturas encontram-se agrupadas de acordo com o seguinte esquema: 1) infancia e adolescência de Carlos II; 2) a restauração, depois do período de Cromwell; 3) os cortesãos e as amantes do rei; 4) políticos e luminares literários; 5) progresso das ciências; 6) assuntos navais e militares; 7) efeitos deste reinado. A grande maioria dos quadros é constituida por retratos, e é significativo que os cortesãos e as amantes ocupam a galeria mais ampla. Podemos, todavia, encontrar ali quase todos os homens e mulheres famosos da época, de Dryden e Waller a Newton e Wren, de Pepys e Evelyn a Barbara Villiers e Nell Gwynn.

Alguns dos mais belos destes retratos são constituidos pelas miniaturas de Samuel Cooper, que, neste ramo da pintura, não tinha rival na Europa.

Encontram-se expostas nada menos de 87 das miniaturas de Cooper, a maior colecção jamais reunida, que compensam amplamente o estudo mais pormenorizado. No sector de quadros a óleo, a primeira galeria tem quatro Van Dycks, dois Cornelius Johnsons, e obras por esse artista de tão forte personalidade que foi Williams Dobson, a quem Oliver Millar, o principal organizador do certame, chama «o retratista inglês mais perfeito antes do advento de Hogarth». Depois da partida de Johnson para a Holanda, em 1643, e da morte prematura de Dobson, três anos depois, deveria decorrer quase um século antes que a Inglaterra se pudesse orgulhar de um pintor de grande vulto. Os dois pintores mais destacados da era de Carlos II, Sir Peter Lely e Sir Godfrey Kneller, podiam ter sido excelentes, mas, não raro, não o eram.

A exposição contém vários quadros de considerável interesse histórico, embora de importancia secundária do ponto de vista estético. Entre eles figuram três quadros de forma alguma destituidos de valor artístico, que reproduzem fases diferentes no alastrar do grande incêndio de Londres, incêndio esse que durou quase uma semana; e outro que evoca a ocasião em que o Tamisa esteve completamente gelado em 1676, acontecimento este que se repetiu 7 anos depois, mas de que hoje em dia não se ouve falar. Outros que representam grandes solares campestres, como Longleat e Althorp, tais como eram na época de Carlos II, não deixarão de interessar os estudiosos da arquitectura inglesa.

Entre os outros prazeres que esta exposição — que compreende mobiliário, tapeçarias, olaria e vidro — nos proporciona, cumpre referir de forma especial as pratas, de que há uma magnífica colecção. A época de Carlos II caracterizou-se pelo emprego exuberante de objectos de prata. Tais objectos poderão parecer demasiado vistosos para o gosto contemporaneo, mas encontram-se também expostas muitas peças que se caracterizam por nobre sobriedade formal e por um sentido decorativo admirávelmente dominado.

Ao que parece, Carlos II tinha um verdadeiro interesse pela Ciência, e foi ele quem, em 1662, outorgou o alvará que autorizava a fundação da Royal Society, ainda hoje florescente, «para o fomento do conhecimento natural». A galeria dedicada á Ciência na era de Carlos II contém, além de quadros de interesse, uma fascinante colecção de objectos de muitas espécies: lupas e planetários, quadrantes, microscópios, e, até, o telescópio de Newton. Alguns desses objectos são puramente utilitários pelo desenho e pela intenção, mas outros, como barómetros, relógios de sol e, sobretudo, relógios comuns feitos por grandes artistas como Thomas Tompion e Joseph Knibb, constituem autênticas obras de arte que, distribuidas generosamente por várias galerias, ajudam a dar um cunho definitivo de distinção a um certame que provàvelmente não será tão cedo esquecido por todos quantos tiverem o privilégio de o ver.

Carlos II no trono, por John Michael Wright (1661)

Vamos cortar o cabelo, minhas meninas...

Tal como as mamãs, as crianças londrinas podem agora utilizar as mais modernas técnicas no que respeita ao corte de cabelo e penteado feminino. A avaliar pelas expressões destas quatro clientes, as crianças levam muito a sério o seu papel, submetendo-se de bom grado á tortura do secador ou ao irritante «tezague-tezague» das incansáveis tesouras. Valha a verdade que são mulheres... Para as mais irrequietas, todavia, há sempre uma mão hábil a segurar-lhes o rosto e as impacientes têm motivos de distracção nas próprias toalhas, manchadas de cores vivas, com imagens de árvores, pássaros, instrumentos musicais, relógios, flores e frutos.

Ainda que pareça incrível...

Coincidências estranhas

Edward Holba, de 26 anos, agricultor de Delawase, adormeceu ao volante quando conduzia o seu automóvel, na noite de fim do ano.

Numa rápida impressão, o facto nada terá de extraordinário, mas os pormenores conferem-lhe, na verdade, um aspecto sensacional.

Trata-se de uma espantosa série de coincidências, reunidas no mesmíssimo acontecimento.

O veículo era o mesmo que guiava em 22 de Março de 1955; saiu do leito da estrada da mesma forma que o fez naquele dia; estatelou-se contra o mesmo talude e foi multado pela mesma importancia e pelo... mesmo policia.

Ena, tantos...

Quando as estatísticas falam, o melhor é não... dizer nada. Contra estatísticas, só estatísticas.

Esta vem-nos dos Estados Unidos.

Em 1960, verificou-se a existência de 5 milhões de alcoólicos. Este quantitativo aumenta de duzentos mil, em cada ano.

Segue-se a quantidade dos que desejam viajar. Há 130 000 pessoas inscritas para as viagens a realizar na Primavera e no Verão. A viagem mais barata á Europa importará em cerca de 45.000$00.

Mas a estatística não pára...

Há mais de 100 pessoas que ambicionam ser as primeiras a visitarem a Lua e Marte

O CICLO DO "ROCK AN
ESTA' PRESTES A TER

Em cima, Bill Haley, o autor e intérprete de «Rock around the clock». Em baixo, um momento de êxtase no auge do «rock» e o paroxismo de ritmo atingido pelos próprios executantes

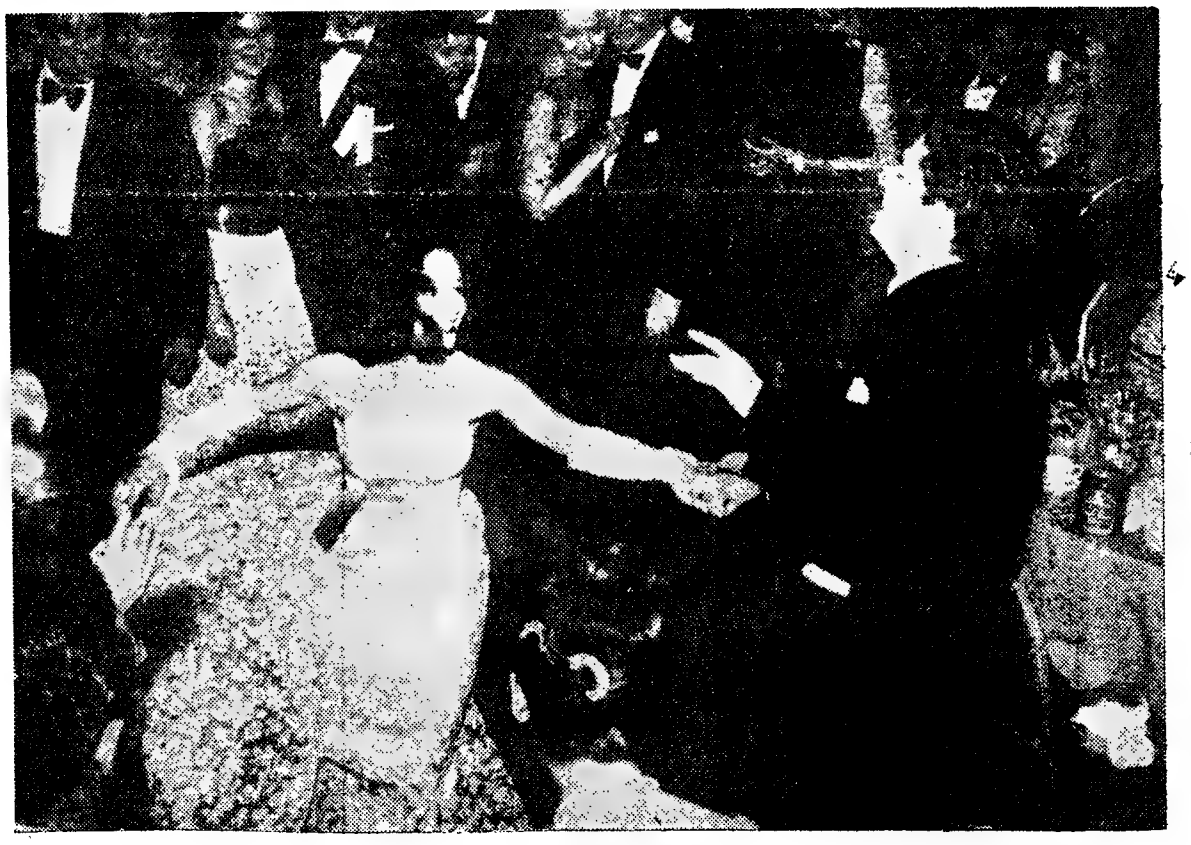
Foi exactamente há cinco anos e dois meses que numa sala anónima de Brooklyn, em Nova York, perante uma assistência tipicamente popular, nasceu o «Rock and Roll». Um quarto de hora depois de o cantor Tony Bennet ter entrado em cena, com a pequena orquestra de Red Prysock, principiava o tumulto. Após os gritos e os assobios, vieram os urros. Uma verdadeira descarga nervosa sacudia o teatro. Homens e mulheres rebolavam-se pelo chão e havia quem arrancasse do solo as cadeiras e as arremessasse ao ar. Jamais um concerto de «jazz», em Nova York, atingira tal temperatura emocional.

Mais tarde apurou-se que 60% desses espectadores tinham menos de vinte anos e que entre eles havia uma percentagem de 25% de negros para 75% de brancos.

No dia seguinte ao dessa apresentação sensacional de Tony Bennet, o teatrinho em questão registava a maior enchente de que em Brooklyn havia memória. Mais de duas mil pessoas ficaram sem bilhete, escutando, da rua, os ecos amortecidos do «rock» que lá dentro estrugia. Aconteceu que Tony Bennet, de tanto haver gritado na véspera, para acalmar o publico, ficara quase áfono. Tentou, no entanto, cantar de novo, com o auxílio de um alto-falante. E o frenesim repetiu-se. Novo York caía em transe, ouvindo o «rock».

Durante a primeira semana, as sessões de perfeita nevrose que naquela sala se desenrolaram renderam o equivalente a seis mil contos da nossa moeda.

O «Rock and Roll» ou «Rock'n Roll»—como passou depois a abreviar-se — parecia vir satisfazer uma ansia de ritmo paroxístico, mescla de sensualidade, violência e ansiedade, experimentada por uma juventude trepidante e fortemente traumatizada pela velocidade da vida na grande metrópole americana.



Também a alta sociedade conheceu o delírio do «rock and roll», dançado em pequenos círculos, enquanto os restantes pares, á volta, acompanhavam, regra geral, com palmas e incitamentos, os mais ardentes bailarinos

Todas as noites era preciso fazer urgentes reparaçõees no referido teatro de Brooklyn, sistemáticamente destruido pelo publico, mas as receitas eram mesmo assim generosamente compensadoras.

Do ponto de vista propriamente musical, o «rock» nada traz de muito novo nem de muito válido para a evolução do jazz. Caracteriza-se por um ritmo pesado, muito acentuado e de uma frenética rapidez. Os seus temas apoiam-se por via de regra, em harmonias do «blue», repetidas com a insistência de uma delirante monotonia.

A letra do «rock» é muitas vezes, ousada e desconcertante. Pelo menos, deve sê-lo, de acordo com a pragmática que envolve esta espécie de rito. A execução do «rock» termina, em geral, numa como que histeria provocada, bem mais fácil do que os finais de trompete, por exemplo, dos grandes «jazzmen», capazes de levarem o som ao rubro.

Em ultima análise, o «rock» já existia em embrião num género, que, aliás, lhe é também superior: o «Rhytm and Blues», reservado até então apenas a pequenos nucleos de negros.

Foi através do filme «Sementes de Violência» (Black Board Jungle) que o «rock» práticamente entrou na Europa, com o célebre «Rock around the clock». O autor deste «rock» famoso e seu intérprete, Bill Haley, fora até então um ignorado compositor, especializado em musica do Far-West. Hoje é um autêntico magnate, que pode dar-se ao luxo de satisfazer as suas mais excêntricas fantasias.

Entre os melhores executantes do «rock and roll» — pois há-os, apesar de tudo, com certo nível artístico — figuram o saxofonista e tenor Red Prysock e o guitarrista Tiny Grimes. Sam Taylor, cognominado «The Man» («O Homem») pelos idólatras, tem igualmente classe adentro do género. As figuras mais famosas nos Estados Unidos são os jovens Elvis Presley e Paul Anka, que encarnam o desvario contagioso, o furor, a entrega dionisíaca qu

O célebre Elvis Presley, cujos movimentos histéricos são imitados por uma juventude frenética e que faz desmaiar as jovens apenas com o som da sua voz quente e gritante

ra expr
Todos
ram, po
por esta
terra, e
turbios,
a adopt
ouvir-se
tes» do
de Náp
Mourari
vador s
tiche» e
Mas

CAFE CORUJA

Restaurante típico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Filetes á Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçoula
Cabrito á Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região

(6 anos)

Atenção

às novas edições

de

O LIVRO DE BOLSO!

AS MÃ

de GIUS

O transcendente amor
em toda a sua comovedor

DJAMÍL

de TCHINGHIZ AITMATO
Segundo Aragon

A mais bela história
do Mundo

MAIS DUAS OBRAS EXCEPCIONA
NA COLECÇÃO

O LIVRO DE B

AND ROLL" TERMINAR?

nquanto
entes

ul Anka,
io conta-
ga dioni-

Como nasceu o «rock»
A histeria colectiva
Os «rythm and blues»
«Rock around the clock»
A decadência do «rock»

Os adeptos mais fervorosos do «rock'n roll», no seu período áureo, quebravam mesas, cadeiras e tudo o que lhes viesse á mão. Era — disse-se então — uma forma de satisfazerem a sua ansia de acção e de expressão...

síaca que se pretende seja a pura expressão do «rock».

Todos os países da Europa foram, por assim dizer, atingidos, por esta loucura, que, em Inglaterra, chegou a causar sérios disturbios, quando os «teddy-boys» a adoptaram. Hoje é frequente ouvir-se o «rock» nas «gringettes» do Sena, nos caramanchéis de Nápoles ou nas tabernas da Mouraria. Em França, Henri Salvador satirizou o «roc» num «pastiche» que ficou célebre.

Mas já depois disso surgiu em Itália o «calipso» e os Americanos estão-se desprendendo progressivamente do «rock and roll», que para eles já não exprime o ritmo da hora presente. Outra musica nova deve estar prestes a surgir.

A delinquência juvenil é agora menos grave

O problema da delinquência juvenil, da tendência que certas camadas de jovens denota para a criminalidade, continua a perturbar seriamente os governantes e educadores de muitos países.

Ainda recentemente, num relatório publicado pelo Governo inglês publicava-se que «as raizes do crime são lançadas nas crianças quando elas se encontram entre os quatro e os cinco anos de idade».

O relatório fundamenta as suas conclusões nas estatísticas de criminalidade elaboradas na Grã-Bretanha no período que abrange os anos 1946-1957, relativamente ás crianças nascidas entre 1925 e 1948.

A conclusão é a de que alguns anos denunciam um «excessivo grau de criminalidade». No ano de 1948, com a mais baixa percentagem de crianças de oito anos — nascidas portanto em 1940 — a delinquência juvenil alcançou o grau mais elevado de todos os períodos estudados. Nove anos mais tarde, quando essa geração alcançou os 17, houve uma vaga sem precedentes.

O relatório afirma que, «enquanto as gerações nascidas durante a guerra dão origem a uma grande percentagem de criminosos, as outras, não revelam qualquer tendência excessiva para o crime».

A criminalidade juvenil diminuiu na Alemanha

Uma conferência sobre a criminalidade juvenil, pronunciada pelo catedrático de Medicina Forense e Social, da Universidade de Kiel, Wilhelm Hallermann, no Congresso Mundial de Medicina, realizado recentemente em Berlim, causou sensação entre os peritos alemães e estrangeiros. O professor dr. Hallermann dispõe de 30 anos de experiências no domínio da medicina social e forense e de um conhecimento profundo dos problemas da criminalidade juvenil. Além disso, é um dos fundadores do novo ramo da medicina designado de Psicosomática, que se dedica muito especialmente a investigar as causas psicológicas de certas doenças.

No congresso berlinense, o prof. Hallermann apresentou uma nova concepção dos problemas da criminalidade juvenil, analisando o estado psicológico dos adolescentes que, pelos mais variados motivos, cometem crimes ou delitos. Na Republica Federal da Alemanha a responsabilidade perante a lei começa aos 14 anos. São considerados jovens, sob o ponto de vista jurídico, indivíduos de 14 a 18 anos. Os adolescentes, entre 18 e 21 anos, ainda gozam de certas disposições de protecção. Como na maioria dos países europeus, também na Alemanha Ocidental a criminalidade juvenil aumentou assustadoramente depois da segunda guerra mundial. No ano de 1957, a percentagem de jovens criminosos referida ao total dos delitos e crimes cometidos atingiu, com 9,5 por cento, o seu máximo; desde então a criminalidade juvenil diminuiu gradualmente naquele país.

Deficiências de inteligência são a causa da delinquência prematura

Na opinião daquele cientista, cerca de 80 por cento de todos os crimes ou delitos cometidos por jovens estão de qualquer maneira relacionados com as dificuldades na fase de maturação física. Produzem-se tensões que conduzem facilmente aos chamados delitos de situação ou de puberdade. Desde que não sejam demasiado graves, não se devia atribuir importancia excessiva a esses delitos, pois a experiência ensina, que na maioria dos casos basta uma mudança de ambiente para proteger o jovem criminoso da reincidência. Só 15 a 20 por cento de todos os jovens que cometem crimes ou delitos pertencem ao outro grupo, o dos típicos «criminosos prematuros» que pertencem á categoria dos reincidentes. Em todos os criminosos graves jovens ou adolescentes verificaram-se deficiências da inteligência ou até mesmo debilidade mental. O perigo dessas deficiências está em que removem obstáculos, na imitação de métodos criminosos.

Divergências entre os pais e os educadores constituem um motivo grave

Outro factor até agora geralmente desprezado, é a sensibilidade extraordinária do jovem perante as influências do meio ambiente. Os critérios de avaliação da criança são, em primeiro lugar, aqueles que os pais estabelecem. Havendo divergência entre os critérios dos pais e dos educadores, a criança perde a segurança na avaliação do seu meio e dos adultos, o que, durante a puberdade, leva a uma indiferença em relação a todos os valores morais. Está aqui a origem da falta de consciência, uma das principais causas da criminalidade. Jovens assassinos não têm, em muitos casos, explicação alguma do motivo do crime. Impelidos por instintos inexplicáveis, esses jovens confessam os crimes com a maior indiferença — como se não tivessem participado no assassinio ..

O cinema e a televisão não têm culpa...

Em oposição á opinião frequentemente apresentada de que o cinema, a rádio e a televisão contribuem essencialmente para o aumento da criminalidade juvenil, o prof. Hallermann declarou que as suas experiências não confirmam essa tese. O perito germanico manifestou a sua convicção de que o comportamento dos jovens de hoje não se distingue essencialmente do comportamento dos jovens das gerações anteriores. Na era da técnica a juventude corre, porém, maior perigo, devido á depreciação geral dos valores morais. A insegurança, a falta de orientação e, em parte, também, o tédio da nova geração reflectem fielmente os profundos abalos psíquicos que caracterizam o mundo dos adultos.

Um grupo de rapazes e raparigas fotografado num jardim publico de Londres

edições

E BOLSO!

MÃES

de GIUSEPPE MAROTTA

scendente amor de Mãe
a sua comovedora riqueza

AMÍLIA

GHIZ AITMATOV
ragon

mais bela história de amor
Mundo

AS EXCEPCIONAIS
ÇÃO

IVRO DE BOLSO

O RISO da semana

— A minha teoria é de que só temos uma velocidade — a grande!

— SOCORRO! FUI RAPTADO!

— Não há nada como as flores para enfeitar uma casa...

Revoada de graças

COLISÃO

A Polícia descobriu que a razão do choque do camião com o automóvel foi a de ambos quererem atropelar o mesmo peão Claro está que a colisão era inevitável. Parece que é necessário aumentar o numero de peões. Cada veículo deve ter direito ao seu.

O MAIOR IGNORANTE

O maior ignorante é aquele que, lá porque sabe duas tretas, já se imagina um sabichão. Quer dizer: é tão ignorante que nem sequer sabe o que é ser sábio.

CELEBRIDADES

Se um dia os costureiros decretam decotes ainda maiores do que os usados actualmente, não só aumenta a celebridade da Sofia e da Gina, como vão aparecer outras celebridades que até agora ainda ninguém viu.

HISTÓRIA

Só quando se sabe muita história é que se sabe que a história não sabe explicar a grande maioria das coisas em que fala. Aquilo é uma grande história.

Anedotas

✻ Diálogo com um estupido:

— Não tenho, nunca tive medo de coisa alguma.

— Nem dum leão?

— Não!

— Nem de dois leões?

— Não.

— Nem de três, quatro, ou cinco leões a atacá-lo ao mesmo tempo?

— Não. Bem sei que podia ser morto por eles, mas medo não tinha.

— E se fossem cinquenta leões, dez tigres, vinte chacais e a sua sogra a acometê-lo todos simultaneamente?

— Já disse e repito que não tinha medo.

— E se fosse um episódio?

O valentão hesitou. sorriu e deu-se por vencido.

— Ah! isso, sim, subia para cima de uma árvore.

✻ O automóvel descia a Avenida a toda a velocidade quando foi chocar com um «pimenteiro» espatifando-o. O «chauffeur» nada sofreu e como era uma pessoa muito correcta e delicada desculpou-se:

— Peço-lhe perdão. Julgava que era um peão.

✻ Elas eram muito amigas e não tinham segredos uma para a outra.

— E que tal te trata o teu marido?

— Ai, filha, muitas vezes péssimamente e outras ainda pior.

✻ O médico do manicómio andava a fazer a visita aos doentes e perguntou a um deles:

— Então, como vai isso? Você ainda é Napoleão?

— Sou, sim, senhor doutor, mas agora estou em Santa Helena.

Chegou a casa como louco! Começou aos pontapés a tudo, irritado, intolerável, com umas olheiras muito fundas, e até com os olhos vermelhos como quem tinha chorado. A família, a esposa sobretudo, queriam saber o que tinha acontecido e ele por fim desabafou:

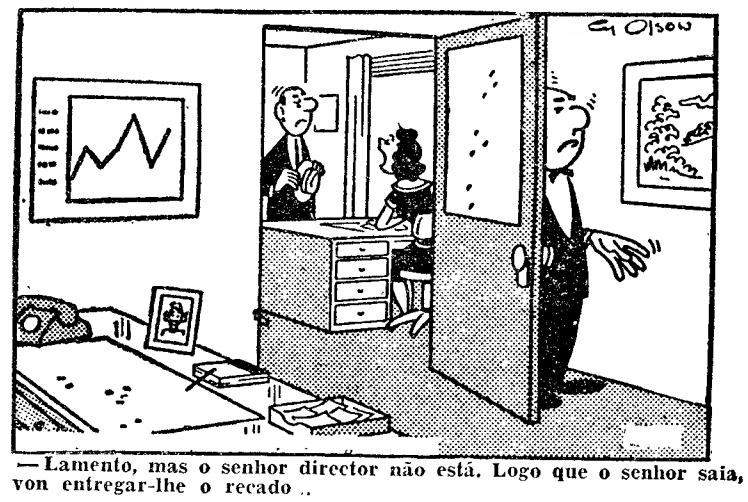
— Que foi? Ora o que foi?! A minha empregada que morreu atropelada.

Então é que foi a tragédia maior. A esposa julgou ter descoberto tudo.

— Faz-te então muita falta aquela empregadinha? E eu que nunca tinha desconfiado de nada.

— Não filha, é que eu já não torno a arranjar outra como aquela. Atenção, dedicação, organização, discrição, distinção, abnegação.

— Sim, compreendo: ão, ão, ão, ão — um autêntico dobre de finados.



— Lamento, mas o senhor director não está. Logo que o senhor saia, eu von entregar-lhe o recado ..

Perguntar por perguntar

O fumo de luto faz arder os olhos?

Na Lua há falta de casas ou aquela coisa do quarto minguante é só para atrapalhar?

As maçãs do rosto são ácidas?

O andar de um edificio é muito moroso?

O xá da Pérsia é preto ou verde?

E serve-se quente ou frio?

O Pão-de-Açucar é pão ou açucar? Em que ficamos?

O ovo de Colombo foi mesmo posto por ele?

Os saltos de sapatos nunca estão quietos?

Os estados de Espirito são monarquias ou democracias?

Um sujeito pode procurar um amigo para desabafar mesmo no Inverno?

Um homem grave e pesado pode namorar pequenas levianas?

O leito do rio é de molas?

O quarto crescente nunca mais pára de crescer?

Pode-se semear manjericos nos vasos de guerra?

A fazenda agricola dá nabos?

Quem vende as camisas de onze varas?

As artérias da cidade sofrem de arteriosclerose?

A flor da idade pode ser branca?

Qual será maior sacrifício: passar três dias sem ter que comer, ou ser obrigado a não comer tendo á vista os mais deliciosos manjares?

Um circulo literário pode ser bicudo?

Pode chamar-se vida de cão á vida do cão do milionário?

A pessoa que se deixa devorar por uma paixão não podia fugir?

As pessoas que têm uma ideia fixa não a podem despegar?

Porque é que, se devagar se vai ao longe, anda tanta gente a correr para o metropolitano? E' por causa das demoras nas estações?

METAMORFOSE

dos receptores

de rádio

em 35 anos

Xadrez para todos

O exemplo dos «Dois Grandes»

Terminaram há dias a primeira fase do torneio de xadrez da terceira categoria do Sport Lisboa e Benfica e o torneio de segunda categoria do Sporting Clube de Portugal, provas em que participaram, respectivamente, 24 e 12 concorrentes.

Para além do valor dos xadrezistas e do interesse que estes torneios despertaram, importa, antes de qualquer outra apreciação, considerar o significado do exemplo dos «Dois Grandes» do desporto nacional, que servirá, estamos certos, para estimular os outros clubes, quer os de projecção nacional, quer os mais modestos. Pode dizer-se que ainda ontem nasceram as secções de xadrez do Benfica e do Sporting, e já registam uma frequência deveras animadora, a avaliar pelo numero de jogadores que disputaram os torneios acima referidos. Sem querermos ser demasiado optimistas, diremos que a prática oficial do xadrez nos dois clubes rivais muito há-de contribuir para o desenvolvimento da modalidade entre nós, pois servirá de incentivo aos outros clubes e interessará a massa de adeptos, que neste desporto, mais do que em qualquer outro, podem contribuir directamente para os êxitos dos seus grupos, engrossando o quadro de praticantes de onde sairão os elcmentos que formarão as equipas que disputarão as provas interclubes. Por outras palavras: como o xadrez é um desporto acessível a todas as idades e a todas as condições sociais (iamos a dizer: e a todas as bolsas), os clubes podem recrutar entre os associados que frequentem, nas respectivas sedes, as secções de xadrez, os elementos que os representantes nos torneios oficiais.

Pelas razões atrás expostas, também os pequenos clubes (se assim podemos designar os que dispõem de recursos mais modestos) podem formar equipas de xadrez, se souberem desenvolver o gosto pela sua prática, entre os associados. Teriam então estas colectividades a possibilidade, ao menos numa modalidade desportiva, de se nivelarem aos «Grandes» do desporto nacional, pois em xadrez, como se sabe, encontra o desporto a expressão mais pura do amadorismo, e o xadrez, como também é do conhecimento geral, não é sómente para os fisicamente mais dotados ou habilidosos, mas para todos os que conservem intactas as possibilidades de raciocínio e tenham gosto pelo estudo e reflexão.

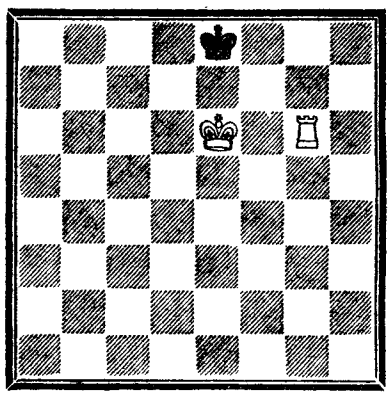
Que o exemplo dos «Dois Grandes» seja seguido pelo maior numero de clubes é o desejo veemente dos xadrezistas portugueses.

JOSÉ ESTÊVÃO

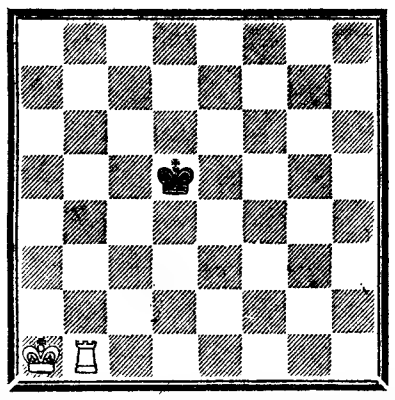
O MATE

Rei e Torre contra Rei

Depois do MATE de Rei e Dama contra Rei, o mais fácil é o de Rei e Torre contra Rei. Observe-se o diagrama seguinte: a Torre vai a **g8** e dá MATE.



Ainda que conduzida pelo mais experiente xadrezista, não há Rei que escape ao MATE de Rei e Torre, desde que estas peças sejam movidas com precisão. A táctica consiste em obrigar o Rei adversário a colocar-se em frente do nosso e em dar-lhe xeques sucessivos com a Torre. Chegado o Rei contrário á ultima travessa ou á ultima coluna dos bordos do tabuleiro, se estiver em frente do nosso, não poderá evitar o MATE. Vejamos o seguinte exemplo:

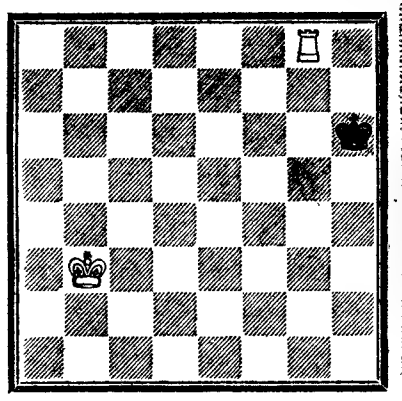


1. R b2, R d4; 2. R ç2, R é4; 3. R ç3, R é5; 4. R ç4, R é4 (tentando permanecer no centro do tabuleiro); **5. T é1 +, R f5** (obrigado a afastar-se das colunas centrais); **6. R d4** (perseguindo o Rei adversário), **R f4; 7. T f1+, R g5; 8. R é4** (a perseguição continua), **R g6** (se 8. ..., **R g4; 9. T g1 +**); **9. R é5, R g5; 10. T g1 +** (obrigando o Rei negro a refugiar-se na ultima coluna), **R h4; 11. R f5, R h3** (tentativa para desalojar a Torre); **12. R f4, R h2** (ameaçando capturar a Torre); **13. T g3** (a Torre acolhe-se á protecção do Rei), **R h1** (unica); **14. R f3** (apertando o cerco fatal), **R h2** (unica); **15. R f2** (preparando o MATE), **R h1** (unica); **16. T h3++.**

Pelo exemplo que acima registamos, fácilmente se verifica que o Rei negro evita colocar-se em frendo Rei adversário, pois cada vez que isso acontece a Torre obriga-o a retirar de uma coluna. Por sua vez o Rei branco não persegue de frente o Rei contrário, mas sim á distancia de um salto de Cavalo, táctica que obriga o próprio Rei negro a colocar-se diante dele e a sujeitar-se ao xeque da Torre.

Barreira da Torre

Tal como a Dama, a Torre pode formar uma barreira que limite o espaço á disposição do Rei adversário, apenas a uma coluna ou a uma travessa. Atentemos neste exemplo:

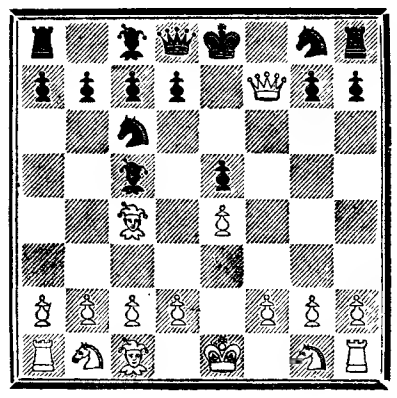


A Torre limita á coluna **h** o espaço de que o Rei negro pode dispor para manobrar. A partir desta posição, o MATE consegue-se mais rápidamente quanto mais depressa o Rei negro for obrigado a colocar-se diante do Rei branco:

1. R ç4, R h7 (ataque á Torre); **2. T g1** (mantendo o Rei encerrado na coluna e afastando-se o mais possível dos seus ataques), **R h6;** **3. R d4, R h5; 4. R é4, R h6;** **5. R f5** (colocando-se á distancia do salto de Cavalo), **R h7** (se 5. ..., **R h5; 6. T h1++**); **6. R f6** (perseguição implacável), **R h8;** **7. R f7** (preparando o MATE), **R h7** (unica); **8. T h1++.**

MATE Pastor

Oferecemos hoje outro exemplo muito conhecido de MATE infligido logo aos primeiros movimentos — o MATE Pastor.



1. é4, é5; 2. D f3, C ç6; 3. B ç4, B ç5; 4. D x f7++ (a Dama dá MATE protegida pelo Bispo).

O desporto em imagens

A arte de correr não é complicada. Ela é, afinal, a expressão do instinto ou se se quiser um meio de locomoção para o qual são bastantes os movimentos das pernas e dos braços. Todavia, na competição atlética, «correr» implica a observancia de determinados preceitos de ordem técnica, embora o treinador não deva exceder o seu papel de conselheiro. Isto é, o estilo é função do hábito, do jeito pessoal do atleta. Impõem-se sómente as correcções que porventura possam melhorar o rendimento — e nada mais. A corrida é a resultante de três forças: a gravidade, a inércia e a projecção. Mas essa resultante não se abstrai da inclinação do corpo a qual deve revelar harmonia, qualquer que seja o processo de correr.

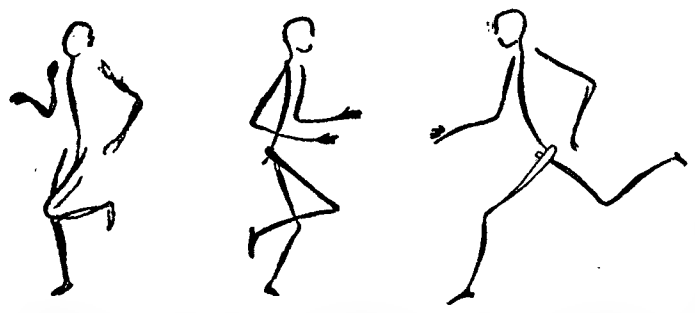
Destacamos seis estilos:

FIGS. 1 e 2 — As duas imagens mostram dois aspectos do chamado estilo circular que é um dos mais perfeitos na coordenação e na ligeireza de elasticidade. Os corredores de meio-fundo utilizam-no, ou melhor, revelam a tendência natural para dele serem intérpretes. Uma explicação tornar-se-ia porventura fastidiosa, além de que seria longa. Julgamos, no entanto, suficientemente esclarecedor dizer que as crianças, que ainda realizam tudo por instinto, correm segundo um estilo maravilhosamente circular...

FIG. 3 — Trata-se de um estilo familiar aos fundistas finlandeses e consiste em apoiar o calcanhar antes que o corpo se apresente no justo plano inclinado. Os braços desempenham uma acção importante. São eles que «arrastam» o corpo. O estilo, denominado «calcanhar e planta do pé» tem muitos inconvenientes, sendo o principal o desvio contraproducente quando o apoio se processa com o pé avançado.

FIGS. 4, 5 e 6 — A primeira imagem documenta o estilo pendular. Errada colocação do busto, ausência de ligeireza no movimento do tronco. A segunda é o exemplo do passo forçado em comprimento, máxima consequência do processo finlandês (fig. 3); o atleta dá a impressão de que corre sentado. A terceira imagem é típica de um estilo que condensa bastantes insuficiências nas quais avulta a contracção dos musculos dos braços e do próprio tronco.

Em resumo: poucos atletas correm naturalmente bem. Por isso, cada um deve tratar de executar o seu estilo do modo que for mais conveniente, procurando aperfeiçoar não só o ritmo como controlar os movimentos que compõem a corrida O atleta perfeito deve saber comandar os musculos como o próprio pensamento. Claro, mas a mais requintada técnica, explanada na coordenação do «pé de apoio» e do «pé que se projecta para a frente» resultará em vão se não existir boa vontade.



VACINAS

(Continuação da 3.ª página)

te inflamações dos ganglios que rápidamente desaparecem.

A vacina contra as *febres tifoide e paratifoide* é ainda um imperativo. Com facilidade surge uma epidemia, provocada por uma água, um leite, uns sorvetes, umas ostras contaminadas. Muita gente «decansa» porque leu nos jornais que um antibiótico—a «cloromicetina — cura a febre tifoide, mas os que já tiveram a doença e foram tratados com aquele medicamento sabem bem que o caso não é tão simples como se apregoa e que mais vale prevenir do que remediar...

Não queremos, finalmente, deixar de referir a *vacina contra a paralisia infantil* (antipoliomielítica). Apesar de se tratar de uma doença que não ameaça muito o nosso País, a verdade é que, uma vez declarada, as consequências são muito trágicas. As vacinas actuais, de uma inocuidade absoluta, aplicam-se por injecção (em breve será posta á venda uma vacina para administração oral) repetida duas vezes, com intervalos de 3 semanas. E' aconselhável nas crianças, a partir do 6.º mês, no adolescente e no adulto jovem.

Como muitas vezes vertas vacinações não são praticadas, por excesso de comodismo dos pais ou receio injustificado de submeter os filhos a «tantas» injecções, aqui deixamos a boa notícia de que dentro em breve existirão vacinas polivalentes, isto é, em que uma unica injecção protege contra diversas doenças (algumas gripes, tosse convulsa, tétano, difteria, poliomielite, etc.), repetindo-se a injecção após um intervalo adequado. Seja como for, e ouvindo-se na boca de tanta gente o «mais vale prevenir do que remediar», ainda surpreende quando, oferecendo-lhes a Medicina a possibilidade de *prevenir* as infecções (onde é brilhante), as recusam á espera da doença e do seu *remediar* (onde aquela nem sempre triunfa)...

Penteie-se no grande cabeleireiro de senhoras EVA

Não precisa de esperar
Não é preciso fazer marcações

Uma grande equipa de técnicos sob a direcção dos mestres

M. BRITO e M. NOGUEIRA

TRATAMENTO DE CABELO

Silueta

* **Tratamento de beleza**
* **Boutique de modas**
* **Cafeteria**
* **Banhos de sudação finlandesa**

SAUNA

GRANDE CABELEIREIRO DE SENHORAS
EVA, L.DA

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, 1-2.º
Palácio da Rotunda
TELEF. P.P.C. **736116-7-8 — LISBOA**

Móveis

GÉNERO AMERICANO E TODOS OS ESTILOS

Temos em exposição e executamos nas nossas oficinas próprias
Trocamos os vossos móveis usados e facilitamos o pagamento

ARMAZENS DE MOVEIS JORGE

Av. Almirante Reis, 35—Tel. 832161
(Quase em frente da igreja dos An
(Quase em frente da igreja dos Anjos)

NO MUNDO DOS DISCOS

HISTÓRIA * CURIOSIDADES * TÉCNICA

Os melhores do Jazz em 1960

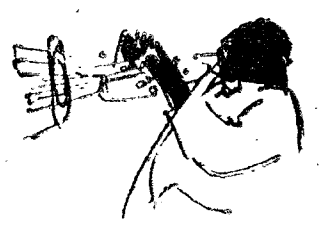
Grandes coincidências

na opinião do público e da critica

Todos os anos a famosa revista musical americana «Down Beat» elege, através das votações dos seus leitores os melhores musicos de «jazz» do ano. Os resultados de 1960, que a seguir publicamos, foram obtidos entre mais de 9000 boletins de votos.

A seguir ao nome do vencedor em cada categoria, publicamos o numero de votos com que foi seleccionado.

Na primeira vez que esta secção



apareceu no «Magazine» do «Diário de Lisboa», publicámos a escolha dos melhores do «jazz» de 1960 feita pela crítica de todo o Mundo, numa votação também recolhida por «Down Beat». Os que ainda estejam lembrados dessa lista dos melhores constatarão, que a crítica e o publico nem sempre se encontram divididos.

As coincidências recairam sobre o Modern Jazz Quartet, Miles Davis, Connonball Adderley, J. J. Johnsson, Gerri Mulligan, Buddy de Franco, Ray Brown, Ella Fitzgerald e grupo vocal Lambert-Hendriks-Ross.

Trompete	*Miles Davis (4230)*
Trombone	*J. J. Johnson (4097)*
Saxofone contralto	*Cannonball Adderley (2730)*
Saxofone tenor	*John Coltrane (2945)*
Saxofone barítono	*Gerry Mulligan (7299)*
Clarincte	*Buddy de Franco (1756)*
Piano	*Oscar Peterson (1231)*
Guitarra	*Barney Kessel (1675)*
Contrabaixo	*Ray Brown (2070)*
Bateria	*Shelly Manc (1441)*
Flauta	*Herbie Mann (2460)*
Vibrafone	*Milt Jackson (1880)*
Acordeão	*Art Van Damme (2429)*
Compositor	*Gil Evans (2426)*
Grande orquestra de «jazz»	*Count Basie (2556)*
Grande orquestra de dança	*Les Brown (1978)*
Pequeno conjunto	*Modern Jazz Quartet (1544)*
Grupo vocal	*Lambert-Hendricks-Ross (4793)*
Cantor	*Frank Sinatra (2754)*
Cantora	*Ella Fitzgerald (3956)*

Túlipas

A cultura na sala, para quem ama verdadeiramente as flores, é sem duvida a que mais prazer proporciona. As plantas bolbosas, principalmente, prestam-se á maravilha para combinações de efeito agradabilissimo, motivo que, aliado ao atractivo de se poder seguir momento a momento o desenvolvimento da raiz e do caule, oferece um encanto particular ao amador. A este processo de cultura se poderá aplicar o provérbio japonês — «Faz-te jardineiro e serás feliz toda a vida».

Damos a seguir uma ideia da cultura das túlipas na água.

Cultura na água

Quem desejar cultivar túlipas na na água, deve, em primeiro lugar, como é óbvio, adquirir frascos apropriados, que se encontram fácilmente no mercado. Estes fabricam-se em vidro e em porcelana. Os primeiros, se forem de vidro transparente, permitem ao amador acompanhar passo a passo as diferentes fases do desenvolvimento da raiz das plantas neles cultivadas. Por isso merecem a nossa preferência.

De posse do frasco, que tem a forma de uma garrafa estrangulada na parte superior, procure-se adquirir bolbos bem conformados. Escusado será dizer que este género de cultura condena os bolbos, pois estes não poderão ser recuperados no fim da floração, ao contrário do que acontece quando se plantam na terra. Mas a satisfação que nos proporciona esta forma de cultivar túlipas compensa bem aquele prejuízo.

A água apropriada

A água mais aconselhável para a cultura que vimos tratando é a da chuva. Terá de ser, porém, muito fresca, caso contrário provocará o apodrecimento das raízes.

Utilizando-se água comum, deve-se préviamente expô-la durante algum tempo ao sol ou simplesmente ao ar. Usa-se também deitar na água três gramas de sal de cozinha, por cada litro de água.

A água deve ser mudada de quinze em quinze dias. Esta operação requer um cuidado especial: a água nova deve ter temperatura igual á da salsa em que a planta é cultivada, pois, de contrário, esta ressentir-se-á, e o seu desenvolvimento acusará imediatamente o efeito da mudança.

Colocação do bolbo no frasco

Ao colocarmos o bolbo no gargalo do frasco, este deve setar de tal maneira cheio de água, que fique um espaço de um a dois milímetros entre a superfície da água e a base do bolbo, pois é indispensável que este não fique em contacto com o líquido, para evitar o seu apodrecimento. As raízes, depois, alastrarão pela água. Para conservar a distancia indicada, deve adicionar-se água nova á que está no frasco, sempre que seja necessário. A água que se acrescentar não poderá ter temperatura mais baixa do que a outra que já está no fraco.

Modo de obter o desenvolvimento rápido das raízes

O processo usado para obter o desenvolvimento rápido das raízes consiste em conservar os frascos em lugar fresco e escuro, até que as raízes tenham quase tocado o fundo. Estando os bolbos assim abrigados da luz durante um mês a seis semanas, as raízes ficam completamente desenvolvidas. Depois disto, colocam-se os frascos com as túlipas no sítio da sala em que haja mais ar e mais luz. O lugar mais indicado será no peitoril de uma janela ou sobre uma mesa colocada perto dela. De uma maneira ou de outra, não devem ser expostos aos raios solares.

Passada uma semana ou rez dias de imersão, examinam-se as bases dos bolbos e retiram-se quaisquer partes que apresentem indícios de podridão.

Entretanto, as plantas cobrem-se de folhas e estas exigem cuidados especiais de limpeza. Não se deve deixar que o pó se acumule sobre elas, usando-se uma esponja para as limpar.

Na altura da floração, é aconselhável verificar frequentemente o nível da água, porque nessa fase os bolbos absorvem muita humidade.

Formação de ramalhetes

Outras plantas bolbosas se prestam para a cultura que acabamos de indicar para as tulipas. Esta circunstancia é aproveitada por muitos amadores para a formação de belos ramalhetes pela junção, por exemplo, de tulipas, jacintos, narcisos e crocus.

Quem ensaiar este processo de cultura não encontrará, certamente, motivo para arrependimento.

Entre as túlipas DARWIN conta-se a variedade «Gretchen» que nos proporciona as belas flores que a gravura reproduz

ESCOLHA O SEU DISCO

«Ariana em Naxos»

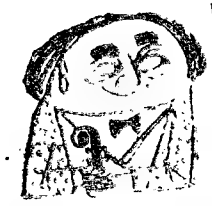
de R. Strauss

«O rapto do serraího»

de Mozart

Agora que se vai estrear, em S. Carlos, a «Ariana em Naxos», de Richard Strauss, talvez venha a propósito lembrar aos discófilos a unica gravação integral desta ópera. Trata-se de um album Columbia (FCX 506-8) e a interpretação está a cargo de Elizabeth Schwarzkopf, Imgaard Seegried e Rita Streich, coros e Orquestra Filarmónica dirigidos por Herbert von Karajan.

A discografia de ópera «O rapto do serralho», de Mozart, há dias apresentada no Teatro Nacional de S. Carlos, inclui duas versões completas: uma, na Columbia, (FCX 700/1) dirigida por Thomas Beecham, e outra, na Deutsche Grammophon, (D. G. 18184/5) dirigida por Ferenc Fricsay, diversos extractos por cantores famosos e algumas interpretações da abertura.



Grumiaux toca Bach

A Philips vai lançar dentro em breve, uma edição das seis sonatas, para violino, solo de Bach, pelo violinista Arthur Grumiaux. O famoso intérprete já começou a gravação destas sonatas.

A música na educação

A música contemporânea

Já aqui tivemos oportunidade de referir detalhadamente o valor e o significado da colecção «Musikkunde in beispielen», da Deutsche Grammophon, que põe ao alcance de todos as peças mais representativas de um género ou de uma época seleccionadas com verdadeiro sentido pedagógico pelo dr. Michael Alt e interpretados criteriosamente pelos melhores artistas da D. G. G. Cada disco é um breve, mas conciso e util panorama de um aspecto da evolução da musica e um precioso elemento de trabalho para os estudiosos.

E as qualidades e as funções destes discos aparecem particularmente evidentes com a ultima gravação desta série, dedicada á musica contemporanea (LPM1 9322). Através dela nos são reveladas peças que bem testemunham o valor e o sentido da evolução de musicos modernos de quem se ignora quase tudo.

As obras incluidas neste disco são: «Musica concertante para orquestra», de Boris Blacher; três extractos da «Cantata indiana», de Günter Bialas; o primeiro andamento do concerto para flauta, de Harald Genzmer; canções sobre poemas de Morike, de Hugo Diestler; dois andamentos dos «Mouvements» para piano e orquestra, de Wolfgang Fortner; duas das «Cinco canções napolitanas», de Hans Werner Henze; e «Studie II», uma peça de musica electrónica de Karlheinz Stockhausen.

Entre os intérpretes deste disco, encontraremos os nomes de Carl Seemann, Fischer-Dieskan, Hans Rosband, Gustav Konig e Hans-Schmidt-Isserstedt.

GABRIELLI

e o seu tempo

Prosseguindo na sua missão de divulgar sistemáticamente a musica do passado, a «Archiv Producktion» lançou agora um disco (14160 A P M) preenchido com canções e sonatas de Giovanni Gabrielli e de musicos seus contemporâneos, como Andrea Gabrielli, Massaino, Maschera e Grossi Viadano, interpretadas pelo Grupo de Concertos da Schola Cantorum Basiliensis, dirigido por August Wenzinger.

Escusado será lembrar ao leitor discófilo bom conhecedor das caracteristicas da obra desta colecção que a maioria das peças aparecem aqui gravadas pela primeira vez, o que vem aumentar ainda mais o valor do disco e o alcance da sua missão.

Capricho de bailarino

O bailarino Michel Renault foi em tempos suspenso por três meses da sua actividade na Opera, por se ter recusado a desempenhar um pequeno papel em «O Pássaro Azul». Como a Opera não tivesse voltado a dar-lhe trabalho, decorridos os três meses, Michel Renault intentou-lhe um processo.

No tribunal, o patrono da Academia Francesa acusou-o de haver dançado na União Soviética aquele mesmo papel que se recusara a interpretar em Paris, ao que Michel Renault respondeu:

— Bem, mas isso era no estrangeiro e havia falta de bailarinos... Era preciso salvar a honra da França.

PANORAMA INTERNACIONAL

A nova Administração americana
e as suas tarefas mais urgentes

Com a posse do presidente Kennedy pode dizer-se que entrou em funções a nova Administração americana, a qual exercerá o seu mandato durante os próximos quatro anos, quer dizer até ao fim de 1964. Esses quatro anos terão decisiva influência nos destinos do Mundo e nenhum período, desde que terminaram as hostilidades, foi tão fértil como esse será em acontecimentos relevantes. Estamos numa encruzilhada da História sendo urgente escolher entre a guerra e a paz, entre a multiplicação do numero de potências nucleares — o que apressará a primeira — e um acordo da União Soviética com os Estados Unidos, unica maneira de salvaguardar a segunda.

Os cargos mais importantes nos diversos sectores da vida política dos Estados Unidos foram oportunamente providos e nas ultimas semanas já se operou, sem ruido, uma transferência de poderes indispensável a evitar soluções de continuidade de graves repercussões na época contorbada que atravessamos em que os focos de agitação e perigo estão semeados por toda a parte. Neste momento em três regiões distantes do globo se acenderam desses focos — no Laos, que fica no Sueste asiático, no Congo, que fica no coração do continente africano, e em Cuba, que fica no golfo das Caraíbas. Ocupar-se deles será um dos primeiros cuidados da nova Administração.

Outro cuidado imediato será o que se refere á situação financeira dos Estados Unidos e á posição da sua moeda. Ninguém toma a sério o orçamento apresentado pela Administração cessante para o ano económico que se inicia no próximo dia 1 de Julho. As suas rubricas e as suas verbas mais importantes sofrerão profundas alterações, entre elas as que se referem ás despesas militares e ao auxílio ao estrangeiro. Exigirá essa tarefa aumento de impostos a curto prazo ou a desvalorização do dolar? Qualquer dessas medidas seria altamente impopular e daria lugar a que os republicanos especulassem com elas, recordando o que com eles se passou nos ultimos oito anos, durante os quais não houve depressão apreciável nem inflação notória ou alarmante. Nos seus argumentos não terão em conta a quota-parte de responsabilidades que efectivamente lhes cabe.

O terceiro aspecto da situação que exigirá a imediata atenção do presidente Kennedy e dos seus colaboradores diz respeito á reforma dos serviços militares e das forças armadas de acordo com o relatório elaborado pela comissão que procedeu ao seu estudo presidida pelo senador democrático, Stuart Symington. Trata-se de refundir o Pentagono, de alto a baixo, e o simples enunciado desta reforma basta para suscitar dificuldades que, pelo menos por enquanto, parecem insuperáveis. Os chefes militares americanos, especialmente, durante os dois mandatos do presidente Eisenhower — que era ele próprio um dos mais categorizados e ilustres — exerceram na política americana uma influência decisiva. Como a estratégia americana condicionou a sua política externa, esta pode dizer-se que foi feita mais pelos chefes do S. A. C. (Aviação Estratégica) do que pelos políticos e diplomatas que assumiram a responsabilidade das suas consequências.

Acudir aos focos de guerra que, nas ultimas semanas da Administração republicana, se estabeleceram nas três regiões que indicamos, evitar a crise aguda do dolar e equilibrar a balança de pagamentos, restabelecer a autoridade do poder civil afectada pela interferência dos militares nas decisões políticas, são os objectivos postos á consideração do novo presidente e dos seus colaboradores. Só depois lhes será possível pensar a sério em articular uma política externa para substituir a política global que os Estados Unidos fizeram desde o fim da ultima guerra e que tem os seus dias contados. Essa política correspondia a uma situação que deixou de existir há muito, sem que os Americanos pareçam ter disso consciência, a fim de evitar os riscos de a fazerem sem os meios que exige.

De uma semana para a outra

DIA 14

EM PORTUGAL — Em Lisboa reuniram os representantes da Panair do Brasil e da TAP para examinarem a situação criada pelo voo de Amizade. ✻ No Congresso da F. P. F. foi sugerida a constituição de uma comissão que trate de reatar as relações entre o Benfica e o Sporting. ✻ Os bispos da metrópole, em nota comum, salientam que o Ultramar português está no sentido da nossa história.

NO ESTRANGEIRO — Eisenhower ordenou que os cidadãos americanos ou empresas sujeitas á jurisdição dos Estados Unidos vendam as reservas-oiro que tenham no estrangeiro. ✻ Os serviços secretos britanicos procuram um oficial de Armada, desaparecido da base da 5.ª esquadra da N. A. T. O., no dia do Ano Novo. ✻ Foi assinalado o lançamento de novo foguetão russo.

DIA 15

EM PORTUGAL — Em Sagres foi inaugurada uma pousada do S. N. I. que muito valoriza a região. ✻ Em Alcochete foram adquiridos os terrenos para uma fábrica de alumínio. ✻ Em Gavião regularam a sua situação nada menos de 35 casais que celebraram o seu casamento. ✻ No Campeonato Nacional de Futebol, em Coimbra, o Benfica venceu a Académica por 2-0.

NO ESTRANGEIRO — A oposição belga apresentou ao rei Balduino um plano para harmonizar as divergências entre flamengos e valões. ✻ Nos Estados Unidos foi utilisada, pela primeira vez, a anestesia eléctrica. ✻ De Londres, uma informação diz que estaria em estudo uma larga depuração na União Soviética. ✻ Nos arrabaldes de Argel foram assassinados três europeus.

DIA 16

EM PORTUGAL — Veio para Lisboa, por três mil escudos, o primeiro salmão pescado no rio Minho. ✻ Foi inaugurado em Lisboa, o simpósio sobre virologia.

NO ESTRANGEIRO — No novo orçamento americano, mais de metade das despesas destinam-se á defesa nacional. ✻ As greves da Bélgica custaram já ao país 1 160 mil contos. ✻ Chu en Lai disse achar inconciliáveis as relações entre os Estados Unidos e a China, antes de solucionada a questão da Formosa. ✻ Em Elisabethville foi descoberta uma conspiração para assassinar Tschombé.

DIA 17

EM PORTUGAL — A Assembleia Nacional recomeçou os seus trabalhos. ✻ O contra-almirante Henrique Tenreiro tomou posse do cargo de inspector de Marinha.

NO ESTRANGEIRO — Desapareceu no Mediterraneo um avião militar espanhol, com quatro tripulantes a bordo. ✻ O arcebispo de Cantuária, dr. Geoffrey Fisher, resolveu apresentar a sua demissão do cargo. Tem 74 anos. ✻ Na torre de radar afundada ao largo de Nova York não há sobreviventes.

DIA 18

EM PORTUGAL — Anuncia-se que a Sacor vai emitir um empréstimo em vários mercados europeus, utilizando a unidade de conta, como meio de substituir as divisas antigas. ✻ No Porto proferiu uma conferência sobre «O Ultramar, primeiro dever nacional», o prof. Paulo Cunha. ✻ O porta-aviões inglês «Ark Royal» entrou no Tejo, em visita particular. ✻ Faleceram os médicos drs. Mário Moutinho, oftalmologista, e Ferreira da Costa, director dos serviços de Estomatologia dos Hospitais Civis.

NO ESTRANGEIRO — Em Tunes decorrem conferências entre delegados de de Gaulle e de Ferhat Abbas. ✻ Patrice Lumumba foi entregue ao presidente Tschombé que o enviou para lugar seguro na Katanga. ✻ Um incêndio destruiu o colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro. ✻ Eisenhower disse que desejaria voltar a ser general do Exército.

DIA 19

EM PORTUGAL — Foi inaugurado, em Lisboa, o Colóquio sobre Turismo. ✻ O ministro das Obras Publicas foi a Santarém, dizendo que serão suprimidas as passagens de nível do Vale de Santarém. ✻ Tomou posse o director-geral de Saude para o Ultramar, dr. Joaquim Ferreira da Silva. ✻ Faleceu o arquitecto António Macieira Lino.

NO ESTRANGEIRO — Na Bélgica é geral o regresso ao trabalho. ✻ Em Paris foram roubados os manuscritos das «Memórias» de La Rochefoucauld e jóias. O total avaliado — 6000 contos. ✻ No aeroporto de Nova York caiu um avião de jacto mexicano, com 98 passageiros. Há 51 mortos e 8 feridos. ✻ Faleceu em Nova York o dr. Tom Dooley, «o médico da selva», de 34, que doou dois hospitais ao Laos.

DIA 20

EM PORTUGAL — Estão reunidos em Lisboa os Estados-Maiores Peninsulares.

NO ESTRANGEIRO — John Kennedy tomou posse do cargo de Presidente da Republica dos Estados Unidos. ✻ Adenauer não irá aos Estados Unidos, ao contrário do que se anunciara. ✻ O antigo vice-presidente da Republica da Jugoslávia, Milovan Djilas, foi libertado por Tito. ✻ Isabel II da Inglaterra partiu para a sua viagem ao Oriente.

FIGURA DA SEMANA

John Kennedy

J. KENNEDY

Durante os próximos quatro anos o novo presidente dos Estados Unidos, agora empossado, será uma das grandes vedetas da cena internacional, especialmente nos países do Ocidente onde a sua iufluência e irradiação serão factores decisivos na evolução dos acontecimentos. Novo e dinamico propõe-se reformar, por completo, os costumes políticos, os vícios e os erros que se estratificaram durante os ultimos tempos na Administração americana. Conseguí-lo-á? Na sua frente está uma tarefa de tal maneira exigente e complexa que faria desanimar outro menos corajoso e decidido. J. Kennedy está na disposição de enfrentar todos os obstáculos e remover todas as dificuldades.

Com ele colaborará uma équipa que inclui os melhores elementos que neste momento existem nos Estados Unidos em condições de governar — Rusk, Bowles, Stevenson, Harriman, Dillon McNamara, Bohlen, para não falar de outros de menor projecção internacional. Vai essa équipa modificar a posição do seu país que nos ultimos anos, e sobretudo nos ultimos meses, se agravou incessantemente? Do êxito que conseguir dependem, não apenas a influência americana no Mundo mas, em certa medida, o futuro dos países que se ligaram ao seu destino. Entre estes figuram os da Europa Ocidental seus aliados na N. A. T. O.

Kennedy, que é voluntarioso e conhece os meandros da política internacional, está em condições de conseguir esse resultado mas ninguém, certamente, alimenta ilusões sobre os contratempos que terá de vencer e as contrariedades que terá de dominar antes de o conseguir. Os homens não facilitarão a sua tarefa e, pior do que os homens, os acontecimentos só lhe serão propícios na medida em que ele os preparar e influir no seu curso. Seja, porém, como for, de Kennedy dependem, actualmente, mais do que de qualquer outra figura mundial, o curso dos acontecimentos e a marcha de uma situação incessantemente agravada por erros que se acumularam sem que ninguém parecesse reparar na sua importancia.

Notícias ainda não publicadas

■ O novo secretário da Defesa americano, McNamara, rejeitou as sugestões do presidente Kennedy para ter como seus principais colaboradores Franklin Roosevelt Jor. e Robert Kennedy, Essas sugestões foram recebidas com frieza por McNamara que será uma das principais figuras da nova Administração americana, ocupando um posto de primordial importancia na preparação do futuro e na solução dos problemas pendentes na vida internacional.

■ Outra surpresa na série de nomeações que precederam a posse do novo presidente foi a recusa de Bohlen a aceitar o posto de embaixador em Paris, que lhe foi oferecido. O conhecido diplomata americano, geralmente considerado como o mais competente da carreira nos Estados Unidos, preferiu ficar em Washington com a categoria de conselheiro do Governo para os assuntos soviéticos que já desempenhava com o secretário de Estado Herter e o presidente Eisenhower.

■ A decisão tomada pelo presidente de Cuba, Fidel Castro, anunciando que desapareceu o risco de uma invasão americana, que em certa altura disse estar iminente, foi influenciada por Kruchtchev que assim limitou o âmbito das dificuldades que o novo presidente americano terá de remover nas primeiras semanas do exercício do seu cargo. Em Washington essa informação foi recebida com frieza mas, ao mesmo tempo, com uma sensação de alívio, dados os riscos que as atitudes de Castro faziam correr á paz.

■ Entre os intermediários eventuais para aplanar as divergências entre Washington e Havana, além do Brasil, cita-se o México. O vice-presidente Lyndon Johnson avistar-se-á, em breve, com o presidente mexicano Lopez Mateos, de quem é velho amigo e com quem se tem encontrado mais de uma vez no passado recente para tratar de assuntos políticos que interessam aos dois países vizinhos.

■ No Ocidente há documentos fotográficos que provam que os Russos têm estado a construir, próximo de Conakry (Guiné), um campo de aviação e uma base de submarinos. Estas notícias foram recebidas com inquietação nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha e em França, países onde os acontecimentos do continente africano provocam reacções naturais, dadas as suas repercussões e os seus riscos que ali são devidamente tidos em conta.

■ Um dos primeiros actos do novo presidente Kennedy será considerar um pedido instanto do Governo marroquino para apressar a evacuação das bases existentes no território de Marrocos. A recente conferência de Casablanca ligou, mais ainda do que no passado, Marrocos ao grupo de nações africanas chefiado por Nasser, o qual continua a ter ambições que não será fácil satisfazer sem graves riscos de guerra.

■ Em Março, Kruchtchev encontrar-se-á na Mongólia com Mao Tsé Tung para uma conferência á qual se atribui grande importancia nos países do bloco comunista. Essa conferência será o prólogo da possível visita do chefe do Governo soviético aos Estados Unidos, com o pretexto de assistir á sessão da Assembleia da O. N. U. que naquelo mês recomeçará os seus trabalhos.

■ O anunciado encontro do general de Gaulle, do primeiro-ministro MacMillan e do chanceler Adenauer terá, entre outros, o objectivo de estabelecer as bases de um acordo dos grupos dos Seis e do Sete que se estabeleceram no domínio económico. Se esse objectivo não for alcançado, o mais provável é que os referidos grupos deixem de existir, voltando a economia europeia ao ponto onde se encontrava antes do seu aparecimento.

Em ANADIA o «Diário de Lisboa» vende-se no CAFÉ ANADIA.

Apavorados pelos eclipses os Chineses avejam com fechas o monstro que quer devorar o Sol

(Continuação da 1.ª página)

habituada, como aquela, a viver ao ar livre, teria já visto muitos eclipses, para que se assustasse com eles. Colombo pensou, no entanto — e pensou bem, á vista do que depois aconteceu —, que se predissesse um eclipse ganharia fama de profeta, e o respeito e obediência inerentes a quem se apresenta investido de poderes sobrenaturais. Mandou, pois, chamar á sua presença os chefes das tribos vizinhas e, servindo-se de um intérprete dépois de os censurar ásperamente pela sua [illegible]sa, assim lhes falou:

«— O Deus que nos protege vai castigar-vos. Já sabeis quanto sucedeu aos meus companheiros que se rebelaram contra mim e os males que sofreram quando tentaram atravessar o Haiti. Ao contrário, passaram sem dificuldade os que não desobedeceram ás minhas ordens. Pois bem: a divina punição em breve cairá sobre vós. Esta noite a Lua mudará de cor e perderá a luz, como sinal dos males que estão para despenhar-se dos céus sobre as vossas cabeças!

«Aquela noite apareceu lindíssima, serena e límpida, e a Lua-cheia ostentava-se em todo o seu brilho. Porém, á hora marcada, ocorreu o anunciado fenómeno, e os selvagens, dando gritos medonhos, alardeavam o seu tremendo pavor. Correram em magote para junto de Colombo e rojando-se a seus pés, imploraram-lhe a valiosa intercessão, prometendo-lhe tudo quanto precisava, desde que os livrasse da condenação. Como prova da sua absoluta sinceridade, juntaram uma porção de mantimentos que colocaram diante dele.

«A princípio, o arguto Colombo mostrou-se sobranceiro e hesitante, mas depois deu mostras de ir abrandando em face de tais provas de submissão, até que consentiu em interceder por eles, retirando-se para o seu alojamento, onde, supuseram os Indios, se ia entregar a práticas místicas a fim de os eximir ao castigo com que os tinha ameaçado. Em breve desaparecia a terrível sombra, e a gratidão dos selvagens foi tamanha como o pavor que antes deles se apossara. Se não se desvaneceu, como é vulgar, foi porque os atiçava o medo do que se passara, e assim não mais faltaram aos Espanhóis as provisões necessárias».

O Filho do Céu corrige as suas culpas

A Humanidade é toda igual, com as suas grandezas e misérias, virtudes e defeitos; e tanto os selvagens de Jamaica acreditavam em que os eclipses fossem «avisos do céu de punições divinas» e no poder transcendente de Colombo para conjurar o perigo, como os Chineses, cujos esclarecidos conhecimentos astronómicos lhes permitia, há milhares de anos, prever os eclipses, mas que tomavam o fenómeno como a odisseia dos astros ameaçados por monstros fabulosos, julgando-se capazes de afugentá-los por meio de estranhas cerimónias e vencê-los com os seus estrondosos ataques. E tanto isso era assim há três ou quatro mil anos como nos tempos modernos de renovadas e mais amplas concepções sobre a estrutura e a mecanica do universo cósmico — na China e noutros países.

Nos «Estudos sobre Astronomia Indiana e Chinesa», J. B. Biot explica alguns dos fundamentos dos ritos extravagantes que, no Celeste Império, acompanhavam o desenrolar dos eclipses. Sendo o imperador considerado filho do céu, «o seu governo era a imagem da ordem imutável que rege os movimentos dos astros». Assim, «quando os dois grandes luminares, o Sol e a Lua, em vez de seguirem separadamente pelos respectivos caminhos, se cruzavam no seu curso, isso significaria que fora alterada a regularidade da ordem no céu, em consequência das perturbações no governo do imperador. Um eclipse era, pois, considerado como um aviso ao soberano para que examinasse as suas culpas e fizesse por corrigi-las».

Ele sabia, contudo, antecipadamente, da ocorrência do fenómeno, pelas acertadas previsões dos astrónomos da corte, e por isso se preparavam, de antemão, as cerimónias tradicionais, com o sentido de penitência e impetração da graça divina, tais como são descritas na «Colecção das eLis da China», de Stanislau Julien, e, igualmente, referidas por Flammarion:

«Sempre que há um eclipse do Sol, pregam-se colchas de seda á porta do Ministério dos Ritos, chamado «I-men»; e na grande sala coloca-se uma mesa para queimar perfumes do alto da torre denominada «Lu-thai» (Torre do Orvalho). A guarda imperial coloca vinte e quatro tambores dos dois lados, por detrás da porta «I-men»; o «Kiaofong-sec» dispõe os musicos á base da torre «Lu-thai»; depois coloca cada magistrado no alto desta torre, no sítio onde eles se devem inclinar para a saudação. Todos ficam voltados contra o Sol e quando o presidente da Astronomia anuncia que o astro começa a ser encerrado, os magistrados, vestidos de grande gala, erguem-se e perfilam-se. A um sinal, caem de joelhos, e então rompe a musica. Cada magistrado prostra-se três vezes e faz nove reverências, no fim das quais a musica pára. Quando os magistrados do Tribunal dos Ritos acabam de oferecer os perfumes, todos os outros se ajoelham. O «Kiao-Kuan» avança com o tambor e a baqueta; depois bate no tambor para «libertar» o Sol. O presidente do Ministério dos Ritos toca três vezes no tambor, e então ouvem-se todos os outros ao mesmo tempo. Quando o presidente do Gabinete das Longitudes anuncia que o astro readquiriu a sua forma arredondada, os tambores param. Cada magistrado ajoelha três vezes e bate nove com a fronte em terra. A musica recomeça, para parar ao terminarem as cerimónias. Em seguida, os magistrados retiram-se cada um para seu lado.

O Sol é libertado a tiro...

«Quando o eclipse é da Lua, reunem-se no gabinete dos «Tai-tch'ang» (presidentes das cerimónias) e cumprem-se os mesmos ritos para libertar o astro».

O embaixador «Lord» Macartney assistiu ás angustiosas preocupações dos soberanos pela sorte da Lua, quando de um eclipse, e ao fantasmagórico e exultante cerimonial que se seguiu:

«O imperador, a imperatriz e os mandarins andaram aflitíssimos e imploraram fervorosamente a complacência dos deuses, durante um dia inteiro, para que a Lua não fosse devorada pelo dragão, que á sua volta andava a pairar. E no dia imediato, quando o perigo já tinha passado, exibiu-se uma fantasmagórica pantomima na qual figuraram duzentos ou trezentos sacerdotes empunhando compridas varas com lanternas nas pontas, ao mesmo tempo que dançavam frenéticamente e pulavam umas vezes no chão e outras por cima de mesas e cadeiras».

Gaubil, que compilou os «Livros dos Ritos», acrescenta: «Sempre que o astrónomo do palácio anunciava, com antecipação, um eclipse do Sol, o imperador e os grandes dignitários da corte preparavam-se por meio de jejuns, vestindo-se com a máxima simplicidade. No dia marcado, os mandarins reuniam-se no palácio, armados de arcos e flechas. Quando começava o eclipse, o próprio imperador rufava no «tambor do trovão» a «carga do prodígio», ordenando o ataque. Imediatamente, os mandarins despediam as suas setas para o céu, «em socorro do astro eclipsado».

Semelhantes ataques, por meio de flechas ou a tiro, praticavam-nos outros povos em paragens muito distantes da China, como os Indios da América do Norte, convencidos, também, de que os seus barulhentos e fumegantes tiros abatiam o monstro devorador, acabando assim com a escuridão e evitando todos os males que resultariam se o Sol se apagasse.

Quer isto dizer que a impressão produzida pelos fenómenos da Natureza, «mesmo os factos naturais e vulgares como os eclipses, são independentes da reflexão das criaturas humanas, ás quais transmitem emoções a que elas não podem ser superiores, pois, nem mesmo quando esclarecidas pela ciência, se libertam totalmente dos longínquos temores ancestrais».

GIRA - DISCOS

4 velocidades desde 370$00. Portáteis com amplificação, desde 1.200$00. Agulhas de safira e diamante para Pick-Ups de todas as marcas. Rua António Enes, 14 (ao Saldanha). Telefone 4 40 29.

A vida de Paolina Bonaparte símbolo da aventura de uma geração

(Continuação da 1.ª página)

os rapazes é parecer ter o dobro da sua idade real. A moda feminina tem por modelo a Roma da decadência: as mulheres vestem túnicas que deixam a descoberto os braços e os seios e que permitem adivinhar tudo o resto. Não usam saltos altos, nem «soutiens». Apenas as mulheres bonitas e de corpo bem feito têm possibilidade de resistir a uma moda tão implacável.

A família Bonaparte não ocupa apenas os primeiros lugares á frente do Estado. Napoleão, embora monogâmico por natureza, encontra tempo para cultivar algumas aventuras amorosas. José coleccionа as amantes. Enquanto Luciano foi o titular da pasta do Interior, o Ministério mais parecia o harem de um pachá. Luís é diferente, mas apenas por razões de saúde. As irmãs de Napoleão não eram melhores: Elisa era a amante oficial de um professor da Universidade; Carolina consola-se da infedelidade de Murat nos braços do general Junot, o comandante da primeira invasão francesa do nosso País; e Paolina sofre de incontinência.

A história de Paolina é, em certa medida, a história de uma geração. Revela como os seus contemporaneos viveram ou, ao menos, como desejariam ter vivido. Toda a França tentava imitar a elegancia dos seus vestidos e invejava a sua beleza.

O primeiro marido de Paolina foi o general Leclerc. Napoleão arranjou o casamento, depois de os hajou o casamento. Napoleão tenta salvar as aparências e nomeia Leclerc chefa de uma expedição contra os escravos negros revoltados no Haiti. Paolina acompanha o marido. A «dolce vita» da irmã de Napoleão enriquece-se, rganiza festas, vive intensamente a corrupção de uma ilha crioula. Mas Leclerc morre e Paolina regressa a França, só, abatida, quase esquecida. Não tarda, porém, a readquirir a sua forma.

Casa com o príncipe Camilo Borghese, um italiano (ou melhor, romano) com uma fortuna prodigiosa, de vinte e sete anos, cabelos negros e de uma beleza sonhadora. O título e a riqueza do noivo não bastam á felicidadde do matrimónio, uma vez que a fogosidade de Paolina contrasta com a sensualidade gélida do príncipe Borghese. Paolina aborrece-se em Roma. A sua ignorancia não suporta uma vida social em que a arte de conversar permanece como atributo indispensável. E' então que o escultor Canova a representa como «Vénus Vitoriosa». O virtuosismo do artista conjuga-se totalmente com a graça e linhas ágeis do modelo. A doçura da face, o abandono do corpo, as proporções perfeitas, a irresistível sedução de Paolina vencem a frieza das regras neo-clássicas e transformam esta escultura numa obra-prima. O príncipe Borghese manda colocar a estátua num canto escuro do seu imenso palácio, longe dos olhares indiscretos.

Paolina regressa a Paris. As suas aventuras amorosas multiplicam-se mas o amor, como sentimento, sempre lhe escapou.

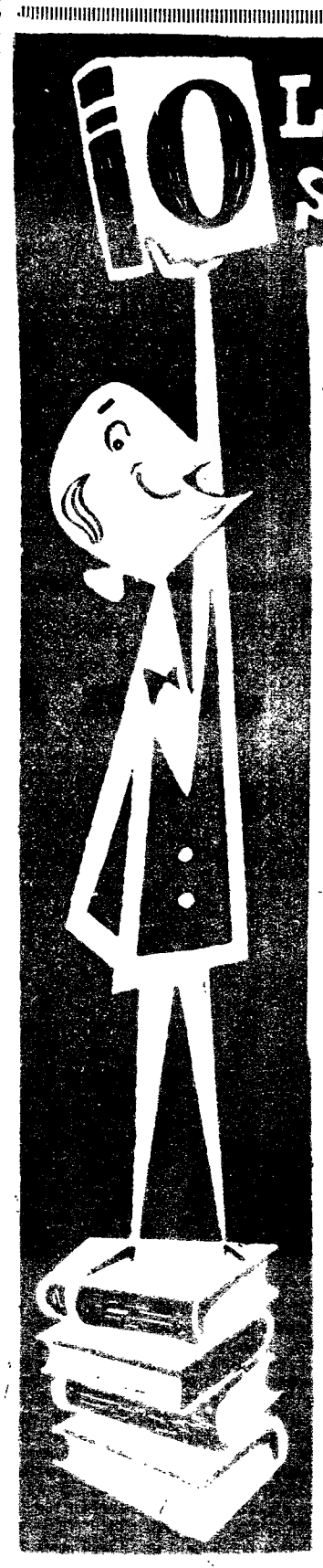
A beleza de Paolina começa a fenecer. As primeiras rugas surgem sob os olhos. Napoleão finge ignorar a vida da irmã, porque sabe que as suas palavras não seriam escutadas. Foi sempre a irmã favorita do imperador, ternura que é reforçada pela sua saúde frágil. Os médicos avisam-na, recomendam-lhe moderação, mas Paolina responde que a sua unica doença é o marido. Napoleão obriga-a a juntar-se ao príncipe Borghese em Turim, mas não tarda a ceder aos seus apelos desesperados.

O imperador casa com Maria Luísa. Paolina continua num rodopio de festas. Todas as quartas-feiras recebe. No seu salão há cães amestrados, prestidigitadores, lanternas mágicas e, sobretudo, homens e mulheres. O tempo corre. Napoleão é destronado e exilado na ilha de Elba. Paolina acompanha-o. Organiza bailes e aborrece-se terrivelmente. Elba faz-lhe lembrar a Córsega da sua infancia e torna-a melancólica. Para se entreter seduz o governador militar da ilha, tão insípido que passa o tempo a ler a Bíblia e a estudar engenharia militar.

A «dolce vita» de Paolina está no fim. Napoleão foge da ilha de Elba e volta a ocupar o trono. Mas é apenas uma aventura de cem dias, cujo final sem grandeza será a ilha de Santa Helena.

Com outros membros da família Bonaparte, Paolina procura refugio em Itália. Fixa-se em Roma, no Palazzo Sciarra. Aos quarenta anos, é uma velha pueril, preocupada com questões domésticas. Tornou-se religiosa e caritativa. Pensa e fala continuamente no irmão, preso lá longe, numa ilha distante do Atlantico Sul. Escreve-lhe por todos os correios, pede por ele, reza. Quando Napoleão morre, é também Paolina que morre, ao cabo de alguns meses de pranto, termina os seus dias amparada pelo príncipe Borghese.

Paolina foi um símbolo de uma França ardente, cruel, sensual, vivida de glória. Nunca leu mais que o «Journal des Modes». Ainda aí é um símbolo da sociedade de novos ricos que sucedeu aos revolucionários de 89. «La dolce vita» de Paolina Bonaparte foi, afinal a face voluptuosa de uma sociedade que renunciou aos seus ideais.



Uma obra renovadora no campo da ficção científica

A superfície do planeta

por Daniel Drode

PRÉMIO JÚLIO VERNE de 1960

Volume n.º 61 da Colecção ARGONAUTA

Próximo volume
RUMO AO UNIVERSO
por A. E. VAN VOGT

Na Colecção VAMPIRO acaba de sair

O Santo no Pic-Nic dos Ladrões

por LESLIE CHARTERIS
um dos grandes mestres da literatura policial

LIVROS DO BRASIL

CAMISAS

Por medida ou por modelo desde 65$00 — Popelinas à escolha do cliente — Transformações e arranjos — Punhos e colarinhos com colocação grátis

*

ROVIL — Rua Arco Marquês do Alegrete, N.º 50-1.º
Telef. 862402

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.

A FINANCIADORA
Companhia Nacional de Crédito S. A. R. L.
Av. da Liberdade 1 — Telef. 24446
LISBOA

Feiras internacionais

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros concedem redução em todas as classes aos visitantes da feira internacional de Colónia que se realiza em 6 de Janeiro a 27 de Fevereiro de 1961.

Pedir esclarecimentos:

— na Secção de Informações da estação de Lisboa (Rossio).

— nas estações de Caminho de Ferro habilitadas a vender bilhetes de serviço internacional.

O CONTO DA SEMANA

(Continuação da página anterior)

— O pior de tudo — disse o Meireles —, foi está brincadeira te ter acontecido agora, em vésperas da saída das notas... O tipo é malandro e manda-te algum 7 que te lixa!

— Lá isso é, o tipo é malandro... — concordaram os restantes.

Mas a conversa perdera-se. Para tal, bastara o Meireles, insensívelmente, ter feito lembrar o motivo pelo qual eles ali se encontravam. O silêncio que se seguiu mostrou que aquelas consciências não estavam tranquilas, e que a reprovação era uma ameaça que todos temiam.

Em breve, contudo, novo tema surgiu. As responsabilidades que sobre eles pesavam, tidas em conta momentaneamente, logo desapareceram. Tudo o que de importante se ia decidir dentro de alguns momentos foi esquecido. E o Joaquim Lourenço, subindo ao palco que a sua imaginação criara, começou a contar nova aventura, perante a expectativa da plateia.

Só Alberto se afastara. Encostado a um canto da vasta sala olhou distraídamente aquela enorme massa humana, irreflectida e irresponsável. Depois, sem saber bem porquê, pensou nos pais dele, a essa hora metidos entre quatro paredes, trabalhando incansávelmente. Um, sentado a uma mesa, entre livros e papéis, apertando entre as mãos a cabeça a latejar, esgotado pelo esforço. Outro, agarrado a uanos e a agulhas, aguçando a vista cansada por longos anos de vigília. Lembrou-se também do pequeno irmãozito, entregue aos cuidados duma velha vizinha caridosa. Como ele era engraçado! Magrito e pálido, é certo, mas muito vivo e esperto. A alegria da casa.

— E foi deste modo que eu consegui ficar com doze faltas em História! Era a unica disciplina em que não estava ainda tapado! Assim, pude terminar o ano sem falta alguma já para dar! Isto é que é, hem!?

A atenção de Alberto, a seu pesar, fugia-lhe para Lourenço. Berrava que nem um vendedor de banha de cobra, e o grupo á sua roda já era mais numeroso. Que diferença entre os dois! Era como de um dia radioso para uma noite tenebrosa! Alberto bem o sabia, porque desde muito cedo se habituara a raciocinar como um homem. Com onze anos, ao entrar em casa, vindo do liceu, já percebia o drama que ali ia dentro, e já tinha consciência dos seus deveres como bom filho. Devia ajudar os pais e, para isso, o melhor caminho era ser bom aluno, alcançando resultados escolares de mérito. Foi o que sempre tentou fazer, e quase sempre o conseguiu. Na convivência com os outros rapazes esforçava-se por ser, como eles, risonho e alegre, leve de pensamentos e folgazão. Muitas vezes o tentou. Mas era esforço inglório. Logo lhe acudia ao espírito a imagem dos pais e, então, o rosto turvava-se-lhe. Afastava-se dos companheiros e, para quem o observasse, parecia ausente em longínquas terras, protagonista duma terrível batalha em que lhe tivessem cravado no peito dezenas de ponteagudas lanças. Aliás, os colegas nunca lhe ligaram grande importancia. Aquele rapaz, sempre tristonho e sem iniciativas, metido entre roupas que mal lhe serviam, não lhes merecia nem interesse, nem confiança.

— PAGINA 8 —

Certa vez, até, quando um deles deu por falta duma caneta, uma «Parker» das mais caras, o Alberto foi, ainda que veladamente, o principal suspeito de um possível roubo. Percebendo-o, os dias seguintes foram-lhe especialmente penosos e difíceis de passar. A todo o momento via os olhares inquisitoriais dos colegas cairem impiedosamente sobre ele. Passou, então, a juntar-se-lhes ainda menos, e essa atitude mais fez aumentar a má língua dos que o acusavam. Até que um dia a situação se aclarou. Fora tudo brincadeira do Joaquim Lourenço. Num intervalo das aulas, pedindo para que ninguém saísse da sala, pulara para cima de uma carteira e, exibindo a caneta, perante o gáudio da classe, entregou-a solenemente ao seu legítimo dono. Alberto ficara ilibado de culpas, mas ninguém lhe fora pedir desculpa das antigas suspeitas. Não tinham intimidade com ele, pouco lhes interessou. Mal sabiam eles que, lá no fundo, Alberto era tão humano como os outros. Apenas havia uma diferença: vivia um drama, drama real e terrível, que a maioria ignorava.

Notava-se agora um movimento naquele oceano de cabeças, convergindo para a porta da secretaria. Em breve apareceu um continuo, a custo singrando em direcção aos vitrais, onde finalmente chegou, exausto. Em seguida, brincalhão, rindo-se para os espectadores, rapou teatralmente duma folha e colocou-a ao alto, vagarosamente, prendendo-a com «pionaises». Decepção geral. Não se tratava das esperadas notas. Eram uns regulamentos quaisquer para os alunos que, no ano seguinte, deveriam entrar para o liceu.

Tudo voltou á normalidade. Novamente se formaram grupos, novamente se acenderam cigarros. A algazarra recomeçou, mas Alberto permaneceu só. Pensava, com emoção, na necessidade premente de não reprovar; pensava no seu futuro e no da família, que ali, dentro em pouco se ia jogar. Já estava resolvido. Se passasse, como todos esperavam, durante o Verão arranjaria emprego. Depois, no novo ano escolar, juntando-se todas as economias da casa, seria o ingresso na Universidade. O rasgar de novos horizontes, a esperança em melhores dias. Se reprovasse... bem, se reprovasse era o fim, o desmoronar de todas as ilusões duma melhor situação no lar. Alberto sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha, só ao disso se lembrar. Mas afastou os tristes pensamentos. Procurou desanuviar o espírito e juntou-se a um dos centros de conversa.

Pouco depois, porém, novo tumulto invadiu a sala. logo varrida por correrias e encontrões.

— Agora é que é, são as nossas notas!

E eram mesmo. Novo empregado apareceu, com diversas pautas, que foi afixando dificilmente, pois o apertão era medonho. Olhos esbugalhados, monossílabos nervosos a incerteza marcada no rosto contraído, todos queriam ver ao mesmo tempo.

Alberto, primeiro, tinha-se precipitado no movimento geral. Depois faltaram-lhe a força e a coragem, estremeceram-lhe as pernas. Ficou inerte, ao sabor daquela desordenada ondulação humana. A' frente, por cima das dezenas de cabeças, lá estavam as folhinhas brancas, coladas á parede, rabiscadas a azul e vermelho. Mas á distancia a que ele estava nada se via.

Só quando os entusiasmos iniciais da malta serenaram pôde aproximar-se. Olhou, a medo. Seus olhos ansiosos percorreram sôfregamente as linhas onde estavam os nomes dos alunos. Abelardo... Abraão... Alberto! Lá estava! Alberto Rodrigues...

Se jamais aquelas magras faces souberam o que era ter um aspecto rosado e saudável, naquele momento muito menos. Na verdade, ao ver o R. Alberto empalideceu terrivelmente, assustadoramente. Passou a mão trémula pela testa suada e, incrédulo, tornou a olhar. Mas não, não havia duvidas. O R enorme, em vermelho berrante, estava bem visível, á frente da palavra Rodriguez. Alberto Rodrigues, reprovado. REPROVADO...

— Passei, caramba, passei! E com onze!

Reparou no felizardo!... Era o Joaquim Lourenço, que, correndo e saltando como um louco, ràpidamente desapareceu porta fora.

Permaneceu imóvel. Apenas uma lágrima teimosa lhe turvou a vista, e os seus lábios, a custo descerrados, gemeram, num soluço: Maldito destino!

FERNANDO CORREIA
(18 anos)

Diario de Lisbôa
JUVENIL
NUMERO 195: 21 DE JANEIRO DE 1961

Uma tarde

Conto de MANUEL DINÍS DE ABREU

...Como aquela árvore ficou: triste, solitária, carcomida, deixando cair as ultimas folhas já amarelecidas, uma a uma no chão lamacento de um mundo ingrato..

...A sua volta os ventos desencadeados por mão invisível faziam-na vergar, gemer e elevar os braços nus ao céu numa suplica muda! Também ela não queria morrer, queria viver, para voltar a sentir as caricias suaves do sol da Primavera. Mas em resposta á sua suplica, apenas o vento soprou mais forte, um trovão ribombou no espaço seguido de outro e outro, acompanhados de uma estranha coreografia de relampagos, que se compraziam a iluminar fatidicamente o palco daquele drama...

Tudo estava acabado! A força da tormenta era mais forte do que a sua vontade, e, a pouco e pouco, sentindo as raízes abandonarem aquela que fora vida; disse adeus ao Mundo, um adeus para sempre...

...Vi então os seus braços descarnados erguerem-se mais alto num abraço final, eterno, para depois cairem inertes, sem vida!...

... ...

Apeteceu-me sorrir, também eu, tal como aquela árvore, sentia os rigores do vento furioso. Havia sómente uma diferença entre nós, é que ela deixara de sentir, e eu continuava ali a sentir, a sofrer, a rir...

O drama que fora dela continuava a ser o meu: lutar contra a adversidade das coisas do Mundo, da natureza; sobreviver a injustiças e hipocrisias para poder de novo sentir aquele mesmo sol que ela desejava: o sol da felicidade da paz...

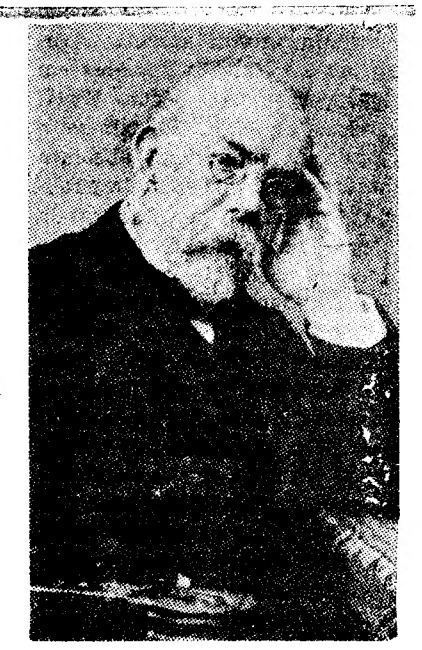
Eu e a árvore eramos iguais nos nossos dramas, nos nossos sentimentos, nas nossas ambições, por isso nos havíamos tornado amigos, confidentes...

E hoje, tal como em tantos outros dias, ali fora para conversar um pouco com ela. Mas não pude, e não pude porque perante os meus olhos só se encontravam os despojos moribundos daquela que para mim tudo havia sido...

Não pudemos conversar e os ultimos segredos ficaram consigo, apenas dissemos adeus!...

E depois ri, ri desvairadamente, loucamente; ri porque expulsava

(Continua na 4.ª página)



PASTEUR
grande exemplo para os novos

Crónica de VÍTOR LOURO DE SÁ

Louis Pasteur, nascido em Dôle, França, a 27 de Dezembro de 1822, era filho de um simples e muito honrado curtidor de peles, e de uma mulher do povo. Deu-nos um belo exemplo de carácter íntegro e de personalidade bem formada.

Desde muito novo, Pasteur adquiriu uma grande qualidade: a do trabalho. Para justificar isto, bastaria dizer que na sua vida não havia horas vagas. Mas é melhor desenvolver um pouco mais este assunto.

Dedicava-se, principalmente, ao estudo da Química; e, facto curioso, nunca, desde pequeno, foi aluno brilhante, antes pelo contrário, no seu exame de admissão á Escola Normal, por exemplo, obteve um mediocre naquela disciplina — não por falta de conhecimentos, evidentemente, mas porque, dado á reflexão atenta sobre as suas respostas, era um pouco demorado. Mas Pasteur não dava grande importancia ás classificações que obtinha: o que ele fazia era cumprir conscienciosamente os seus deveres. Não estudava para mostrar com notas a sua sabedoria; isso não. Estudava para saber — e de facto sabia! E gostava tanto de trabalhar, que mesmo quando estava doente não deixava de ir ao laboratório. E, também, não deixava que os discípulos descansassem mais do que o necessário. Vigiava-lhes os estudos, esclarecia-os, incitava-os a esforçarem-se. Para ele, todo o trabalho era inutil. Prestava grandes serviços á França e a toda a Humanidade valorizando a Ciência, pois todas as descobertas que fazia eram fruto do trabalho,

Mas Pasteur era um sábio que não se dedicava unicamente á ciência. Também estudava e discutia os problemas políti- do

(Continua na 4.ª página)

CADA QUAL SABE O QUE SABE

Soluções do 14.º concurso

HISTORIA

1.º — A Revolução Francesa foi um complexo movimento social que alterou profundamente a ordem e as instituições vigentes em França, por fins do século XVIII e começos do XIX. Regista-se a derrocada da monarquia absoluta e a implantação do regime republicano. Os princípios orientadores da Revolução visam o extermínio das desigualdades sociais, o bem-estar de cada cidadão e a criação de uma igual soma de deveres e direitos para todos os homens. 2.º — Danton foi uma das figuras mais notórias dessa Revolução, as suas divergências com alguns dos outros «leaders» levaram á sua condenação á morte. 3.º — Robespierre que mandou executar Danton, sucedeu-lhe como figura de maior prestígio entre os revolucionários. Mais tarde, em 1794, veio também a acabar na guilhotina, vítima de pesadas acusações por parte dos seus rivais.

ARTE E LITERATURA

1.º — Dante; 2.º — Velasquez; 3.º — Verdi.

CIÊNCIA E TÉCNICA

1.º — O dínamo transforma a energia mecanica em energia eléctrica; 2.º — Os motores de explosão utilizam como força motriz a alta tensão de gases aquecidos, resultantes da explosão de uma mistura detonante constituida por ar e um gás ou vapor combustível.

3.º — Os primeiros esforços no sentido da criação de um veículo automóvel para uso individual traduzem-se na adaptação a este objectivo da força do vapor de água. Mas o engenho a vapor necessário para accionar um veículo mostrou-se pouco prático, por ser muito pesado. E' com a invenção do motor de explosão e as experiências da sua aplicação a veículos automóveis devidas a Opel, Panhard, Benz, Levasseur, Peugeot, Renault, etc., que o automóvel começa a sua gloriosa carreira.

16.º concurso

HISTORIA

O que é o feudalismo?

O feudalismo em Portugal.

ARTE E LITERATURA

A invenção do cinema e o significado do advento cinema sonoro.

CIÊNCIA E TÉCNICA

1.º — Quem foi Darwin?

2.º — Quem foi Einstein?

3.º — Quem foi Laplace?

BIOFILIA

Vejo-o descer a rua,
Casaco chamado
Com alma fria, nua,
Voltando ao meu passado.

As pedras reluzentes.
Os lábios descolados,
Sem ter cor e ausentes
Tão gretados, cansados.

O corte do cabelo,
O contorno da nuca,
Recordando o modelo
Não esquecerei nunca.

E o timbre da voz?
E o franzir da cara?
Meu pensamento atroz
Já mos tira e mascara.

Vejo-o descer a rua,
Na noite, lentamente
Como alguém que recua
Mas continua em frente.

TREDI (18 anos)

Premiados e prémios do 14.º concurso

HISTORIA

Maria José Mendes (Lisboa) — «A vida quotidiana na Grécia de Pericles» (Livros do Brasil).

Vítor Louro de Sá (Braga) — «Deuses, sábios e tumulos» (Livros do Brasil).

Maria Eduarda Lemos Dias Oliveira (Lisboa) — «A Revolução Industrial» (Publicações Europa-América).

ARTE E LITERATURA

Armando Castro (Rio Maior) — «As maravilhas do cinema» (Publicações Europa-América).

Maria Paula Miranda (Parede) — «Leonardo da Vinci» (Livros do Brasil).

Maria Manuela Aguiar (Rio Maior) — «Luís de Camões» (Publicações Europa-América).

CIÊNCIA E TÉCNICA

Ana Bárbara (Lisboa) — «O átomo, na filosofia, na física e na química» (Publicações Europa-América).

António Coruche (Estoril) — «Maravilhas da Biologia» (Livros do Brasil).

Maria Palmira Neto (Coimbra) — «O voo no espaço cósmico» e «A inteligência» (Publicações Europa-América).

O CONTO DA SEMANA

por FERNANDO CORREIA

O átrio estava cheio de juventude alegre e buliçosa. Dezenas de rapazes, fumando e conversando, espalhando no ar uma algazarra tremenda. O nervosismo imperava, pois as notas finais do ano não tardariam a ser afixadas. Viam-se também ali alguns homens e mulheres já de certa idade, porventura pais ou parentes, demasiadamente ansiosos para aguardarem em casa o resultado esperado.

Se, entretanto, algum professor saía ou entrava para o liceu, logo se lhe abriam alas. E passava entre vénias e cumprimentos, tanto mais respeitosos quanto mais elevado fosse o grau de simpatia desfrutado.

Havia um grupo que se distinguia pela animação com que falava e ria. O Joaquim Lourenço, no meio, com os outros em semi-círculo, contava a ultima das suas facécias. Acompanhava as palavras com largos e significativos gestos, e a assistência ria a bom rir. Aquilo, aliás, era habitual. Filho de um novo-rico, daqueles de gema, herdara do pai o mau costume de chamar as atenções. Gastava dinheiro em todos os caprichos e extravagancias e, para ele, mostrar-se perdulário era uma virtude, ou melhor, uma honra. Tinha muitas inimizades, quase todos lhe reconheciam os defeitos, mas, quando resolvia contar qualquer coisa, logo o rodeavam, atentos. Com efeito, fazia-o com piada; por isso era conhecido como o «compére» da companhia.

— ... E então, porta fora, fugi a bom fugir, com os piores impropérios, saídos daquelas vozes esganiçadas, a choverem-me nas costas! Mas ouçam o melhor: ao dobrar uma esquina, lançado em corrida, mando uma cabeçada na barriga... sabem de quem? Calculem lá, hem? Calculem!?

Entre parêntesis, verdade se diga que quase ninguém acreditava nas histórias do Lourenço pois, duma maneira geral, elas deixavam transparecer um aturado trabalho de imaginação. Mas ouvi-lo era uma maneira de passar o tempo, e, então, todos sonhavam um pouco, transportando-se, como principais intérpretes, para aquelas exóticas aventuras.

Esta história, no entanto, parece que era das raras que tinha algo de verídico.

— Não, não sabemos. Espera aí, só se foi na pança do teu pai? Não me digas...!! — tentou adivinhar o Lombriga, galhofeiro.

— Qual quê! Na do Melo, meus filhos, na barriguinha do Melo! Em cheio, zás!

Os outros soltaram gargalhadas e exclamações de sincera admiração. E não era caso para menos, pois o dito Melo não era senão o professor de Filosofia, o mais temido do liceu. Diga-se de passagem que com toda a razão. Exigente, severo, nada compreensivo, nem entre os colegas gozava de estima. Então se, por qualquer razão, resolvia embirrar com determinado aluno, nem queiram saber. Nunca mais o largava, martirizando-o por todos os modos possíveis. Tinha, porém, uma característica muito especial. Gostava imenso que lhe fossem recomendar os alunos. Aquele que tivesse boas relações, quer dizer, boas cunhas, era certo e sabido: safava-se com o Melo. Segundo diziam alguns, era o caso do Lourenço.

As risadas ainda não tinham parado. Até o Alberto Rodrigues, tímidamente encolhido entre os ouvintes, entreabria os lábios num sorriso de prazer.

Sim, porque quase sempre Alberto se mantinha á margem das conversas dos colegas. Não por inimizade ou má-vontade, não porque fosse absolutamente insociável, mas por uma questão de feitio. E feitio bem especial. A sua ainda tão curta vida já, na verdade, lhe fornecera elementos suficientes para a formação de uma personalidade vincada. Era muito pobre, mas inteligente como poucos, sabedor e perspicaz. O pai, modesto escriturário de um modestíssimo escritório, desde há longos anos que vinha arrastando penosamente o pesado fardo das suas obrigações como chefe da família. Casara cedo com uma costureira do bairro, e logo as suas atribulações começaram. Em breve, com o aparecimento do primeiro rebento — Alberto de seu nome —, a situação riorara. Quantas vezes, no fim das magras refeições, o cinto fora impiedosamente apertado contra o chupado estômago da família, substituindo o arroz e as batatas que faltavam! Mas as qualidades de trabalho do sr. Rodrigues e o espírito de sacrifício de sua mulher, conseguiram endireitar o barco prestes a naufragar. Mais tarde surgira o problema da educação do garoto e a sua consequente entrada na escola. Exitações, dores de cabeça, lutas terríveis com o orçamento, tudo foi superado. E agora, passados mais duma dezena de anos, Alberto estava prestes a dar um passo quase decisivo no trilho duma boa posição na vida.

— E depois, pá, e depois? Que aconteceu? — tornou o Lombriga, traduzindo o interesse do grupo.

— Bem, depois... depois não houve outro remédio senão fingir que o não conhecia e continuar a correr pela rua abaixo, cavando a bom cavar! Talvez ele me não tenha topado, não sei... Mas isto é que foi um azar, hem!?

(Continua na página seguinte)

CONTARELO DE OLGA ALCINA DE VASCONCELOS (16 anos)

Palhaço, quem és tu? Figura mirambolante e trapalhona.

Que fazes? Nada, ou pouco mais.

Que ganhas? Nada, ou pouco mais.

Quem és tu? Um nada ou pouco mais.

Pobre palhaço. A tua cara é a de um hilare mono estupido! Mas um mono sorridente. Que ri, ri, ri sem vontade. Num riso estupido. Ah! E ris. Mais. Ainda mais. Em sonoras gargalhadas. Falsas, ocas, brutais!

Mas, afinal, quem és tu? Um miserável? Um burguês? Um rei?

Sim, um rei da gargalhada do teu pobre palco de misérias. Ah! Palhaço! Como tu ris! Num riso seco e enervante. Um riso de nojo de boneco estupido. Pára! Detem esse riso infernal. Por quem és! Enlouqueces-me. Ah! Essa boca, essa cara. Miseráveis e cruéis. Tu sofres, não é? E' por isso que ris. Para que eu me ria. Para que todos riam. Eu sei. És e sempre foste assim. Bobo sem nome e sem glória, mas que num momento arrebatas e hilarias a multidão que palpita e chora como tu. Mas o teu choro é diferente. Eu sei, escusas dizer-mo. Enquanto ris, choras para dentro. Noto-o nesse riso metálico e nervoso.

Pobre palhaço. Tenho pena de ti, rei de trapos. O boneco de luxo.

E' assim a tua vida. Continua, pobre palhaço.

Continua, rei de coroa de lata. Continua pois, que é assim a tua vida.

Eu compreendo-te.

Pobre Palhaço Boneco...

O MEU PROFESSOR TAL...

Estou a lembrar-me de uma professora de instrução primária que tive apenas durante um ano, mas que, para mim, ficou como o tipo de professora ideal.

Já não era nova, creio mesmo que já estaria na casa dos sessenta, mas nunca conheci ninguém de espirito mais jovem e de melhor humor. Nunca a vi triste, aborrecida ou impaciente. Mostrava-se sempre alegre ou, pelo menos, bem disposta. Nas aulas, trabalhava-se a valer, não admitindo a mais pequena distracção ou cabulice, chegando a ser severa nas raras ocasiões em que algum de nós pretendia ludibriá-la. Mas, terminada a aula, era uma companheira alegre e engraçada, que nos ensinava jogos, adivinhas, danças e canções. Creio que a musica era a sua grande paixão.

Solteira, esta senhora vivia com uma sobrinha dos seus sete anos, e tinha uma casa sempre cheia de rapazes e raparigas, pois dava lições de musica, e organizava frequentemente, com esses alunos, récitas de caridade.

Nós, os miudos da escola primária, éramos muitas vezes convidados para ir a sua casa, aos sábados e domingos, e nunca me hei-de esquecer dos bons bocados que passávamos no quintal da professora, jogando, cantando, e fazendo danças de roda.

Depois de uma boa brincadeira, sentávamo-nos debaixo da grande nespereira, e recordávamos uma ou outra lição em que tinhamos mais dificuldade. Era assim que ela costumava dar as aulas extraordinárias, nas vésperas dos exames.

Fui para o liceu e tive vários professores e professoras, mas nenhum suplantou na minha amizade a professora da quarta classe primária.

Compreendo que numa cidade e num curso secundário se tem de trabalhar de maneira diferente. Mas, como seria bom se o mesmo espírito de camaradagem alegre e franco, animasse os nossos professores!

Na minha opinião, o melhor professor é aquele que sabe fazer-se estimar pelo aluno, que sabe tornar agradáveis as horas da aula e atraentes as matérias da lição. O professor alegre e simpático, que sabe comunicar com o aluno, que sabe transmitir-lhe os seus conhecimentos e conquistar a sua confiança e amizade, esse é que é o professor numero um. E' claro que a justiça é uma condição muito importante. Mas a justiça (ou a injustiça) só vem depois, na hora das «notas», e antes disso já se estabeleceu, ou não, entre o professor e o aluno, a tal simpatia, confiança, e demais condições que mencionei.

Tenciono seguir «biológicas» e vir a ser professor. E quando tiver a rapaziada na minha frente, a olhar para mim, á espera das minhas palavras, hei-de lembrar-me da minha professora da quarta classe, e procurar ser, como ela, um bom camarada, amigo e alegre.

COCA-BICHINHOS
(16 anos).

O poema dos meus poemas

O arrepio da vertigem,
O abandono espacial!...
Deixei p'ra trás a origem
Deste Vazio Abissal...

E anseio, para final
Da queda vertiginosa,
A crôsta de um lamaçal!...
—Minha cama pantanosa
Que, lá de baixo, já chama
Este meu corpo de lama
Para a carícia lodosa!...—

Caio no sêco paúl,
Na sua crôsta de lama...
E olho, do pântano, o Azul
Que, no Alto, o Céu derrama!...

E peço,—daquele pântano
De rude crôsta castanha—,
Que o Sol dê lugar às núvens
E a chuva venha!...

Rodrigo Emílio d'Alarcão Mello
(16 anos)

CONSULTA **Peço-te que não rias de mim, Tião. Isto que venho contar-te, não chega a ser um problema, eu bem o compreendo, pois tenho lido esta secção, e vejo que realmente há rapazes e raparigas que têm que resolver situações difíceis, e «isto» nem chega a ser «uma situação». Mas enfim, é qualquer coisa que me aborrece, e que eu não sei evitar, por isso venho pedir a tua ajuda.**

Toda a gente diz que falo demais, e eu acredito. Sou capaz de estar uma tarde inteira sem me calar, e quanto mais falo, mais tenho que dizer. Nessas alturas, mesmo que queira calar-me não sou capaz, porque as ideias vêm umas atrás das outras, e eu tenho por força de as dizer. Depois chamam-me «língua de trapos», e eu fico furiosa, e ainda falo mais. Em geral quando isto acontece começo a dar ao pé, para cá e para lá, a princípio nem dou por isso, mas de repente reparo no que estou a fazer, e não gosto, acho feio, mas parece que me deram corda e não sou capaz de estar quieta. Como posso evitar estas coisas, Tião?

E ainda há mais. Tenho a manía de me pôr a encaracolar o cabelo com os dedos enquanto estou a falar. As pessoas dizem que faço isto por ser toleirona, mas juro que não, é um hábito, mais nada, mas também não sou capaz de o perder.

Tião, porque é que a gente faz estas coisas que ninguém nos ensina e que não gostamos de fazer?

RESPOSTA É uma questão de temperamento, não te parece? Uma pessoa pode ser alegre ou triste, comunicativa ou reservada, e as suas reacções e atitudes dependem naturalmente da sua maneira de ser.

Deixa-me dizer-te que, na tua idade, ser palradora, viva, irrequieta, é tudo que há de mais natural, e nada tem de censurável. Desde, evidentemente, que não exceda os limites da correcção e não incomode as outras pessoas.

Mas, tomando á letra o que me dizes, posso concluir que és uma rapariguinha bastante nervosa. Essa verbosidade, esses movimentos irreflectidos, podem muito bem ser a consequência de uma excitação de nervos. E, nesse caso, penso que deves ouvir a opinião do médico. Fala nisto aos teus pais. Já lá vai o tempo em que se julgava que o médico só era necessário em casos de febre e de dores.

Ao mesmo tempo, e já que tens uma opinião sobre ti própria, procura corrigir-te, dominar-te, acalmar-te. Para isso, experimenta concentrar toda a atenção no trabalho que estejas fazendo; e, em vez de falares tu constantemente, ouve com interesse aquilo que as outras pessoas tenham para dizer.

Também me parece que seria excelente se pudesses frequentar um curso de ginástica ou dança rítmica, e se praticasses uma modalidade desportiva. Estou a pensar na natação (que em meu entender devia ser praticada por todas as pessoas), tanto mais que tens perto uma esplendida piscina.

Creio que, seguindo estas indicações, perderás essas «manias» e alcançarás o domínio que ambicionas.

Agradeço-te o retratinho que mandas-te; foi uma ideia gentil, que muito me sensibilizou

TIÃO

Mais e menos

Braços longos imortais
Dedos redondos pequenos
são molas dum corpo vivo
Nós somos todos iguais
Não sou de mais nem de menos:
sirvo
Solidão é que me iguala
Não há corsários no mar
Com outros
cruzo o olhar
Por outros
modelo a fala

Eduardo do Prado Coelho — 16 anos

Pasteur grande exemplo para os novos

(Continuação da 1.ª página)

seu tempo. Era defensor duma republica fraternal e humana, que respeitasse os direitos do cidadão e na qual se pudesse trabalhar livremente pelo progresso da França e do mundo inteiro, como diz Agostinho da Silva no seu livro «A vida de Pasteur». E como republicano, era também democrático, desejando uma democracia que permitisse a cada individuo dar o seu máximo de esforço no mundo. E se era defensor duma republica democrática, era porque queria um governo que dirigisse segundo a vontade do povo e em que os problemas fossem discutidos e resolvidos com a calma e precisão dos trabalhos cientificos.

Pasteur era, também, grande patriota. Revoltando-se por ver a opressão que as tropas alemãs estavam a exercer em França, reagiu pelo unico meio que tinha ao seu alcance — como estava quase paralitico, não podia lutar contra elas —, devolveu o diploma de doutor que a Universidade de Bona lhe havia oferecido. E, sem mais não poder fazer, viu morrer o Império de Napoleão III — como todas as tiranias — no meio da vergonha e do sangue.

Já quase no fim da vida deu prova, mais uma vez, do seu patriotismo: Tendo-se realizado na Sorbonne uma sessão em sua homenagem, e para a qual Pasteur entrou pelo braço do presidente da Republica, escutou as saudações de Lister, as ovações do publico, e onde um estudante o apontou como um exemplo a seguir por toda a juventude; o imperador da Alemanha também quis associar-se ás grandes homenagens que lhe vinham prestando, oferecendo-lhe uma condecoração. Mas Pasteur rejeitou-a com muita dureza, visto ainda se lembrar do que a sua Pátria havia sofrido com as perseguições alemãs: a sua bondade não se estendia a bárbaros.

Louis era também muito religioso e admitia a ideia de um Deus criador do Universo. Ia á Igreja, mas este dever parecia-lhe mais uma questão de decência do que propriamente um dever moral. Ele, porém, não se limitava a assistir áquele acto. Não. Achava que os deveres morais que o cristianismo impunha a qualquer cristão constituiam o que de mais importante havia na sua religião. Também não exteriorizava os seus sentimentos religiosos porque dava muito mais importancia ao continuo progredir da alma do que á exteriorização dos mesmos, pelo que, geralmente, não os revelava.

Pasteur queria viver para ajudar o próximo em tudo o que lhe fosse possivel. E gostava de auxiliar mesmo aqueles que tinham ideias opostas ás suas, desde que a consciência não fosse forçada. Não tolerava consciências que não fossem livres.

Neto de camponeses, era verdadeiro e justo. Quando tinha razão ao afirmar qualquer coisa e outros se lhe opunham falsamente defendia corajosamente a sua afirmação, sem nunca ter poupado palavras e esforços para combater a mentira ou esclarecer devidamente os duvidosos. A lealdade e a simplicidade contribuiram muito para que ele fosse admirado e querido por todos os seus discipulos e por muitas centenas de pessoas, inclusive grandes mestres, e que muitos o tomassem ara exemplo.

De facto, Pasteur era muito simples. Pelos serviços que prestou ao Mundo, e pelas homenagens que os homens lhe renderam, podia ter-se apoderado dele um certo desinteresse que o separasse dos seus semelhantes. Mas não. Nasceu, viveu e morreu simples! A sua ultima afirmação de simplicidade foi a recusa que fez da solene homenagem da deposição do seu corpo no Panteão. E no tumulo em que jazem os seus restos mortais, lêem-se estas humildes palavras: 'qui repousa Pasteur».

UMA TARDE

(Continuação da 1.ª página)

o desespero de ver desaparecer aquela que tanto estimava, que tanto amava, que eu próprio um dia ingénuamente havia feito nascer, deixando cair naquela mesma terra a semente que a gerara. — Como ela viera ao Mundo tão pequenina, tão tenra, tão débil... E depois crescera, tornara-se forte, gigante, acolhedora...

Quantas horas meu Deus, quantas horas esquecidas eu passara debaixo dos seus ramos, torturado por aquela doença que enfermava o meu corpo de criança. Ela e a minha mãe eram os meus unicos lenitivos, não tinha outros! Meu pai há muito tinha abandonado este reino terrestre desesperado e desiludido, e quanto a amigos não os possuia; eles alegavam que eu não era camarada, que vivia entregue a ideais superiores, que não conseguiam entender; por isso detestavam a minha companhia, sentiam-se mal, asfixiados, exitavam-me. Estavam no seu direito, até porque compreendia que eles é que estavam dentro da razão — se alguém estava errado, esse alguém era eu!

O mau tempo no entanto estava a passar, e em breve comecei a sentir o corpo livre daquela doença teimosa, era a vida que a mim voltava plena de vigor e alegria!

Mas de subito, com a rapidez de um raio, algo aconteceu que me roubou para sempre uma felicidade que começava à despontar, algo que iria fazer com que tudo deixasse de ter sentido á minha volta: a morte de minha mãe!...

Tornava a escurecer: tudo negro, vazio! A minha alma voltava a penetrar na escuridão mergulhando no desespero... E no meu coração principiava a despontar um sentimento que até ai desconhecia: o ódio! Ódio pelo Mundo que impiedosamente levava para a eternidade aquele ser que tanto amava...

...Chorei então junto daquele rosto branco, lívido, sem vida...

— Chorava muito, convulsivamente, chorava sempre!...

... ...

Agora que a pobre árvore, marco recordativo de uma infancia ainda não longinqua, se confundia e enterrava na lama, nada me restava de bom, tudo desaparecera na poeira do tempo.

E enquanto a tempestade continua a rugir ao meu redor, ali estou, sentado numa pedra talhada rudemente pela natureza, perdendo o olhar indefinidamente num ponto além, lá muito ao longe...

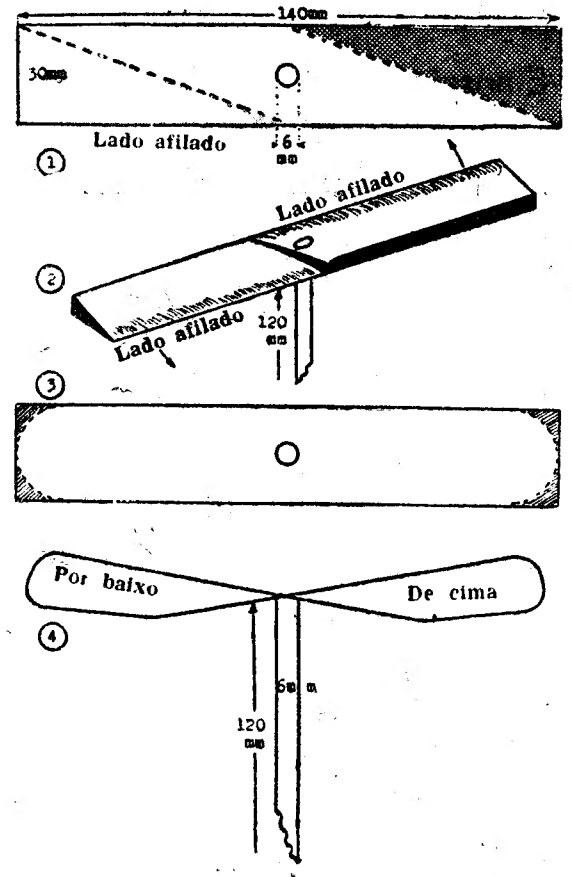
E' uma estranha sénsação que se apossa da alma, ao sentir-se aproximar lentamente desse ponto... Tudo se transforma de repente de negro em branco, um branco luminoso que me ilumina e enche de felicidade... Sei que estou a meio caminho mas encontro forças para olhar mais uma vez para aquela forma escura caida a meus pés... Cerro-os com um sorriso e começo a escutar já vagamente o bater da chuva, o ribombar do trovão, o assobiar do vento... E aquele ponto além, corro para ele depressa, vertiginosamente e por fim alcanço-o! Atingi a meta, enfim descanso...

...E para lá das nuvens, na terra do Homem, envolvidos pela tempestade, sómente ficaram duas formas escuras tombadas na lama: os farrapos do meu corpo e os restos de uma árvore ressequida, a minha árvore...

Um helicóptero sem motor

Um helicóptero: um hélice que roda horizontalmente e eleva no ar uma cabina, com um ou mais ocupantes. É simples: o hélice, desde que entra em movimento, comporta-se como um saca-rolhas, avançando pelo ar e arrastando atrás de si a cabina. Por hoje, não vamos construir um helicóptero. Contentar-nos-emos com um hélice, capaz de subir, sem esforço, á altura de um primeiro andar.

Precisamos de uma placa de madeira, muito leve e com uns 2 milimetros de espessura. Cortamos um rectangulo de 140 por 30 milimetros (fig. 1). Abrimos, ao centro, um buraco com 6 milimetros de diametro, onde introduzimos, á força, um eixo de raio ligeiramente maior. E, não perdemos nada se utilizarmos um pouco de cola para ajudar a fixar o eixo.



Adelgaçamos os dois lados maiores do hélice (os sombreados da fig. 2). Faltou-nos dizer que o eixo deve ter uns 120 milimetros de comprimento, e ser, também, de madeira muito leve.

Está tudo pronto. Vamos pôr o aparelho a funcionar: colocamos o eixo entre as palmas da mão, encostadas uma á outra. Puxamos rápidamente as mãos, de modo que a mão direita se afaste do nosso corpo e a esquerda se aproxime. Largamos o nosso «helicóptero», que se eleva no ar, sem hesitação, veloz.

Em vez de madeira, podemos utilizar uma folha de metal muito pouco espessa (cobre ou outro metal pouco pesado), com o mesmo comprimento e a mesma largura, mas com as extremidades arredondadas (fig. 3). Também fixamos um eixo ao centro, após o que encurvamos as asas do hélice (fig. 4).

O resultado será tão brilhante como com o «helicóptero» de madeira.

Talvez duvidem, mas a verdade é que este hélice tem exactamente meio século. O helicóptero já fora imaginado, mas ainda decorreriam algumas dezenas de anos antes de se aperfeiçoar um motor a gasolina capaz de fazer mover o hélice, a que se dá o nome de rotor. É verdade, este hélice foi um dos brinquedos favoritos dos vossos pais!

Aos jovens interessados

num intercâmbio com jovens franceses

O «Bureau des Voyages pour la Jeunesse-Jofarl», cuja sede em Portugal se encontra em Mem Martins, na Avenida Chaby Pinheiro, 20, e que funciona em estreita colaboração com o «Club des Quatre Vents», de Paris, comunica-nos que, sem exigir qualquer pagamento de inscrição, envia aos jovens interessados em receberem em Portugal jovens franceses, ou em serem recebidos por eles em França, um questionário de pedido para esse intercambio. Esse questionário deverá ser devolvido ao «Bureau Jofarl» até 20 de Fevereiro, juntamente com um certificado médico comprovativo de que o candidato não sofre de qualquer doença contagiosa.